



**CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM BIBLIOTECONOMIA  
MESTRADO PROFISSIONAL EM BIBLIOTECONOMIA**

**KATTY ANNE DE SOUZA NUNES**

**TRILHARES DA BIBLIOTERAPIA PELO BRASIL: TRAJETÓRIAS DE PROFISSIONAIS  
EM MOVIMENTO**

**JUAZEIRO DO NORTE  
2025**

KATTY ANNE DE SOUZA NUNES

TRILHARES DA BIBLIOTERAPIA PELO BRASIL: TRAJETÓRIAS DE PROFISSIONAIS  
EM MOVIMENTO

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Biblioteconomia, da Universidade Federal do Cariri (UFCA), como requisito para a obtenção do título de Mestre em Biblioteconomia.

**Área de Concentração:** Biblioteconomia na Sociedade Contemporânea.

**Linha de Pesquisa:** Informação, Cultura e Memória.

**Orientador:** Prof. Dr. Jucieldo Alexandre Ferreira.

JUAZEIRO DO NORTE

2025

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Federal do Cariri  
Sistema de Bibliotecas

---

N972t Nunes, Katty Anne de Souza.

Trilhares da biblioterapia pelo Brasil: trajetórias de profissionais em movimento /  
Katty Anne de Souza Nunes. – 2025.

145 f. il.: color. 30 cm.

(Inclui bibliografia, p.120-128).

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Cariri, Centro de Ciências Sociais  
Aplicadas, Curso de Pós-Graduação em Biblioteconomia, Juazeiro do Norte, 2025.

Orientador: Prof. Dr. Jucieldo Alexandre Ferreira.

1. Biblioterapia. 2. Memória. 3. História oral. 4. Biblioterapia no Brasil. 5. Museu da Pessoa. I. Ferreira, Jucieldo Alexandre - orientador. II. Título.

CDD 028.02

---

Bibliotecário: João Bosco Dumont do Nascimento – CRB 3/1355

**KATTY ANNE DE SOUZA NUNES**

**TRILHARES DA BIBLIOTERAPIA PELO BRASIL: trajetórias de profissionais em movimento**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Biblioteconomia, da Universidade Federal do Cariri (UFCA), como requisito para a obtenção do título de Mestre em Biblioteconomia.

**Área de Concentração:** Biblioteconomia na Sociedade Contemporânea.

**Linha de Pesquisa:** Informação, Cultura e Memória.

Aprovada em: 09/06/2025

**BANCA EXAMINADORA**

Documento assinado digitalmente



**JUCIELDO FERREIRA ALEXANDRE**

Data: 13/06/2025 11:56:37-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

**Prof. Dr. Jucieldo Alexandre Ferreira**

Universidade Federal do Cariri/UFCA

Presidente da Banca

Documento assinado digitalmente



**BERNARDINA MARIA JUVENAL FREIRE DE OLIVEI**

Data: 23/06/2025 11:51:47-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

**Profa. Dra. Bernardina Maria Juvenal Freire de Oliveira**

Universidade Federal da Paraíba/UFPB

Membro externo

Documento assinado digitalmente



**MARIA CLEIDE RODRIGUES BERNARDINO**

Data: 23/06/2025 10:50:57-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

**Prof. Dra. Maria Cleide Rodrigues Bernardino**

Universidade Federal do Cariri/UFCA

Membro interno

Documento assinado digitalmente



**PRISCILLA REGIS CUNHA DE QUEIROZ**

Data: 23/06/2025 14:08:25-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

**Prof. Dra. Priscila Régis Cunha de Queiroz**

Universidade Federal do Cariri/UFCA

Membro interno

Dedico,

*Às almas transgressoras que encontram na arte caminhos  
para a criação com/de sentido.*

## AGRADECIMENTO

Agradeço,

Ao Ser criador de tudo que há, pelo seu infinito amor e generosidade por mim.

Ao Gutemberg Praia Araujo, meu companheiro, - que em momento algum se opôs a vivenciar essa jornada ao meu lado - por toda parceria, paciência, cumplicidade, torcida e participação direta e indireta na pesquisa. Seu cuidado, carinho e atenção foram essenciais.

À todas as pessoas da minha família (M<sup>a</sup> do Rosário Ferreira - mãe, Antônio Carlos Nunes - pai, Ingrid e Aparecida Nunes - irmãs, Mario Ferreira - irmão, Laís Ferreira - sobrinha, Júlio César Ferreira e Benício Praia - sobrinhos, M<sup>a</sup> Júlia Ferreira – avô, Ana Maria Nunes – representando as tias, Camille Nunes – representando as primas, Odaly Praia - sogra, Francisco Araujo - sogro, Lilia Ferreira e Bruna Praia - cunhadas, Denyel Praia e Henrique Gomes - cunhados) por participarem disso também. É bom quando o mestrado se torna um projeto de família, mesmo sem saberem exatamente como se dá o envolvimento.

Às/Aos amigas(os), que vibram, torcem, acolhem, ensinam, inspiram e colaboram, cada qual à sua maneira. Vocês sanem quem são vocês. Vocês alegam meus dias!

Às minhas gatas, Maggie e Diadorim, por serem companhias em momentos em que era só eu, o computador e as ideias a serem escritas.

Ao meu querido orientador, prof. Dr. Jucieldo Alexandre Ferreira, pela confiança na minha capacidade de realizar a pesquisa, pela disponibilidade de todas as horas, pela forma gentil que conduziu o processo, pela alegria dos encontros e pela pessoa responsável, íntegra e competente que é.

À amiga Arysa, pelo apoio, parceria, ensinamentos, confiança, palavras de incentivo, companhia, laços fortalecidos, por nos integrar ao seu núcleo familiar e, por tudo que foi vivido!

À amiga Schirley Pinheiro, que em um momento desafiador em Juazeiro do Norte nos acolheu em seu lar e em sua família, por todas as incríveis vivências, pela amizade construída e por ser inspiração. Estendo os agradecimentos a toda família Carroça de Mamulengos.

Às professoras Rosa (alfabetização), Leonor Benfica (Ensino Médio), Soraia Magalhães e M<sup>a</sup> Sebastiana Guedes (Ensino Superior), que comigo compartilharam do amor pelos livros e pelas histórias e me ensinaram a amá-los também.

À Universidade Federal do Cariri (UFCA), que desejei que fosse minha casa assim como foi/é a Universidade Federal do Amazonas (UFAM) e, ao Programa de Pós-Graduação em Biblioteconomia (PPGB), por me acolher. Às professoras e aos professores com os quais

tive aulas (Priscilla Régis, Ariluce Elliott, Cleide Bernardino, Jucieldo Alexandre, Jonathas Silva e Paulo Cajazeiras) por todas as trocas e ensinamentos, vocês são admiráveis.

À Profa. Ariluce Elliott, pela sua amizade, carinho, torcida, generosidade, alegria, ensinamentos e apoio, não esqueceremos o dia em que nos enfiou em seu carro (sem nos conhecer) e, com a gente foi procurar apartamento para alugarmos.

À Profa. Cleide Bernardino, pelo companheirismo e acolhida, por ser inspiração, pelas corridas, cafés, conversas e viagens, por tantos momentos vivenciados.

À turma de 2023 do PPGGB pela companhia, trocas, risadas e momentos de desespero, em especial, Marilucia Sousa (pela amizade que se consolidou), Suelly Sousa (minha parceira de artigos, cafés, confidências e muitos áudios trocados), Cristóvão Maia e Thauany Santos (-sim, vocês são quase um só - pelo carinho, encontros e altas conversas).

Às pessoas tão queridas que conheci nesse tempo (2 anos e 4 meses) vivido em Juazeiro do Norte, presentes que a vida me proporcionou. Aprendi, fui feliz e me inspirei em vocês!

Às mulheres incríveis da minha banca, profa<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup>. Priscilla Régis, profa<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup>. Cleide Bernardino e profa<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup>. Bernardina Freire por aceitarem ao nosso convite, pelo olhar atento ao trabalho, pelas significativas contribuições e pela generosidade das palavras.

Às queridas Christiane Buenos (SP), Ana Cláudia Leite (SP) e Inez Garcia (SC), que tão carinhosa e gentilmente me acolheram, me ouviram e sanaram minhas dúvidas no início do meu trabalho com a biblioterapia. E posteriormente, à todas as pessoas que dialogaram e dialogam comigo sobre a temática.

Às pessoas envolvidas com a pós-graduação em biblioterapia da Unochapecó, docentes, equipe técnica e, especialmente as/os discentes, por me instigarem, pelas partilhas de conteúdo, carinho, palavras de apoio e abraços trocados nos possíveis e incríveis encontros presenciais.

Ricardo Sousa, Érica Verçosa e Adriana Freitas, cujos laços de “alunas(o)/professora” se estenderam e hoje somos parceiros de trabalhos e amigas(o).

À Cristiana Seixas, mestra, palavra andante (minha primeira inspiração nessa caminhada) e a toda Bibliofamília pelo apoio, torcida, colaboração com a pesquisa e inspiração com seus seres, saberes e fazeres.

Às mulheres do grupo de leitura compartilhada Ouaknin (quinta-feira), por me ampliarem o mundo, pelas infinitas sugestões de filmes, livros, peças teatrais etc. e por todas as dúvidas que tínhamos, temos e teremos. Seguimos nesse eterno vir a ser.

Às mulheres do grupo de leituras biblioterápicas pelo acolhimento, partilha e divertimento, a cada noite de segunda que consegui estar com vocês!

Às pessoas que integram o Grupo de Estudos e Pesquisas em Mediação da Informação e Circuitos de Formação Protagonista (GEMINFO), do(a) Universidade Estadual do Piauí (UESPI), pela humanidade das relações, leveza dos encontros e ampliação dos saberes.

À Secretaria de Estado de Saúde do Amazonas, causadora do meu encontro com a biblioterapia, por me permitir trilhar esse percurso de forma tão inteira e intensa.

À Ana Karla Noronha, Dalva Coimbra, Davi Cunha, Fabiana Gurgel e Hulda Graça por sempre terem acreditado na biblioterapia, pela confiança em meu trabalho, parceria e apoio.

À Maria do Carmo por toda torcida, incentivo, companhia e apoio.

Às pessoas que se dispuseram a responder a pesquisa e compor esse mosaico da biblioterapia pelo Brasil.

Às narradoras das trajetórias de vida, sem vocês o produto da pesquisa não seria tão rico. Pela confiança, confissões, partilhas, acolhimento, carinho e parceria, gratidão!

Às amigas que me acolheram/hospedaram em seus lares durante as viagens para as entrevistas, o apoio de vocês foi fundamental (Edna Gomes, Marília Guedes, Malu Lira, Rosângela Gomes, Cristina Landim/Nayara Marinho).

Por último, e muito importante, a você que nos ler, pois assim como o livro não passa de um objeto se não for aberto, esse trabalho também precisa do seu olhar para que seja visto, aceito (ou não), questionado, compartilhado e ampliado.

*"Tenho o privilégio de não saber quase tudo. E isso  
explica o resto."*

Manoel de Barros

## RESUMO

Com uma contextualização histórica que remonta ao Antigo Egito, onde já se reconheciam os benefícios da leitura, e considerando sua consolidação como prática terapêutica no início do século XX sob o nome de biblioterapia, pode-se dizer que essa prática se utiliza da leitura, em suas possibilidades mais amplas, para promover saúde e bem-estar (benefícios socioemocionais), assim a biblioterapia tem um papel transformador na vida pessoal e profissional de quem realiza a sua mediação e/ou de quem participa dos seus encontros. Diante dessa relevância, a dissertação investiga a prática da biblioterapia no Brasil, tendo o foco nas trajetórias de profissionais envolvidos com esse fazer. O estudo é motivado pelos poucos registros sistematizados sobre esses percursos e pelo desejo de contribuir para a construção da memória social do grupo. A pergunta que norteou a pesquisa foi: Quais narrativas são apresentadas por profissionais que atuam com a biblioterapia pelo Brasil, de forma a revelar o panorama atual da prática e contribuir para a construção da memória social do grupo? Os objetivos dividem-se em objetivo geral, que busca investigar a prática da biblioterapia pelo Brasil, a partir das narrativas de profissionais atuantes na área e, os específicos pretendem: discorrer sobre os aspectos teóricos e conceituais da biblioterapia e da Memória; caracterizar o panorama da situação da biblioterapia, por meio do perfil de profissionais que trabalham com a prática pelo Brasil e identificar e evidenciar trajetórias de pessoas bibliotecárias que atuam com a biblioterapia, compondo uma coleção audiovisual no site do Museu da Pessoa. A Metodologia é composta por uma abordagem quali-quantitativa, com coleta de dados em duas fases: aplicação de questionário online a profissionais que atuam com biblioterapia, utilizando o método "bola de neve" e, posteriormente a realização de entrevistas de História Oral com bibliotecárias pioneiras na prática, para compor a coleção "Memória da Biblioterapia pelo Brasil", hospedada no site do Museu da Pessoa, resultando no produto do trabalho. Ressalta-se que a fundamentação teórica abrange conceitos de memória, informação e biblioterapia e temas relacionados. Como resultado obteve-se 90 participantes na primeira fase da coleta e, seis entrevistadas na segunda fase, o que, por meio da análise, proporcionou ampliação da compreensão sobre a biblioterapia como campo de atuação inter e multidisciplinar. Além de apontar as motivações, desafios, contribuições acadêmicas e outras nuances a serem pensadas a fim de fortalecer a prática e se pensar o seu futuro. Espera-se que o estudo sirva de socialização das memórias, inspiração de novos estudos, olhar mais atento as pessoas mediadoras e fortalecimento das práticas.

**Palavras-chave:** Biblioterapia; Memória; História oral, Biblioterapia no Brasil; Museu da Pessoa.

## ABSTRACT

With a historical contextualization that dates back to Ancient Egypt—where the benefits of reading were already recognized—and considering its consolidation as a therapeutic practice in the early 20th century under the name "bibliotherapy," it can be said that this practice uses reading, in its broadest possibilities, to promote health and well-being (socioemotional benefits). Thus, bibliotherapy plays a transformative role in the personal and professional lives of those who mediate it and/or those who participate in its sessions. Given this relevance, the dissertation investigates the practice of bibliotherapy in Brazil, focusing on the trajectories of professionals involved in this field. The study is motivated by the scarcity of systematized records on these journeys and by the desire to contribute to the construction of the group's social memory. The research was guided by the following question: What narratives are presented by professionals who work with bibliotherapy across Brazil, in a way that reveals the current landscape of the practice and contributes to the construction of the group's social memory? The objectives are divided into a general objective—to investigate the practice of bibliotherapy in Brazil based on the narratives of professionals active in the field—and specific objectives, which aim to: discuss the theoretical and conceptual aspects of bibliotherapy and memory; characterize the current landscape of bibliotherapy through the profile of professionals who work with the practice in Brazil; and identify and highlight the trajectories of librarians who work with bibliotherapy, creating an audiovisual collection on the website of the Museu da Pessoa (Museum of the Person). The methodology consists of a qualitative-quantitative approach, with data collection carried out in two phases: an online questionnaire distributed to professionals working with bibliotherapy using the "snowball" method, followed by Oral History interviews with pioneering librarians in the field, to compose the collection "Memory of Bibliotherapy in Brazil," hosted on the Museu da Pessoa website, which serves as the final product of this work. It is worth noting that the theoretical framework includes concepts of memory, information, and bibliotherapy, as well as related topics. As a result, 90 participants were involved in the first phase of data collection and six were interviewed in the second phase. The analysis expanded the understanding of bibliotherapy as an inter- and multidisciplinary field of practice. Additionally, it revealed motivations, challenges, academic contributions, and other nuances that should be considered to strengthen the practice and envision its future. It is hoped that this study will contribute to the sharing of memories, inspire further research, encourage greater attention to mediators, and support the strengthening of bibliotherapy practices.

**Keywords:** Bibliotherapy; Memory; Oral history; Bibliotherapy in Brazil; Museu da Pessoa.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b> –	Todo o mundo fala .....	34
<b>Figura 2</b> –	Sucinta linha do tempo da biblioterapia .....	50
<b>Figura 3</b> –	Xilogravura ‘Memórias da biblioterapia’ 1/1.....	57
<b>Figura 4</b> –	Estados que tiveram respondentes na pesquisa: divisão por região .....	63
<b>Figura 5</b> –	Representação de capacitações que auxiliam na prática da biblioterapia, segundo as pessoas participantes da pesquisa.....	71
<b>Figura 6</b> –	Livros e histórias que marcaram as pessoas da pesquisa .....	78
<b>Figura 7</b> –	Site do Museu da Pessoa.....	107
<b>Figura 8</b> –	Mulheres graduadas em Biblioteconomia entrevistadas para a coleção “Memórias da Biblioterapia pelo Brasil” .....	111
<b>Figura 9</b> –	Área de gravação de vídeo no site do museu .....	114
<b>Figura 10</b> –	Área da Coleção ‘Memórias da Biblioterapia pelo Brasil’ no site do Museu da Pessoa .....	115
<b>Figura 11</b> –	Página da coleção ‘Memórias da Biblioterapia pelo Brasil no Site do Museu da Pessoa: narradoras. ....	116

## LISTA DE GRÁFICOS

<b>Gráfico 1</b> –	Faixa etária das pessoas participantes da pesquisa .....	59
<b>Gráfico 2</b> –	Gênero das pessoas participantes da pesquisa .....	61
<b>Gráfico 3</b> –	Formação acadêmica das pessoas participantes da pesquisa .....	67
<b>Gráfico 4</b> –	Publicação na temática da biblioterapia. ....	74
<b>Gráfico 5</b> –	Ano de iniciação do trabalho com a biblioterapia.....	90
<b>Gráfico 6</b> –	Formato dos encontros de biblioterapia. ....	95

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1</b>	–	Objetivos da pesquisa e instrumentos de coletas de dados .....	28
<b>Quadro 2</b>	–	Fases da biblioterapia. ....	52
<b>Quadro 3</b>	–	Representatividade das cidades e estados do país.....	64
<b>Quadro 4</b>	–	Fundamentação: leituras base para o mediar e o pesquisar.....	72
<b>Quadro 5</b>	–	Livros com a temática biblioterapia publicados recentemente no Brasil...	76
<b>Quadro 6</b>	–	Os tipos de trabalho com a biblioterapia. ....	93
<b>Quadro 7</b>	–	Os tipos de trabalho x idade – foco no voluntariado.....	94
<b>Quadro 8</b>	–	Informações sobre as entrevistas de História Oral .....	110

## LISTA DE ABREVIACÕES E SIGLAS

<b>ACE</b>	Atividade Curricular de Extensão
<b>BDTD</b>	Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações
<b>BRAPCI</b>	Base Referencial de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação
<b>CAAE</b>	Certificado de Apresentação de Apreciação Ética
<b>CAS</b>	Centro de Atenção ao Servidos
<b>CEP</b>	Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Cariri
<b>EaD</b>	Educação a Distância
<b>EJA</b>	Educação de Jovens e Adultos
<b>ENANCIB</b>	Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação
<b>GT</b>	Grupo de Trabalho
<b>ILPI</b>	Instituições de Longa Permanência de Idosos
<b>PICS</b>	Práticas Integrativas e Complementares em Saúde
<b>PPGB</b>	Programa de Pós-Graduação em Biblioteconomia
<b>PPP</b>	Projeto Político Pedagógico
<b>PUC-Rio</b>	Pontifícia Universidade Católica
<b>SESC</b>	Serviço Social do Comércio
<b>SES/AM</b>	Secretaria de Estado de Saúde do Amazonas
<b>TCC</b>	Trabalhos de Conclusão de Curso
<b>TCLE</b>	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
<b>UCAM</b>	Universidade Cândido Mendes
<b>UCS</b>	Universidade de Caxias do Sul
<b>UFBA</b>	Universidade Federal da Bahia
<b>UFC</b>	Universidade Federal do Ceará
<b>UFCA</b>	Universidade Federal do Cariri
<b>UFF</b>	Universidade Federal Fluminense
<b>UFSC</b>	Universidade Federal de Santa Catarina
<b>UNIR</b>	Universidade Federal de Rondônia
<b>Unochapecó</b>	Universidade Comunitária da Região de Chapecó

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>17</b>
<b>2</b>	<b>CAMINHOS METODOLÓGICOS .....</b>	<b>26</b>
2.1	POLO METODOLÓGICO .....	26
2.2	POLO TÉCNICO: QUANTO AOS MEIOS E AOS FINS .....	27
2.3	POLO TÉCNICO: COLETA DE DADOS. ....	28
<b>2.3.1</b>	<b>Coleta de dados: questionário online .....</b>	<b>29</b>
2.4	MÉTODO PARA ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DE DADOS .....	31
<b>3</b>	<b>FORTALEZANDO A BASE PARA O TRILHAR: APRESENTO QUEM ME ACOMPANHA! .....</b>	<b>34</b>
3.1	SOBRE MEMÓRIA, INFORMAÇÃO E BIBLIOTECONOMIA. ....	35
3.2	A LITERATURA COMO UM BEM COMUM. ....	40
3.3	BIBLIOTERAPIA: UM FAZER COM PALAVRAS. ....	43
3.4	CAMINHOS ABERTOS: BIBLIOTERAPIA NO MUNDO, BIBLIOTERAPIA NO BRASIL.....	49
<b>4</b>	<b>BIBLIOTERAPIA PELO BRASIL: ANDANÇAS DE SABERES, FAZERES E AFETAÇÕES .....</b>	<b>57</b>
4.1	PARADA 1 – DAS NFORMAÇÕES INICIAIS OU DO RAIO-X PARA POSSÍVEIS APROFUNDAMENTOS. ....	58
<b>4.1.1</b>	<b>Da faixa etária. ....</b>	<b>58</b>
<b>4.1.2</b>	<b>Da identificação com gênero. ....</b>	<b>61</b>
<b>4.1.3</b>	<b>Da localidade .....</b>	<b>63</b>
4.2	PARADA 2 – DAS FORMAÇÕES/QUALIFICAÇÕES OU DAS ANPRENDIZAGENS E ENSINAMENTOS .....	66
<b>4.2.1</b>	<b>Da formação acadêmica. ....</b>	<b>67</b>
<b>4.2.2</b>	<b>Das capacitações em biblioterapia. ....</b>	<b>69</b>
<b>4.2.3</b>	<b>Das outras formações.....</b>	<b>70</b>
<b>4.2.4</b>	<b>Das fundamentações para o trabalho. ....</b>	<b>72</b>
<b>4.2.5</b>	<b>Das publicações em biblioterapia. ....</b>	<b>73</b>
4.3	PARADA 3 – DAS AFETAÇÕES LITERÁRIAS OU REMEMORANDO A TRAJETÓRIA. ....	77
<b>4.3.1</b>	<b>Da narrativa que marcou a vida. ....</b>	<b>78</b>

4.3.2	<b>Da chegar à biblioterapia.</b>	<b>79</b>
4.3.3	<b>Do impacto da biblioterapia em cada vida.</b>	<b>84</b>
4.4	<b>PARADA 4 – DAS PRÁTICA EM BIBLIOTERAPIA OU SEMEANDO O CAMINHO.</b>	<b>90</b>
4.4.1	<b>Do início da atuação.</b>	<b>90</b>
4.4.2	<b>Do público-alvo das ações.</b>	<b>92</b>
4.4.3	<b>Dos tipos de trabalhos/ações.</b>	<b>93</b>
4.4.4	<b>Das formas de realizar os trabalhos/ações.</b>	<b>95</b>
4.4.5	<b>Dos desafios do trabalho com a biblioterapia.</b>	<b>96</b>
4.4.6	<b>Do motivos para seguir: estudando e praticando</b>	<b>101</b>
5	<b>COLEÇÃO AUDIOVISUAL MEMÓRIAS DA BIBLIOTERAPIA PELO BRASIL: NARRATIVAS DE BIBLIOTECÁRIAS PARA O MUSEU DA PESSOA</b>	<b>106</b>
5.1	<b>DA IDEIA.</b>	<b>106</b>
5.2	<b>DA METODOLOGIA HISTÓRIA ORAL.</b>	<b>108</b>
5.3	<b>DA REALIZAÇÃO DAS ENTREVISTAS</b>	<b>109</b>
5.4	<b>DO PROCESSO TÉCNICO A CRIAÇÃO DA COLEÇÃO.</b>	<b>114</b>
6	<b>CONSIDERAÇÕES.</b>	<b>117</b>
	<b>REFERÊNCIAS.</b>	<b>120</b>
	<b>APÊNDICE A - INSTRUMENTOS DE COLETA</b>	<b>129</b>
	<b>APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE).</b>	<b>131</b>
	<b>APÊNDICE C - ROTEIRO SEMIESTRUTURADO PARA ENTREVISTA DE HISTÓRIA ORAL</b>	<b>133</b>
	<b>APÊNDICE D - TERMO DE USO DE IMAGEM E SOM DE VOZ.</b>	<b>134</b>
	<b>APÊNDICE E – PARTICIPANTES DA PESQUISA E SUAS PUBLICAÇÕES.</b>	<b>136</b>
	<b>APÊNDICE F – LIVROS E HISTÓRIAS QUE MARCARAM AS PESSOAS DA PESQUISA.</b>	<b>138</b>
	<b>APÊNDICE G – CATÁLOGO DA COLEÇÃO AUDIOVISUAL MEMÓRIAS DA BIBLIOTERAPIA PELO BRASIL</b>	<b>140</b>

## 1 INTRODUÇÃO

“Ler é realizar a experiência de se pensar pensando o mundo.”

(Yunes, 2002, p. 25)

Começo a escrever/contar uma história e agradeço a comunhão de quem generosamente a lê! Informo ainda que tal escrita será conduzida em primeira pessoa, o tema da pesquisa, como veremos adiante, sugere que assim seja, *colocar a voz no mundo*. Lembrando que embora seja na minha voz, a pesquisa está sendo construída por vários corpos, que ouvem, inspiram, ensinam, dialogam, orientam, colaboram, acolhem, torcem/celebram. E assim, o que se segue nessas páginas são interpretações sobre as principais temáticas que serão abordadas nesse estudo (memória, informação, biblioterapia e literatura), unindo-as nesses trilhares.

Gostaria, ainda, de contar uma história “ideal” sobre minha construção leitora, desde a infância, mas não seria um relato tão real: não tive pais leitores de livros, foram poucas as histórias que ouvi de avôs e avós quando criança, o livro foi um objeto escasso em minha infância, a não ser pela presença dos didáticos que faziam a minha felicidade ao serem recebidos no início de cada ano letivo e por duas pequenas coleções compradas de vendedores porta a porta (uma de receitas feitas com plantas medicinais e uma mini enciclopédia ilustrada) pagas a longas prestações. Porém, lembro que tive a rica presença das cantigas de rodas, canções de ninar, lendas urbanas e muitas brincadeiras esportivas e artísticas/educativas. Todas as ausências e presenças compuseram a minha (de)formação<sup>1</sup> leitora.

Mesmo com todas as “objeções”, quis a vida que em meu caminho surgisse uma figura para me conquistar - uma leitora em potencial - para o universo da leitura. Essa pessoa foi uma professora da 1ª série, professora Rosa<sup>2</sup>, - você teve alguém assim? – lembro-me perfeitamente da primeira história que nos contou em sala de aula: “Rosaflor e Moura Torta”, de Pedro Bandeira, que fui visitar durante a construção dessa pesquisa. Depois dela, algumas outras

---

<sup>1</sup> (de)formação no sentido defendido por Rubem Alves, que diz que ao passarmos por instituições escolares que tentam nos encaixotar sofremos a deformação e, Marc-Alain Ouaknin, ao dizer que sempre nos faltará algo, pois ao fazermos escolhas por certos livros/autores(as) por exemplo, outros(as) ficam de fora da nossa formação. ALVES, Rubem. **Conversas com quem gosta de ensinar**: (+) qualidade total na educação. São Paulo: Papirus Editora, 2000.

ALVES, Rubem. **A alegria de ensinar**. 13a. reim. São Paulo: Papirus Editora, 2000.

OUAKNIN, Marc-Alain. **Biblioterapia**. Tradução: Nicolas Niymi. São Paulo: Loyola, 1996.

<sup>2</sup> Não me recordo o sobrenome dela, mas, a professora Rosa foi a mulher que, lá na Escola Municipal Joaquim da Silva Pinto, em Manaus dos anos de 1995, me apresentou o universo das histórias e influenciou meu gosto pela leitura. Digo mais, ela também foi professora das minhas duas irmãs, igualmente exercendo essa influência na vida delas, nós três nos tornamos leitoras.

educadoras (mestras e amigas) também chegaram para aumentar essa lista de influenciadoras, que cresce até hoje. Ah! As professoras!

Dito isso, podemos perceber o alcance que uma narração de história teve em minha vida, validando o quanto a oralidade está impregnada em nosso cotidiano e é potente para influenciar/direcionar caminhos, pois essa professora, emprestando sua voz para nos apresentar a referida história, exerceu sobre mim um despertar, uma curiosidade para saber onde eu poderia encontrar mais histórias e assim alimentar meu imaginário, me divertir, cuidar da alma<sup>3</sup>. Não tenho dúvidas de que a experiência abriu portas para minha construção enquanto leitora e profissional do livro, da leitura e das bibliotecas. No decorrer desse caminho a literatura me permitiu e permite atribuir novos sentidos à vida quando amplia meus horizontes, ao mesmo tempo que me mostra minha incompletude todas as vezes que leio algo novo. Esse transbordar me direcionou a hoje estar aqui, pesquisando as memórias, trajetos da vida de profissionais que dedicaram/dedicam parte das suas vidas aos trabalhos com a literatura a serviço do cuidado.

Retomando a questão da oralidade, é importante lembrar que ela sempre esteve presente na história da humanidade e, por muito tempo, foi a principal — e muitas vezes a única — forma de transmissão de costumes, saberes e informações. Nesse contexto, a perpetuação dessas práticas, geralmente transmitidas de geração em geração, contou com um elemento essencial: a memória biológica, que teve um papel central até o surgimento da escrita. Zilberman (2001) destaca que, embora a fala tenha sido o principal meio de comunicação, foi com a intenção de garantir a longevidade do conhecimento que a escrita foi inventada — como uma forma de registrá-lo e preservá-lo ao longo do tempo.

Nessa mesma perspectiva, o antropólogo Candau (2011) afirma que, não satisfeito em ter o cérebro como única fonte de guarda de informação, o ser humano recorre à escrita como uma extensão da mente. Essa externalização da memória não apenas contribui para a preservação do conhecimento, mas também fortalece o sentimento de pertencimento a um grupo ou cultura. Afinal, é por meio desse registro que se torna possível conservar e transmitir tradições, saberes, lutas e conquistas de um povo — elementos que compõem o que chamamos de memória coletiva.

Ainda assim, é inegável que a memória biológica continua sendo essencial para a existência humana. Candau (2002, p. 5) destaca: “La facultad de la memoria, esencial para el

---

<sup>3</sup> Neste trabalho, trago a “alma” não como algo separado do corpo, mas, no sentido proposto por Nilton Bonder, onde a alma é a parte transgressora do nosso ser, a parte que impulsiona a ruptura com normas estabelecidas. O que não é negativo, posto que é um ato de fidelidade à transformação e ao crescimento pessoal e coletivo. BONDER, Nilton. **A alma imoral**: traição e tradição através dos tempos. São Paulo: Rocco, 1998.

individuo en todos los momentos de su vida, tiene un papel de importancia mayor en la vida social”. Para ele, a memória é tão importante que, sem ela, não haveria compromisso, promessas, fidelidade, identidade, sociedade e nem mesmo o saber, já que influencia diretamente a literatura, a linguagem e as experiências. Em outras palavras, sua importância é absoluta na vida humana.

Graças a essa forte transmissão oral e ao que foi registrado de forma escrita que muitas histórias chegaram até os dias atuais, e não foi por acaso: elas são importantes e seu impacto na sociedade é evidente, pois exercem influências sobre o ser humano, seja no âmbito cognitivo, cultural e até emocional. Essas influências se dão no desenvolvimento da capacidade crítica, na compreensão do mundo, no aprimoramento intelectual, na formação da personalidade e até mesmo na qualidade da saúde mental. Por isso, áreas do conhecimento como Biblioteconomia, Educação, Literatura, Psicologia e outras, têm se debruçado nos estudos dessa influência literária na vida humana.

Quando encontros literários utilizam da literatura, de forma intencional, para proporcionar benefícios socioemocionais e atuar como um dispositivo de humanização, autocuidado, fortalecimento de vínculos etc., chamamos essa prática de biblioterapia e, ela é trabalhada por profissionais de áreas do conhecimento, como: Biblioteconomia, Psicologia, Enfermagem, Pedagogia, Letras, Serviço Social, Direito e tantas outras.

Falar de biblioterapia é ao mesmo tempo apaixonante e complexo, dada as nuances que acompanham o seu fazer e o seu campo teórico, como: definições, conceituações, forma de executar, material utilizado, público participante, benefícios etc. Mas deixo essa discussão para o momento oportuno, o que cabe destacar aqui é que embora o termo pareça novo para algumas pessoas, essa prática não é tão recente, assim como não são as narrativas. Por isso, ao ler os referenciais que envolvem o tema, deparo-me com muitas afirmações sobre a prática e, apresento algumas delas<sup>4</sup>: no Antigo Egito as bibliotecas eram consideradas lugares de remédios para a alma, essa perspectiva também era compartilhada por outros povos como gregos e romanos (Alves, 1982).

No século XVIII, era Moderna, a leitura passou a ser um instrumento de reabilitação para pessoas acometidas com transtornos mentais, em especial em países como França, Inglaterra e Itália (Caldin, 2009). Já no século XIX, as primeiras experiências em hospitais começam a ser realizadas por médicos americanos de 1802 a 1853, incentivando, inclusive, a

---

<sup>4</sup> No decorrer do trabalho será apresentado uma sucinta linha do tempo do percurso na biblioterapia no mundo e no Brasil.

criação de pequenas bibliotecas nesses espaços (Pereira, 1996). Por volta de 1975, começaram os primeiros relatos de biblioterapia no Brasil, em especial, com atividades desenvolvidas em hospitais (Silva, 2005).

Na área da Biblioteconomia, a biblioterapia tornou-se disciplina em alguns cursos de graduação, como na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), de 2003 a 2019, como cita Caldin (2024); na Universidade Federal de Rondônia (UNIR), de 2018 até os dias atuais, como apresenta o Projeto Pedagógico do Curso de Biblioteconomia da UNIR (2018). Em ambas as universidades a disciplina optativa acontece na modalidade presencial. Temos ainda a oferta de forma obrigatória, por meio da Educação a Distância (EaD) na Claretiano, constando do Projeto Político Pedagógico (PPP) desde 2017 até 2024, (Claretiano, 2017, 2021)<sup>5</sup>. Durante os anos de 2021 a 2023, o curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Ceará (UFC), por meio da disciplina Teoria e Prática da Leitura, também incorporou a Biblioterapia em seu conteúdo programado (Sousa; Cavalcanti, 2024). Por fim, a biblioterapia também se tornou curso de Pós-Graduação Lato Sensu, em 2021, na Universidade Comunitária da Região de Chapecó (Unochapecó), tendo como nome “Pós-Graduação em Biblioterapia e Mediação da Leitura Literária” (Grieger, 2023).

Com sua expansão e propagação, a biblioterapia vem atraindo mais pessoas interessadas em estudá-la, além de admiradores(as), mediadores(as) da prática e pessoas beneficiadas pelo caráter terapêutico da literatura. Porém, mesmo com todos esses avanços no tempo, ainda há alguns pontos que suscitam discussões no trabalho com a prática, principalmente quando realizada no campo da Biblioteconomia, seja pelo receio na hora da aplicação, pela defesa de que profissionais da Biblioteconomia só podem atuar em parceria com profissionais da saúde, ou até mesmo, falas sobre a prática não poder ser executada pela pessoa bibliotecária (só como auxiliar do processo), Ferreira (2003) e Bentes Pinto (2005). Essa discussão ainda vai longe, pois existem muitas questões a serem repensadas, estudadas e dialogadas.

Apesar dessas situações, as produções sobre a temática destacam-se significativamente na área da Biblioteconomia, como demonstram os estudos de caráter bibliográfico de Alexandre Magno da Silva (2005), Lucas Veras de Andrade e Ana Caroline Oliveira da Silva (2018), Mariza Inês da Silva Pinheiro e Daniela Duarte Ramires (2020), Ítalo Henriqson Marques e Renata Braz Gonçalves (2021), Valdemir Bezerra da Silva (2021), Leila Rosângela Grieger (2021) e Livia Rezende Ladeia e Jéssica Bedin (2023).

---

<sup>5</sup> Até a finalização desse trabalho, não havia sido divulgado o PPP 2025.

Cabe ainda dizer que os estudos analisados apontam as pessoas bibliotecárias como protagonistas nas ações relacionadas à biblioterapia, seja atuando de forma individual ou em parceria com profissionais das áreas da Educação, Psicologia, Medicina, Enfermagem e Serviço Social (Gadelha e Tanus, 2019). Além disso, a maior parte dos trabalhos focam na dimensão prática da biblioterapia, evidenciando seus benefícios e impactos na vida dos participantes, o potencial dessa prática como campo de atuação para profissionais da Biblioteconomia, os contextos em que ela é desenvolvida (incluindo espaços e públicos atendidos), bem como as competências necessárias para o exercício da mediação. Por outro lado, observa-se pouca produção sobre os percursos formativos das pessoas que atuam com biblioterapia, assim como a falta de estudos de campo que analisem o cenário atual da prática, limitando a construção da memória desse grupo profissional e suas trajetórias no campo.

Aqui destaco seis obras recentes que abordam relatos de mulheres e seus caminhos ligados à biblioterapia, os livros são:

- **“Raízes formativas em biblioterapia: narrar, florir e frutificar”**, organizado por Cristina Seixas, publicados em 2024
- **“Mergulho na biblioterapia: relatos que inspiram”**, organizado por Cidinha Pardini e Milena Ramos, idealizado por Erika Borges, lançado também em 2024;
- **“Eu e a biblioterapia: uma história de amor”**, de Cidinha Pardini (2022);
- **“Quintais da biblioterapia” volumes 1 e 2**, organizados por Cristina Seixas em 2018 e 2022, respectivamente;
- **“Práticas de Biblioterapia: o livro como instrumento de cuidado”**, organizado por Andréa Martins, Cidinha Pardini e Érika Borges, com lançamento previsto para 2025.

Embora os três últimos títulos não se concentrem exclusivamente na memória das trajetórias das autoras, alguns capítulos são dedicados a esses aspectos.

Ao lê-los percebi que tais publicações convergem para o campo da memória, uma vez que, as autorias rememoram seus percursos pessoais e profissionais, e assim, esse campo tem se tornado um amplo espaço de pesquisa para áreas do conhecimento além da História e da Antropologia, como é o caso da Biblioteconomia, posto que a temática impacta a vida em sociedade, já que as diferentes perspectivas narradas e preservadas propiciam uma reflexão crítica sobre o passado, o presente e o futuro. Por isso, aguicei o olhar e percebi que ainda se tem poucas pesquisas para determinados grupos sociais ou determinadas profissões e fazeres, como é o caso do grupo das pessoas que atuam com a biblioterapia pelo Brasil, em especial, as formadas em Biblioteconomia e, os trabalhos acadêmicos reforçam o pioneirismo dessa prática

nessa área do conhecimento, reforçando a importância dos estudos de memória para esse público, foco dessa dissertação, mais enfatizado no produto gerado.

Já que puxamos o fio da memória, rememoro que, a partir de 2017, me envolvi profundamente com a temática em questão – ao descobrir seu nome - fazendo cursos, lendo pesquisas, obras recomendadas e, aplicando a técnica com grupo de mulheres e com estudantes do Ensino Médio. Em 2020, após formação presencial com Cristiana Seixas na cidade de Niterói/RJ, intensifiquei a atuação, em especial, ao me deparar com os impactos da pandemia da Covid-19 na vida das pessoas que trabalhavam da Secretaria de Estado de Saúde do Amazonas (SES/AM), - instituição a qual estou vinculada - e assim, juntamente com a equipe da biblioteca desenvolvi o projeto Saúde Literária<sup>6</sup>, que contava com três ações, sendo uma delas o **encontro de biblioterapia**. Esses momentos iniciaram na Sede administrativa da Secretaria e, posteriormente foram aderidos pelas Unidades de Saúde, ganhou apoio e parceria do Centro de Atenção ao Servidos (CAS) e, também da Gerência das Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (PICS). Foi executado de março de 2021 até fevereiro de 2023.

Além da minha atuação, passei a acompanhar o crescimento da área pelas ações e estudos de profissionais que também se dedicam à biblioterapia. Trabalhos que validam o potencial terapêutico da literatura e seu impacto positivo na vida das pessoas, mas que são tão diversos que às vezes me confundem e eu me pergunto se de fato são formas de fazer “biblioterapia” ou outras abordagens. Foi quando me instigou a vontade de compreender melhor o cenário atual da biblioterapia pelo Brasil, não só com seus índices e estatísticas, mas colocando o(a) mediador(a) no centro da reflexão: o que lhe afeta? Assim, abarcando em que momento ele(a) decidiu usar a literatura como forma de cuidar de si e do outro. Quis conhecer mais sobre suas áreas de atuação, as formações que os(as) prepararam para esse trabalho, as histórias que os(as) marcaram profundamente e que seguem como companheiras de jornada. Também busquei identificar quais fundamentos teóricos embasam suas práticas, em quais espaços e territórios têm atuado e, não menos importante, suas trajetórias com a leitura, o livro e a literatura.

Tais inquietações motivaram o desenvolvimento desta pesquisa, que tem como pergunta problema: **Quais narrativas são apresentadas por profissionais que atuam com a biblioterapia pelo Brasil, de forma a revelar o panorama atual da prática e contribuir para a construção da memória social do grupo?**

---

<sup>6</sup> Para saber mais detalhes do projeto acessar os artigos ‘Projeto Saúde Literária: a biblioterapia adentra uma secretaria estadual de saúde, de Huda Graça Amorim e Katty Anne de Souza Nunes, em: <https://editoraci.com.br/index.php/home/catalog/download/38/39/106?inline=1>

Frente a problemática, estabelece-se como objetivo geral **investigar a prática da biblioterapia pelo Brasil, a partir das narrativas de profissionais atuantes na área.**

Já os objetivos específicos se propõem a:

- a. discorrer sobre os aspectos teóricos e conceituais da biblioterapia e da Memória;
- b. caracterizar o panorama da situação da biblioterapia, por meio do perfil de profissionais que trabalham com a prática pelo Brasil;
- c. identificar e evidenciar trajetórias de pessoas bibliotecárias que atuam com a biblioterapia, e compor uma coleção audiovisual no site do Museu da Pessoa.

Informo que para atingir os objetivos propostos uma abordagem quali-quantitativa foi adotada como estratégia, essa complementariedade ajudou tanto na elaboração dos instrumentos para coleta dos dados quanto nas análises/reflexões advindas com as nuances da pesquisa.

A professora e pesquisadora Maria Cecília Minayo diz que barreiras foram construídas entre a pesquisa qualitativa e quantitativa, mas que isso é uma falsa dicotomia, pois elas podem caminhar juntas quando a complexidade da pesquisa exigir (O legado [...], 2015). Sendo assim, essa configuração será necessária, pois para o objetivo a), a pesquisa bibliográfica se fez presente. Já para cumprir o objetivo b) o instrumento elaborado foi um questionário com perguntas abertas e fechadas, e sua análise utiliza-se do modelo quali-quantitativo, proporcionando uma triangulação para que as informações coletadas fossem melhor analisadas. Para atingir o objetivo c — produto da dissertação —, usou-se entrevistas de História Oral nas modalidades temática e de vida.

Quanto às justificativas para realização da pesquisa, posso ressaltar que me deparei com a biblioterapia sete anos após a graduação, quando me vi na Biblioteca da SES/AM. Eu já vinha de experiências ligadas à literatura como: saraus, contações de histórias, encontro com autorias, mediação de leitura literária, projetos de incentivo à leitura em zona ribeirinha do Amazonas e vivências em bibliotecas comunitária e escolar. Então, me perguntei: de que forma poderia trazer a literatura para o ambiente da saúde? E a biblioterapia me veio como resposta. Percebi que já era acompanhada pela prática, por meio das ‘narrativas orais e escritas’ que me acompanham durante a vida. Essa resposta acabou me fazendo trilhar uma nova proposta em minha carreira profissional.

No âmbito profissional, é importante lembrar que a Biblioteconomia, por muito tempo, esteve pautada em um fazer tecnicista. Hoje, no entanto, a área tem ampliado sua atuação, encarando a informação não apenas como algo a ser tratado, armazenado e disseminado, mas também como um elemento essencial na construção e no fortalecimento das

identidades. Nesse contexto, há profissionais que vêm construindo suas trajetórias em conjunto com as comunidades, por meio de iniciativas que promovem a autonomia coletiva e contribuem para uma vida com mais possibilidades e menos opressão. É urgente estar atento às novas demandas sociais e pensar — ou retomar — serviços a serem oferecidos pelas bibliotecas e/ou por profissionais autônomos(as) da Biblioteconomia. Afinal, as formas de convivência em sociedade estão em constante transformação, e as áreas do conhecimento precisam acompanhar essa dinâmica. Precisamos criar estratégias para ocupar espaços e fortalecer comunidades e a biblioterapia é uma ferramenta potente nesse processo.

Academicamente, confesso que sentia falta de estudos que apresentassem um panorama da biblioterapia pelo Brasil para além das pesquisas baseadas exclusivamente em publicações disponíveis em bases de dados. Embora essas fontes sejam fundamentais para compreender o *status quo* da área, eu precisava visualizar para tentar compreender como a biblioterapia tem se comportado, por meio das trajetórias das pessoas que atuam com ela, incluindo também as que não estão figurando no cenário acadêmico por meio de publicações formais. Dessa forma, ao propor o registro de informações — por meio de narrativas escritas e orais — deste grupo de profissionais, a pesquisa busca não apenas contribuir com o aprofundamento sobre o tema, mas também inspirar e fortalecer a biblioterapia como um campo de atuação em expansão.

Destaco ainda que, nas Ciências da Saúde e Sociais Aplicadas temos acompanhado estudos demonstrando os efeitos da superexposição às telas, da sociedade hiperconectada, da perda das tradições ou rituais - como bem diz Byung-Chul Han (2021) -, do mundo acelerado, impaciente, imediatista, ‘produtivo’ e da ditadura do consumo. Na própria academia temos presenciado a ansiedade informacional atingindo discentes e docentes e, não só esses grupos. Talvez a pesquisa possa apresentar a biblioterapia como uma possibilidade para amenizar ou até mesmo sanar parte desses impactos, tornando-se um dispositivo de cuidado que possibilite momentos de acolhimento, humanização, conexão, diálogo, reflexão, cuidado de si e do coletivo, afetando positivamente a sociedade.

Ao final, por meio do produto da pesquisa, pretende-se dar escuta para as bibliotecárias que fizeram trabalhos pioneiros na biblioterapia pelo Brasil, de forma a repercutir suas trajetórias e assegurar o registro oral das narrativas transformando-as em patrimônio coletivo, uma vez que memórias individuais são importantes e, estão intrinsecamente ligadas a construção da memória social, contribuindo para a redução da intolerância, do preconceito, promovendo a empatia e fortalecendo identidades de grupos. Ressalto que no Programa de Pós-

Graduação em Biblioteconomia (PPGB) da Universidade Federal do Cariri (UFCA) será a primeira dissertação na temática.<sup>7</sup>

Por fim, descrevo as etapas que compõem essa dissertação, faço uma analogia com uma trilha, já que elas nos remetem a possibilidades de caminhos, caminhos esses que podem ser seguidos quando já consolidados ou ainda, desbravados quando necessário. Cada seção é uma parte do caminho, elas são importantes para se concluir todo percurso, assim no **caminho/seção 1** tivemos o início da jornada, a introdução, onde apresentei a temática, o que me trouxe até aqui, a pergunta problema, as justificativas que sustentam a escolha do tema e os objetivos. No **caminho/seção 2** apresento a metodologia, mostrando os percursos que foram trilhados para o desenvolvimento do estudo. Chegando no **caminho/seção 3** encontra-se o referencial teórico, trazendo as bases conceituais relativas aos temas abordados. No **caminho/seção 4** se apresenta a análise dos dados, que chamei de “Biblioterapia pelo Brasil: andanças de saberes, fazeres e afetações”. No **caminho/seção 5** descrevo o produto gerado nessa pesquisa – a coleção audiovisual e virtual “**Memória da Biblioterapia pelo Brasil**”, um mosaico formado pelas narrativas de algumas mulheres de trajetória significativa na prática no Brasil. Detalho como se deu sua elaboração, (encontros para a realização das entrevistas, informações sobre as entrevistadas, materiais e recursos utilizados, observações vivenciadas etc.), além de mostrar como se acessa esse acervo. No último **caminho/seção, 6**, faço algumas considerações e, continuando a dissertação, apresento as referências e apêndices do trabalho.

Assim, reforço o convite para que você esteja comigo enveredando pelas narrativas de pessoas que tiveram suas vidas impactadas, bem como impactaram, segundo seus depoimentos, a vida de outrem, pela biblioterapia.

---

<sup>7</sup> Informação com base na pesquisa das dissertações publicadas no site do Programa, do período de 2017 a 2023.

## 2 CAMINHO METODOLÓGICO

O método é, apenas, uma prescrição para a viagem. Uma bússola primitiva, como o sol. A desvantagem do método? Ser um meio *per se*, como a existência – e nada prepara melhor para a vida que o viver.

(Carrascosa, 2016, p. 64)

Tendo a ciência como uma das formas de se acessar e se explicar o mundo, esse modo exige um caminho sistemático a ser seguido, a fim de validar, através do método científico, o que se quer investigar na pesquisa empreitada. Fachin (2017, p. 13) diz que: “[...] o conhecimento, mesmo em seu grau mais elevado, não nos proporciona nada mais que um segmento de mundo existente. E a realidade é, em si, parte de uma realidade mais ampla”.

Sendo assim, entende-se que a pesquisa em evidência é o recorte de uma realidade com a interpretação da pesquisadora em questão, como forma de contribuir para a área do estudo. Outras pesquisas e interpretações podem e devem surgir para agregar nesse manancial, pois “Só pode ser respeitado como científico aquilo que se mantiver discutível” (Demo, 2018, p. 14).

Diante do exposto, a metodologia se faz um elemento fundamental para a efetivação do trabalho, sendo o mapa dessa jornada. Neste caminho/seção encontram-se descritos a caracterização da pesquisa, os instrumentos utilizados na coleta de dados, o modo como os tratou/analizou, entre outras nuances, uma vez que Nogueira; Barros; Araújo e Pimenta (2017, p. 468) dizem, que “cada método se constitui e reconstitui sustentado na tríade pesquisador-caminho-mundo”, pode comprovar essa declaração. Sigamos nosso percurso.

### 2.1 POLO METODOLÓGICO

Ao tratar, em uma mesma pesquisa, das temáticas da biblioterapia e da memória, torna-se necessário adotar caminhos metodológicos que acolham a subjetividade e permitam a interpretação dos sentidos atribuídos pelos sujeitos. A própria prática da biblioterapia, na perspectiva de Ouaknin (1996), é compreendida como uma hermenêutica existencial. Essa característica, por si só, já apontaria para a adoção de uma abordagem qualitativa, dada a ênfase nos significados, nas experiências e na profundidade do relato individual.

Contudo, ao buscar compreender como a biblioterapia tem sido entendida e aplicada em diferentes contextos no Brasil, faz-se também necessário recorrer a informações de cunho quantitativo. Assim, a pesquisa adota uma abordagem quanti-qualitativa, justamente por

reconhecer que a articulação entre os dois enfoques potencializa a análise e o entendimento dos fenômenos estudados, visando captar tanto a amplitude de alguns dados quanto a profundidade do fenômeno da biblioterapia pelo Brasil – dentro do recorte de pessoas que conseguiu alcançar com o questionário aplicado –, respeitando sua complexidade e pluralidade de formas de expressão, para que possamos fortalecer o diálogo interdisciplinar, seguir consolidando a prática e contribuir para instigar novos estudos. Biblioteconomia em diálogo com outros campos, Biblioteconomia praticando a inter e multidisciplinariedade.

Destaco que por se tratar de pesquisa que envolve seres humanos e de conteúdo que podem ser sensíveis, a mesma foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Cariri CEP/UFCA e teve aprovação pelo Certificado de Apresentação de Apreciação Ética (CAAE) número: 78037924.0.0000.5698.

## 2.2 POLO TÉCNICO: QUANTO AOS MEIOS E AOS FINS

Dado o teor do trabalho, dentro da abordagem quali-quantitativa abracei como estratégias de pesquisa, uma mescla de técnicas que me auxiliaram a melhor captar os dados necessários para apresentar os resultados do estudo. Sendo assim, quanto aos meios, trata-se, primeiramente, de uma **pesquisa bibliográfica**. Como afirma Gil (2002), esse tipo de pesquisa se faz necessário, pois é exigida para principiar todos os estudos, com as consultas e debruçamentos nas fontes bibliográficas existentes.

Dessa forma, o percurso da pesquisa teve início com um levantamento bibliográfico, no qual realizei as etapas de busca, recuperação, avaliação, seleção, organização, análise, fichamento e discussão das publicações relacionadas aos aspectos teóricos e conceituais da biblioterapia e da memória — abordando também os campos da informação e da literatura — conforme orienta Fachin (2017). Além de artigos acadêmicos publicados em periódicos científicos, utilizei extensivamente livros e capítulos de livros pertinentes à temática. Esse processo permitiu validar a relevância da pesquisa para o campo de estudo em questão, além de fornecer subsídios importantes tanto para a construção do referencial teórico quanto para o diálogo com a análise do estudo. Aqui entra o agradecimento por todas as pesquisas já realizadas até aqui e que de alguma forma influenciam meu pensamento ou instigam a realização do trabalho. Só posso ir além porque outras pessoas já prepararam parte do caminho.

Quanto aos fins, trata-se de um estudo **de caráter descritivo**, por considerar as afirmações de Gil (2008) ao dizer que essas são pesquisas que têm por objetivo estudar as

características de um grupo em suas várias nuances (idade, sexo, escolaridade etc.), assim como pretendem saber opiniões, atitudes e crenças de um grupo. O que colabora com o motivo da proposta em conhecer o percurso trilhado pelo grupo em questão. Indo um pouco além, o autor diz que algumas dessas pesquisas não se contentam somente com a identificação das variáveis, então, passa a analisar as relações entre elas (aproximando a pesquisa descritiva da explicativa ou da exploratória).

### 2.3 POLO TÉCNICO: COLETA DE DADOS

Como já foi dito, a pesquisa objetiva apresentar a situação da biblioterapia pelo Brasil, utilizando-se das narrativas de profissionais que atuam com esse trabalho, de forma a contribuir para a preservação da memória social desse grupo. Sendo assim, apresento o quadro 1 para que possamos visualizar os instrumentos de coletas de dados que foram necessários para se cumprir os objetivos específicos propostos:

**Quadro 1** – Objetivos da pesquisa e instrumentos de coletas de dados

Objetivos	Estratégia para alcançá-lo?	Evidência de que foi alcançado?
Discorrer sobre os aspectos teóricos e conceituais da biblioterapia e da Memória;	Por meio da pesquisa bibliográfica.	Elaboração do caminho/seção 3.
Caracterizar o panorama da situação da biblioterapia, por meio do perfil de profissionais que trabalham com a prática pelo Brasil;	Utilização do método Bola de neve para que o questionário criado no <i>Google Forms</i> chegue às pessoas que atuam com a biblioterapia pelo território.	Elaboração do caminho/seção 4.
Identificar e evidenciar trajetórias de pessoas bibliotecárias que atuam com a biblioterapia, e compor uma coleção audiovisual no site do Museu da Pessoa.	Entrevistas de História Oral, <i>in loco</i> , com cada profissional selecionada para a gravação. Posteriormente edição e armazenamento das entrevistas.	Coleção “Memórias da biblioterapia pelo Brasil” publicada no site do Museu da Pessoa.

**Fonte:** Elaborado pela autora (2025).

Trabalhar com as memórias, narrativas escritas e orais, de profissionais que atuam com a biblioterapia pelo Brasil, acrescido de uma coleção audiovisual de História Oral, torna-se um fazer com seus desafios. Com isso, a metodologia adotada sofreu uma triangulação de dados, que segundo (Braga, 2007) é quando o ato de coletar os dados acabam acontecendo em momentos diferentes. Por isso, tivemos duas etapas de coleta (uma para análise e outra para a elaboração do produto) e, conseqüentemente dois instrumentos foram utilizados, a saber

### 2.3.1 Coleta de dados: questionário online

O processo de captação das pessoas participantes se deu por meio da seleção voluntária, onde elas foram convidadas para a pesquisa e poderiam convidar outras pessoas. Utilizamos a aplicação de um questionário online. O **Questionário** se configura como uma técnica de investigação composta por questões para obter-se, pelo olhar das pessoas respondente, informações relativas à temática pesquisada. Na maioria das vezes eles são aplicados de forma escrita e são auto-aplicados (Gil, 2008).

A aplicação do instrumento ocorreu entre os dias 15 de julho a 12 de agosto de 2023, a nível nacional, por meio do método de amostragem Bola de Neve — que descreveremos adiante —, a fim de mapear os profissionais que atuam com a biblioterapia pelo Brasil. O instrumento foi criado e armazenado no *Google Forms*, composto por uma série de 26 perguntas, abertas e fechadas, divididas em 4 blocos. As perguntas visaram conhecer as características desses(as) profissionais e suas vivências com a temática, podem ser verificadas no **(Apêndice A)**.

O *link* de acesso foi divulgado em grupos de *WhatsApp* — existem alguns grupos criados para se discutir a temática devido à proporção que a biblioterapia tem tomado nos dias atuais — e individualmente nos *emails* de pessoas que publicaram artigos sobre a temática, estes foram coletados em publicações científicas e compõem um banco de contatos criado pela pesquisadora ao fazer o levantamento bibliográfico.

Nesse momento entrou em cena o método Bola de Neve, que Bernard (2005 *apud* Vinuto, 2014, p. 204) descreve como sendo “[...] um método de amostragem de rede útil para se estudar populações difíceis de serem acessadas ou estudadas (*Hard-to-find or hard-to-study populations*) ou que não há precisão sobre sua quantidade.”

Dentre as populações que podem ser alcançadas por esse método, conforme apresenta Vinuto (2014), a que abordamos nesta pesquisa se enquadra entre aquelas compostas por poucos membros, distribuídos por uma vasta área geográfica — neste caso, o território brasileiro. A autora ressalta que esse não é um método autônomo, ou seja, a rede de participantes não se expande espontaneamente, uma vez que os sujeitos são selecionados com base em características específicas definidas pela pesquisa. Além disso, nem todos os convidados necessariamente aceitarão participar. O processo foi escolhido e conduzido com o objetivo de fazer o questionário chegar ao maior número possível de pessoas envolvidas com a temática, seguindo, portanto, os moldes descritos pela autora:

A execução da amostragem em bola de neve se constrói da seguinte maneira: para o pontapé inicial, lança-se mão de documentos e/ou informantes-chaves, nomeados como *sementes*, a fim de localizar algumas pessoas com o perfil necessário para a pesquisa, dentro da população geral. Isso acontece porque uma amostra probabilística inicial é impossível ou impraticável, e assim as sementes ajudam o pesquisador a iniciar seus contatos e a tatear o grupo a ser pesquisado. Em seguida, solicita-se que as pessoas indicadas pelas sementes indiquem novos contatos com as características desejadas, a partir de sua própria rede pessoal, e assim sucessivamente e, dessa forma, o quadro de amostragem pode crescer a cada entrevista, caso seja do interesse do pesquisador (Vinuto, 2014, p. 203).

Ressalto que o **Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)** foi disponibilizado para a leitura e aceite na primeira etapa do documento, o qual após lido e aceito permitia que cada participante prosseguisse no questionário. Depois do período do recebimento das respostas o *link* foi fechado, então, realizou-se o *download* dos dados coletados para um dispositivo eletrônico local (HD externo), apagando os registros da "nuvem".

Por se tratar de uma etapa virtual, destaca-se que os riscos são mínimos, mas existiram, como por exemplo o vazamento de respostas, as quais podem ser avaliadas a sua sensibilidade no (Apêndice A). Temos ciência também das limitações tecnológicas que podem ir desde falta de internet até a inabilidade em utilizar a ferramenta escolhida.

No entanto, como benefícios relacionamos a participação de forma abrangente, onde quase conseguiu-se representantes de todos os estados brasileiros, a facilidade de se responder a qualquer momento, dentro do prazo estipulado, a comodidade de não precisar se locomover, baixo custo, entre outros. Ciente dos riscos e benefícios dessa etapa, busquei cumprir os critérios do Ofício Circular Nº 2/2021/CONEP/SECNS/MS Brasília, 24 de fevereiro de 2021, que presta orientações para procedimentos em pesquisas com qualquer etapa em ambiente virtual.

Informo que, como docente da Pós-graduação em Biblioteconomia e Mediação da Leitura Literária acabei encontrando facilidade em aplicar o questionário que, obtive 93 pessoas participantes<sup>8</sup>, três delas tiveram suas respostas descartadas pelo fato de as mesmas não pesquisarem e nem atuarem com a biblioterapia, e assim, compondo esse mosaico, temos um total de 90 pessoas/respostas. Com essas respostas em mãos, a fase de análise das mesmas - mais detalhada no decorrer do caminho/seção 4 -, o que permitiu trazer uma representatividade

---

<sup>8</sup> Confesso que o resultado me surpreendeu, principalmente ao ler os livros de metodologia científica e esbarrar em apontamentos que pedem um questionário reduzido, pois é comprovado que número extenso de perguntas apresentam alta probabilidade de desistência nas respostas.

quanto ao panorama da biblioterapia que está sendo desenvolvida pelo país, respondendo ao nosso objetivo b.

Desse material, também surge a seleção das pessoas que participaram das entrevistas de história oral, correspondendo ao produto da dissertação, objetivo c, proporcionando a segunda fase da coleta. Para justificar a escolha adotei a amostra não probabilística intencional, que para Brito (2016):

[...] são aquelas nas quais não sabemos de antemão as probabilidades que cada elemento da população tem de ser amostrado – o que ocorre, em geral, em situações nas quais o julgamento do pesquisador é o que determina a pertinência dos casos amostrados para os interesses de pesquisa (Brito, 2016, p. 46).

Mas, não é porque não se estabeleceu os critérios de escolha anteriormente que não há critério, a escolha foi intencional e de forma criteriosa para garantir a ‘transparência’ da pesquisa, os compartilho:

1. Profissionais da Biblioteconomia, pois revelou-se que elas marcam o pioneirismo na área;
2. Longo tempo de atuação com a temática, elas possuem a partir de 20 anos de trabalho com a biblioterapia - confirmando a relevância de cada uma para a temática;
3. Constância do trabalho – todas continuam atuando com a temática, seja pesquisando, mediando encontros ou mesmo as duas coisas;
4. Publicações na área – contribuindo para a propagação da mesma;
5. Disponibilidade e aceite para a entrevista de história oral.

Informo que após a escolha das narradoras iniciou-se o processo de coleta de dados das histórias orais. Reafirmo que esse repertório comporá nosso produto e o passo a passo do seu desenvolvimento será descrito no caminho/seção 5.

## 2.4 MÉTODO PARA ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DE DADOS

Como já foi dito, a opção metodológica por uma pesquisa quali-quantitativa se faz presente e, é amparada pela compreensão de que quantidade e qualidade não são dimensões excludentes, pelo contrário, como aponta Gil (2008), citando Engels: “Quantidade e qualidade são características imanentes a todos os objetos e fenômenos e estão inter-relacionadas. No

processo de desenvolvimento, as mudanças quantitativas graduais geram mudanças qualitativas [...]” (Engels, 1974 *apud* Gil, 2008, p. 13).

A escolha por essa abordagem integrada também encontra respaldo em Minayo e Sanches (1993), que defendem o uso complementar das abordagens quantitativa e qualitativa, quando a complexidade da realidade investigada assim o exige. Uma vez que, a abordagem quantitativa possibilita identificar tendências, levantar indicadores e produzir um retrato geral do campo, o que vai nos permitir visualizar um panorama mais amplo da prática da biblioterapia no país; enquanto a qualitativa pode aprofundar a compreensão de aspectos simbólicos, históricos e/ou culturais desse grupo investigado — incluindo seus hábitos, crenças e práticas específicas.

Sendo assim, embora interligados, as fases de análise e interpretação de dados são momentos diferentes da pesquisa, para Gil (2008) a análise se encarrega de organizar os dados de forma a possibilitar as respostas ao problema em questão. Já a interpretação utiliza de conhecimentos anteriores para dar sentido às respostas, na análise qualitativa essa ‘separação’ é quase imperceptível.

Devido o fluxo da pesquisa em questão e o volume de dados coletados no questionário, utilizamos para esse estudo (corresponde a primeira fase da coleta), os passos que Gil (2008) destaca quando o assunto pesquisa no campo social:

- a) estabelecimento de categorias;
- b) codificação;
- c) tabulação;
- d) análise estatística dos dados;
- e) avaliação das generalizações obtidas com os dados;
- f) inferência de relações causais;
- g) interpretação dos dados.

Seguindo essas etapas, consegui aplicar tanto as possibilidades oferecidas pela análise qualitativa quanto quantitativa no conjunto de dados. Detalho que para as perguntas fechadas, em termos qualitativos, utilizei a estatística descritiva, que foca em resumir e descrever os dados de uma forma que seja compreensível, aproveitando o emprego de medidas como média, moda, mediana, gráficos e tabelas para representar as características principais das informações que se apresentam.

Para descrever as perguntas abertas, utilizei da análise qualitativa de Minayo (2012). Preparei/organizei os dados, verificando se havia respostas incompletas ou inconsistentes.

Rearrumei os tópicos, cruzando variáveis que julguei pertinente, analisando as correlações, avaliei a relação entre diferentes variáveis para detectar possíveis tendências ou padrões e, busquei ultrapassar o nível descritivo das informações, como bem orienta a autora. De forma a tentar captar nas palavras suas impregnações, observando o transitar/‘mudança’ ou não da biblioterapia mesmo que sutilmente. Quão importante são as palavras para revelar as estruturas enraizadas em um determinado saber/fazer.

Por fim, Bartolomeu Campos de Queirós que, além de me acompanhar e me inspirar, também consegue me descrever nessas andanças:

[...] eu que cada dia descubro, perplexo diante do universo, que nada sei. A cada dia que vivo, mais tomo posse do tanto ainda por saber. E o meu exercício de vida tem sido o de estar procurando o que não foi feito ainda, o que ainda não sei fazer. Só me interessa pelo que me falta. E falta tanto... O que sei não me basta ou satisfaz. Isso por acreditar, com convicção, que o mundo só muda quando acrescentamos a ele nosso poder de reinventar a vida com seus tantos significantes. Acredito demais na capacidade inventiva do homem (Queirós, 2002, p. 158).

Isto posto. Sigamos a fim de promover essa interação com o mundo à nossa volta, inventando!

### 3 FORTALEZANDO A BASE PARA O TRILHAR: APRESENTO QUEM ME ACOMPANHA!

“[...] a palavra se torna o material a trabalhar, formar, fazer, desfazer e refazer[...]” (Ouaknin, 1996, p.171)

Nesta seção, apoiada em autorias que considero referência para as temáticas envolvidas na pesquisa e outras que julgo importante trazer para a conversa, pretendo me debruçar e apresentar percursos do caminho que ao juntarem-se compõem o trilhar neste trabalho, sendo esses os percursos da: memória, informação, Biblioteconomia e biblioterapia, passando um pouco pela palavra, leitura e literatura.

Perceberemos que todo esse capítulo será permeado pelas palavras, em suas várias formas de expressão. A **figura 1** é uma ilustração do livro ‘Selvagem’, de Emily Hughes, demonstra o diálogo da personagem com outros seres e, aparece neste trabalho para elucidar o que veremos na tradição Bambara do Komo e Tupi-Guarani (subseção 3.3), que acreditam que igualmente aos humanos, tudo no mundo fala, se comunica. À sua maneira, mas fala!

**Figura 1:** Todo o mundo fala



**Fonte:** Livro ‘Selvagem’, de Emily Minako Hughes.

A palavra está contida em tudo, sem ela, não há a confissão da memória, não há informação, não há literatura, não há biblioterapia. A palavra nos compõe!

### 3.1 SOBRE MEMÓRIA, INFORMAÇÃO E BIBLIOTECONOMIA

Eu escolho a memória. A desmemória assombra porque não a nomeamos, respira em nossos porões como monstros sem palavras. A memória, não. É uma escolha do que esquecer e do que lembrar – é uma oportunidade de ressignificar o passado para ganhar um futuro [...] (Brum, 2014).<sup>9</sup>

Ao iniciar a escrita desse referencial teórico confesso que por vezes me peguei perdida, pois na minha vida, memória, narrativas, informação, histórias e estórias se entrelaçam em um emaranhado que muitas vezes não sei onde se iniciam e nem onde se unem. Sobre essa sensação, foi bom encontrar apoio na produção científica, quando os pesquisadores Yepes e Estrada (2023, p. 243) dizem: “[...] memória e informação são difusas; é difícil estabelecer onde termina uma e começa a outra”. Tal dificuldade talvez ocorra pelo fato de o corpo e suas memórias ancestrais sentirem que não somos somente seres racionais, que somos seres muito mais complexos e dinâmicos e precisamos de espaços para exercer nossa pluralidade. Ao mesmo tempo, esse balaio de informações e percepções causam encantamento por instigar a conhecer mais, sensação também amparada pela pesquisadora Diana Taylor ao abordar a temática da memória na perspectiva do repertório e do arquivo<sup>10</sup>.

Entendendo que neste espaço acadêmico precisamos seguir uma lógica e ter um ponto de partida, sigamos... Acredita-se que homens e mulheres sempre sentiram a necessidade de se comunicar, relatar suas vidas e os acontecimentos, e fizeram isso a sua maneira em cada momento da nossa História, com os recursos que tinham, e dessa forma conseguiram preservar a memória (ou parte dela), como percebemos na fala de Silva:

Todas as evoluções e conquistas humanas, predominantemente, valeram-se inicialmente da palavra oral e posteriormente, também da escrita. No princípio, basicamente armazenada na memória coletiva, individual e repassada de geração em geração, de família em família, as narrativas eram históricas, científicas, informacionais e literárias. Por séculos, as histórias sobreviveram na biblioteca coletiva oral da humanidade até que fossem transpostas para a escrita (Silva, 2015, p. 90).

Sendo assim, sabe-se que da oralidade até a escrita das letras um longo processo se deu, o que faz a memória ser estudada e ‘definida’ por várias perspectivas em muitas áreas do

---

<sup>9</sup> A fonte consultada, nesta epígrafe, não é paginada.

<sup>10</sup> A pesquisadora fala dos conhecimentos que ficam registrados no corpo de cada pessoa (repertório). TAYLOR, Diana. El archivo y el repertorio: la memoria cultural performática en las Américas. Ediciones Universidad Alberto Hurtado, 2015.

conhecimento. No item memória, esse trabalho, apoia-se nos estudos da pesquisadora Josaida de Oliveira Gondar (2016; 2023), mais conhecida como Jô Gondar.

Em seu trabalho de 2023, intitulado “Memória do futuro”, a autora afirma que nossa memória é complexa e composta de várias dimensões, logo, conceituar memória passa a ser algo difícil (Gondar, 2023). Ela defende ainda que não podemos definir a memória e nem esgotá-la, isso porque conceituar algo é não poder mudá-lo, sobre isso o pesquisador Argentino Izquierdo nos diz: “Existe um certo afã do homem em classificar, uma tendência enorme em fazê-lo constantemente, talvez como método básico para não se sentir tão profundamente ignorante.” (Izquierdo, 1989).<sup>11</sup>

Gondar continua seu pensamento dizendo que a memória não se permite aprisionar, ela acontece no processos de conservação e transformação, ela também não pode ter uma única definição por nenhuma área de conhecimento, é um conceito em constante movimento, e esse fato de não poder defini-la é o que a motiva a insistir em pensá-la (Gondar, 2016).

A autora trabalha na perspectiva da memória social, a qual trataremos como recorte para esse trabalho — frente a tantas possibilidades de abordar a temática —, pois compactuo com a proposta e acredito ser a mais pertinente para o trabalho que será desenvolvido. Assim, compartilho de forma muito sucinta as cinco proposições para Memória Social apontadas por Jô Gondar (2016):

**1ª O campo da memória social é transdisciplinar:** para a autora, os conceitos são criados em função de problemas que surgem no mundo e quando a realidade se torna complexa e múltipla, ‘convoca-se’ os procedimentos transdisciplinares, pois admite-se que nenhuma disciplina isolada consegue responder a essa complexidade, isso acontece no campo da memória.

**2ª O conceito de memória social é ético e político:** neste item, devemos pensar que, ao adotarmos um conceito sempre teremos implicações éticas e políticas que sua perspectiva propõe, já que sempre estará em jogo os valores de um grupo, pois uma lembrança ou um documento ao serem escolhidos para preservação, nunca são neutros, a escolha é intencional. Segundo a autora “O conceito de memória, produzido no presente, é uma maneira de pensar o passado em função do futuro que se almeja.” (Gondar, 2016, p. 25).

**3ª A memória implica o esquecimento:** a autora diz que nossas concepções sobre memória social se estruturou a partir da relação de oposição (binarismos), como: lugar e meios, memória e história, indivíduo e sociedade, ou ainda, lembrança e esquecimento e, nessa relação,

---

<sup>11</sup> Material consultado não é paginado.

o esquecimento é visto como um mal. No entanto, nos lembra que esquecer é um ato que sempre estará presente em qualquer construção mnemônica, ainda mais em tempos de memória digital, onde essa concepção binária tem se alterado e a relação entre lembrar e esquecer, passa a ser entendida como coexistente e não mais como polaridades, uma vez que, a escrita digital seria tanto um meio de memória como de esquecimento. É aí que mora a coexistência que tem sido cada vez mais aceita no campo da memória social, o esquecimento é um atributo da memória.

**4ª A memória não se reduz à identidade:** a questão da identidade está intrinsecamente ligada ao esquecimento, pois para que a identidade, seja de uma pessoa ou de uma sociedade, se mantenha, é necessário que se ‘esqueça’ o que não está de acordo com a imagem que se pretende preservar. Ou seja, uma pessoa ou uma nação/grupo/ sociedade, pode esconder traços que comprometam sua imagem — como falhas, sofrimentos etc. —, nesse momento a memória pode, como explica Freud, enviar essa informação/lembrança para o inconsciente. Dessa forma, a autora afirma que a “identidade” é ficcional, pois serve a interesses das mais variadas ordens e assim, se a identidade precisa ser preservada, a memória estará a serviço desse objetivo.

**5ª A memória não se reduz à representação:** assim como a identidade, a representação também se configura como uma parte do processo da memória social, uma vez que ela se constrói não somente com a compreensão intelectual e das lembranças voluntárias, mas também com as recordações involuntárias e os afetos que são particulares de cada ser, fazendo das representações (grupos familiares, religiosos, profissionais etc.) apenas um recorte desse movimento mais complexo e em constante transformação.

A autora afirma que uma representação coletiva é instituída e inventada por nós, como forma de transformar em hábito uma novidade que nos afeta, é aí que encontramos nossa semelhança enquanto seres humanos. No entanto, “A memória, [...], é bem mais que um conjunto de representações; ela se exerce também numa esfera irrepresentável: no corpo, nas sensações, nos afetos, nas invenções e nas práticas de si” (Gondar, 2016, p. 36). Entendo aqui que somos seres coletivos, mas que não renunciamos a nossa individualidade. Colaborando com esse pensamento Pizarro, Chagas e Paula afirmam:

[...] ao buscar as representações sociais manifestadas por um coletivo pesquisado em relação a um dado fenômeno, a atenção se volta aos indivíduos que compõem este grupo e a como suas subjetividades se entrelaçam, construindo e constituindo a realidade estudada (Pizarro; Chagas; Paula, 2023, p. 76).

Gondar nos alerta para o ato criativo da memória, enfatizando que “ao reduzi-la a qualquer uma dessas dimensões, perderíamos a riqueza do conceito” (Gondar, 2016, p. 40) e,

assim, opto por trabalhar com essa memória que não se permite aprisionar, encaixotar, se definir.

Confirmada a transversalidade da memória e, sabendo que ela atravessa várias disciplinas, dentre elas, a Biblioteconomia, olhemos um pouco para esse campo, no qual o diálogo ocorre, em especial, entre Informação e Memória. Lembremo-nos que por muito tempo fizemos, - ainda fazemos, e aqui não me coloco como julgadora se isso é certo ou errado - das bibliotecas um lugar de guarda da memória/história, priorizando a memória histórica — ‘versão oficial’ —, em especial a que tende a instalar uma história homogeneizada do passado. O que nos convencionou, segundo (Yepes; Estrada, 2023, p. 242), as seguintes ponderações: “A informação, então, é tudo o que o arquivo pode potencialmente dizer, enquanto a memória é a escolha de uma maneira de interpretar essa informação”. Nesse trabalho, eles ainda ampliam nossa perspectiva e apresentam outro aspecto dessa relação, que seria o entrelaçamento entre informação e memória sem mediação da materialidade, mostrando essa preocupação em alargar os estudos da memória na Biblioteconomia, pois no momento atual devemos caminhar para quebra de alguns paradigmas no fazer e pensar a profissão, o que também percebe-se nas proposições apresentadas por Gondar.

Isto posto, percebemos que são recentes os estudos que confrontam esse aspecto da materialidade da informação na Biblioteconomia e, por isso, enfatizo o trabalho das professoras Lídia Silva de Freitas e Sandra Lúcia Rebel Gomes, que chama atenção para as novas funções político-culturais de profissionais ligados à informação – bibliotecários(as), arquivistas, documentalistas e cientistas da informação – como forma de ampliação do seu fazer e pensar, as autoras dizem que:

Essa concepção de cultura e informação outorgadas, de cima para baixo, dos cultos e informados para os sem-cultura e sem-informação, traz um sentido não-dito que a constitui: a maioria dos que buscam os chamados lugares de memória – ontem "leitores", hoje "usuários" e até "clientes" – não tem o que incluir nos chamados lugares de memória, apenas o que receber. Diante do momento político-cultural das questões ligadas à memória que buscamos aqui caracterizar, mais do que nunca, precisamos reformular esse conceito (Freitas, Gomes, 2004, p. 7).

As professoras seguem nos provocando para a utilização desses espaços para contarem outras memórias além das que já se mantiveram o monopólio até aqui. Finalizam o trabalho trazendo reflexões para o rompimento com ‘visão conservadora dominante’, chamando a atenção para formação ético-política do profissional da informação, pontuando que na formação devemos promover debates sobre questões histórica e política do que chamamos de cultura

erudita, cultura popular e cultura de massas, além de dialogar sobre o compromisso com os saberes de todos os setores, entre outras propostas.

Vou além e, acredito que os(as) profissionais devam alargar esse trabalho e essa discussão não só para o campo das bibliotecas, mas também quanto a utilização de outros recursos existentes para se trabalhar essas memórias, como os ambientes virtuais, proposta de produto dessa pesquisa, como veremos no caminho/seção 5.

Se olharmos o passado, percebemos que as pessoas bibliotecárias atuam nesse trilhar entre memória e informação desde o surgimento da profissão, quando tinham a ‘missão’ de preservar o conhecimento/memória por meio das grandes coleções, e assim, crê-se que seja uma profissão primordial para se trabalhar com a memória. No entanto, quem com a memória atua deve ter criticidade ao ponto de entender que somos seres plurais e com experiências diversas e, hoje mais do que nunca, devemos abrir espaços para que todas as pessoas sejam incluídas nos trabalhos de ‘preservação’ da memória, já que durante muito tempo nossas coleções foram formadas de forma excludente e hierarquizada.

Nessa luta pelo poder de se registrar/contar a história, podemos adentrar nos caminhos do contra-esquecimento, para que histórias de grupos minorizados sejam trazidas à tona e rememoradas. Embora não possamos considerar nosso objeto de estudo como um grupo ‘minorizado’, se faz necessário enfatizar que o grupo tem pouco de sua memória preservada, que são os registros escritos e publicados. Lembrando Gondar, faremos a representação do grupo, no entanto, nos colocamos na pesquisa não de maneira ingênua, acreditando que teremos resposta do fato tal qual aconteceu, mas sabendo que essas narrativas são atravessadas por todos os pontos complexos e conflitantes que o ato de lembrar, esquecer ou construir uma identidade provocam.

Por fim, escrever sobre e com essas pessoas que fazem o trilhar na biblioterapia, é uma forma de também me escrever, me reconhecer ou não em cada história e honrar o caminho já trilhado para que eu pudesse também o alcançar, como diz a autora indígena, professora e pesquisadora dos direitos humanos Graça Graúna:

*Ao escrever,  
dou conta da minha ancestralidade;  
do caminho de volta,  
do meu lugar no mundo.<sup>12</sup>*

---

<sup>12</sup> LOURES, Marisa. Graça Graúna: “Ao escrever, dou conta da ancestralidade, do caminho de volta, do meu lugar no mundo” [entrevista]. In: Tribuna de Minas, 6.8.2019. <https://tribunademinas.com.br/colunas/sala-de->

E se trazer à memória é considerado um ato de rememoração de experiências afetivas, isso pode ser muito bem-feito pelas narrativas, nesse ponto, memória, literatura e biblioterapia também se entrelaçam, pois os encontros com livros, textos, com outras pessoas e consigo mesmo acaba ativando memórias e cumprem igualmente a função de lembrar o passado com os aspectos do momento presente e projetando algo futuro.

### 3.2 A LITERATURA COMO UM BEM COMUM

“Ler, discutir leituras, muitas vezes pode ser um acontecimento, uma possibilidade de nos encontrarmos com nós mesmos. Esse tem sido o maior impacto dela na minha vida, acima de tudo, aprender.” (Andrade, 2023).<sup>13</sup>

Diversas são as histórias que permeiam o nosso imaginário, sejam as da oralidade, as das oralizações das narrativas impressas<sup>14</sup> que ouvimos de avós e avôs, pais e mães, de educadoras e educadores etc., ou as que são lidas no decorrer das nossas vidas. Essas histórias nos marcam de diferentes formas, seja pelo seu conteúdo, pela identificação com alguma personagem ou pelo seu valor simbólico. Elas nos afetam! Isso acontece porque estamos impregnados de histórias, já as carregamos antes mesmo de nascermos, como por exemplo, ao termos uma história sobre a escolha do nosso nome.

O autor uruguaio Eduardo Galeano, em seu livro ‘Os filhos dos dias’, tem uma frase bastante conhecida que diz: “Os cientistas dizem que somos feitos de átomos, mas um passarinho me contou que somos feitos de histórias.” O autor pode ter tido o intuito de trazer uma metáfora, mas levo ao pé da letra o que ele diz, basta lembrarmos das aulas de Biologia onde aprendemos que os ácidos desoxirribonucleicos (DNA’s) armazenam nossas informações genéticas, ou seja, carregam nossas memórias ancestrais, logo contam um pouco da nossa história.

Talvez por isso, o ato de contar e ouvir histórias se faz presente a todo tempo em nossas vidas, o que faz dessa prática algo sem restrição, nos conectando a elas em qualquer fase da vida e de diversas formas. Clarissa Pinkola Estés, psicanalista que utiliza das histórias para cuidar de seus pacientes, diz que elas são o meio mais eficaz e rápido de se criar vínculos e

---

[leitura/06-08-2019/graca-grauna-ao-escrever-dou-conta-da-ancestralidade-do-caminho-de-volta-do-meu-lugar-no-mundo.html](https://www.escritorabrazil.com.br/leitura/06-08-2019/graca-grauna-ao-escrever-dou-conta-da-ancestralidade-do-caminho-de-volta-do-meu-lugar-no-mundo.html)

<sup>13</sup> Resposta de Lucas Veras Andrade ao questionário da pesquisa concedida em julho de 2023.

<sup>14</sup> A autora Eliana Yunes na introdução do livro “Pensar a leitura: complexidades”, de 2002, aponta a oralização das narrativas impressas como sendo as ações que necessitam da oralidade para se executar o que está escrito, como uma contação de história, um roteiro para televisão ou cinema etc.

acessar nosso mundo interior. Assim ela defende que: “[...] Uma coleção de histórias ... é considerada tão necessária para uma vida longa e saudável quanto uma alimentação razoável, trabalho e relacionamentos razoáveis.” (Estés, 1998, p. 9-10).

Essa necessidade das histórias em nossas vidas não é por acaso, elas nos permitem acessar um mundo que é só nosso, o mundo de dentro. Nos atravessando, provocando, remexendo, nos permitindo reelaborar nosso pensar, sentir e agir. Rovilson Silva (2015) em seu trabalho sobre a oralidade e mediação pedagógica da leitura na escola, vai nos dizer que:

[...] as histórias contribuem para a maturidade dos indivíduos, além de ajudá-los na busca de sentido para a própria existência. Contar ou ouvir restabelece em cada pessoa sua própria humanidade, torna-a mais terna e, principalmente, menos só na existência, por isso não se vive sem ficção e fantasia que as narrativas oferecem à vida (Silva, 2015, p. 92).

Com essa fala, Silva acaba me fazendo convidar outro autor para essa conversa, o professor Antônio Cândido (2004), que afirma que o ser humano busca pela ficção, pela literatura - em seu sentido mais amplo, o que vai incluir várias manifestações literárias -. Inclusive, afirma que isso é um direito universal, uma necessidade básica, já que não há povo que não tenha as suas histórias, suas narrativas, suas manifestações culturais.

Aproveito que o termo **literatura** apareceu, e ele será muito utilizado ao longo do nosso percurso, para informar que, neste trabalho, nos apoiaremos na definição elucidada por Cândido, onde a literatura é:

[...] todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações (Candido, 2004, p. 174).

Para reforçar e ampliar ainda mais os possíveis entendimentos da palavra literatura, cuja definição é muito complexa, e seu ‘domínio’ envolve sempre grupos de interesse, trago para nossa conversa o poeta e pesquisador Abreu Paxe<sup>15</sup> e sua definição de literatura. O professor apresenta o conceito etimológico da palavra sendo ela a junção de LITERA (palavra latina) = letra, signo + TURA (palavra turca) = circulação, movimento. Logo para o autor, literatura é

---

<sup>15</sup> Para quem quiser saber mais do pensamento do pesquisador, a referência para sua tese é: PAXE, Abreu Castelo Vieira dos. A Migração fractal do provérbio: práticas, sujeitos e narrativas entrelaçadas. Defendida em 2016, no Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

signo em movimento, e esse movimento é feito seja por quem fala, seja por quem escreve (Paxe, 2023).

Paxe (2023) defende ainda que oralidade e escrita se complementam e se retroalimentam, uma vez que a oralidade materializa a escrita e a escrita está carregada de oralidade, basta passarmos os olhos pelas páginas de um livro e perceber sutilmente uma voz em nossa mente ao lê-lo, ou ainda, observar que o texto escrito tem ritmo, em especial a poesia.

A pesquisadora espanhola Irene Vallejo, em sua obra ‘O infinito e o junco: a invenção dos livros no mundo antigos’, em um dos capítulos do livro nos apresenta uma época em que os poemas, mitos e cantos de tradição eram compartilhados livremente em público, fosse nas ruas ou nos grandes banquetes dos nobres (que podiam durar semanas). A autora diz que, nesses tempos, a ‘publicação da obra’ ocorria no ato do recital dos repertórios desses e por esses profissionais das palavras. Informa ainda que, como a memória era a única forma de prolongar a vida dessas narrativas, elas eram ritmadas para facilitar a memorização. Destaca que, a invenção da escrita mudou nossa forma de pensar o mundo e se relacionar com ele e, atualmente, algumas culturas convivem com as novas tecnologias, mas mantêm essas produções de base oral - que se recusam a morrer -, e se fazem presente em nosso meio, promovendo um enlace entre oralidade e linguagem escrita (Vallejo, 2022).

Achei pertinente compartilhar esse estudo de Paxe (2023) e as considerações de Vallejo (2022) a fim de reforçar a reflexão sobre o que consideramos literatura - embora Vallejo (2022) considere literatura as letras e escrita - e, também, para aguçar nosso olhar quanto a prática da seleção de histórias orais e escritas seja para leitura particular ou para partilhas literárias. Essa temática, tem me suscitado questionamentos, devido ao que tenho observado quanto a ‘literatura’ utilizadas nos encontros de biblioterapia, germinando pesquisas futuras. O que temos promovido nos encontros? A quem estamos dando escuta e espaço? Mas, voltemos ao nosso foco.

É muito provável que, ao ouvirmos falar de literatura, automaticamente pensamos em leitura, por isso, para esses trilhares que nos levarão à biblioterapia, puxo esse trecho do percurso, já que a **leitura**, se faz uma ação necessária para que se possamos usufruir de todas as criações literárias. Opto também por trazer a leitura em seu sentido mais amplo, a leitura como uma prática mais do que decodificadora, uma ação interpretativa, que antecede à escrita e está presente desde quando o ser humano sentiu a necessidade de se comunicar.

Caminho com Yunes (2002, p. 53) ao dizer que: “[...] No mesmo ato em que se nomeia a natureza, o homem o interpreta; ou seja, desde o primeiro olhar o homem significa, isto é, atribui imaginariamente funções e designações: o homem lê”, a pesquisadora continua sua ideia

dizendo que a leitura não surgiu com a escrita, pois antes da leitura das letras alfabéticas, já liamos as narrativas das imagens nas cavernas, antes da leitura das letras alfabéticas já existe uma leitura oral, como quando somos crianças, que ‘não conhecemos’ as letras, mas já lemos o gestos, rostos, sinais.

Freire (1984) também amplia essa percepção no seu conhecido livro ‘A importância do ato de ler’, enfatizando que “a leitura do mundo precede a leitura da palavra” (Freire, 1984, p.11) e, Bartolomeu Campos de Queiros diz que: “O mundo é um grande livro sem texto. E o trabalho do homem é legendar o mundo” (A palavra [...], 2011, 3min 32s).

A partir do momento que ampliamos o conceito de literatura e de leitura a arte passa a trabalhar em um sentido menos didatizante e mais humanizador<sup>16</sup>, permitindo um desencadeamento até mesmo catártico<sup>17</sup>, mobilizando nossas percepções e afetos nessas experiências, já que nos permite essa influência socioemocional. Vale dizer que, quando isso ocorre em encontros literários e, temos intenção e consciência, passamos a nomear esse acontecimento de biblioterapia e, é sobre ela que conversaremos mais explicitamente nas próximas seções.

### 3.3 BIBLIOTERAPIA: UM FAZER COM PALAVRAS

“A biblioterapia veio dar forma a uma paixão antiga pela palavra, pelos livros e pela literatura[...]” (Pinto, 2023).<sup>18</sup>

A biblioterapia por se tratar de um ação multi e interdisciplinar - na perspectiva apontada por Jonathas Luiz Carvalho Silva (2018)<sup>19</sup> dessas categorias -, ela torna-se um fazer e objeto de estudo de várias áreas do conhecimento. Colaborando com essa afirmação, Czernianin (2008 *apud* Silva, 2017), afirma que a Literatura, Biblioteconomia, Psicologia e Educação são disciplinas que estão ligadas aos estudos de Biblioterapia na Polônia, país referência no tema.

Não importando de qual área do conhecimento se origine o estudo sobre essa prática nos depararemos com um elemento essencial para que ela se desenvolva, que é a **palavra**.

---

<sup>16</sup> Humanização: processo que apresenta nas pessoas os traços da nossa essência (como a reflexão, o aprendizado, melhoramento das emoções, a contemplação etc.). Isso é defendido por CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. *In: vários escritos*. 3. ed. São Paulo: Duas Cidades, 2004.

<sup>17</sup> Aristóteles em sua obra ‘A poética’, fala da [*kátharsis*], que seria a purgação das emoções.

<sup>18</sup> Resposta de Adriana Novis Leite Pinto ao questionário da pesquisa concedida em julho de 2023.

<sup>19</sup> A multidisciplinaridade é a relação inicial entre disciplinas onde elas conversam, mas não modificam sua composição teórico-prática, as disciplinas se relacionam direta ou indiretamente. Já a interdisciplinaridade é a parte prática da atualização de saberes em prol das necessidades sociais.

Palavra essa sagrada para povos indígenas, africanos, judeus entre outros. Palavra esse elemento fundamental nas narrativas orais ou escritas. Palavra essa que se faz necessária para o acordar do potencial terapêutico da literatura nas práticas biblioterápicas.

Para abordar a **palavra** e toda sua importância e mistério para a vida humana, trago um recorte de três realidades que apresentam essa relação (entre seres e as palavras): uma cultura em África, por povoar o nosso imaginário as imagens dos griôs; uma cultura indígena, por cada dia me sentir mais pertencente; e uma cultura judaica, por ser uma das grandes influências na biblioterapia, com o rabino Marc-Alain Ouaknin.

Começo trazendo o etnólogo e filósofo malinês Amadou Hampaté Bâ, que em seus estudos divulgou a trajetória de vida de mestres da transmissão oral, com foco na região de savana, do Sul do Saara, África, destacando a sacralidade da palavra para essa tradição, “Lá onde não existe a escrita, o homem está ligado à palavra que profere. Está comprometido por ela. Ele é a palavra, e a palavra encerra um testemunho daquilo que ele é. A própria coesão da sociedade repousa no valor e no respeito pela palavra (Bâ, 2010, p. 168), como pudemos constatar.

Não poderia ser diferente, essa conexão e reverência à palavra tem uma história por trás, e tudo começa justamente com o conto sobre a criação da tradição **bambara do Komo**, antiga Bafur, que tem na Palavra (Kuma), uma força que vem do próprio, *Maa Ngala*, o Ser criador de tudo, que ao sentir falta de um interlocutor - pois no princípio não havia nada - cria ‘Fan’, um Ovo do qual nasceram vinte seres que compuseram as forças existentes no universo. Mas, nenhuma dessas criaturas foram aptas a se tornarem o desejado interlocutor. Então, *Maa Ngala*, pegou um pouco de cada criatura e misturou com uma centelha de seu próprio hálito, criando o Primeiro Homem (*Maa*). Esse homem recebeu parte do poder divino - o dom da Mente e da Palavra -, além de receber também as potências do poder, do querer e do saber (que permanecem em repouso até o momento em que a Kuma as coloca em movimento). Com esse novo ser, *Maa Ngala* dialogava, e como o passar do tempo, *Maa*, passou a transmitir o que aprendia aos seus descendentes, dando início a grande cadeia de transmissão oral desse povo (Bâ, 2010).

Na história podemos perceber que o Ser criado é parte do Criador e Dele recebe o dom da palavra, que faz dela algo sagrado, já que veio o próprio *Maa Ngala*. Por isso, para essa tradição, a mentira é inadmissível, a falta com a palavra pode causar desequilíbrio das forças, separando o Ser de si e da sociedade, uma vez que a fala é a exteriorização das vibrações das forças divinas, “Quando alguém pensa uma coisa e diz outra, separa-se de si mesmo [...] criando desarmonia dentro e ao redor de si” (Bâ, 2010, p. 174). Essa afirmação desencadeia uma profunda reflexão possibilitando um vasto diálogo sobre a sociedade atual, na qual, muitos

andam desconexos da sua verdade interior, e logo, adoecidos, o que me faz também lembrar de um livro.<sup>20</sup> Mas deixemos esse assunto para um outro momento, pois veremos mais adiante que a biblioterapia pode ser uma aliada nessa reconexão.

Para finalizar nosso percurso com essa tradição, destaco ainda que, para eles, falar e escutar são consideradas ações muito mais amplas do que costumamos pensar. Por ser força, a Kuma, cria uma relação de vai e vem. Por ser ritmo e movimento tem o poder criador que servirá tanto para conservar como para destruir. Eles também acreditam que o universo é composto por fala que ganhou corpo e forma, ou seja, tudo fala, por isso a oralidade não se resume às histórias, lendas e mitos e os *griots* não são os únicos guardiões e transmissores dessa tradição oral.

Agora, acompanhemos a relação do povo indígena Tupi Guarani com a palavra. Quem nos permite essas informações é o líder indígena e escritor brasileiro Kaká Werá Jacupé - filhos de pais Tapuias, mas reconhecido como Tupi Guarani -, isso por meio de uma aula intitulada ‘O poder sagrado das história’, realizada no Youtube, em agosto de 2021 e, da obra ‘Tupã Tenondé: a criação do universo, da terra e do homem segundo a tradição oral Guarani’.

Assim, como a tradição citada anteriormente, a história fundadora do povo Tupi Guarani é cheia de detalhes, que não vamos nos aprofundar. Contudo, vamos conhecer um pouco:

Antes de Ñanderu<sup>21</sup> (Pai Primeiro) nada existia. Então, no princípio, na Noite Primeira, Ele cria os fundamentos do ser, dentre ele está inserido a futura linguagem humana (alma-linguagem), inserido nela a sua própria divindade. Ainda nesta noite cria também o som sagrado e fica a imaginar como multiplicaria de Si. Então, desdobra-se em cocriadores, dentre eles Ñamandu (Grande Mistério, o Primeiro), fazendo surgir verdadeiros pais e verdadeiras mães de seus futuros numerosos filhos (seres humanos/almas-palavras). Esses seres cocriadores foram preparados para absorverem a divina sabedoria e serem responsáveis pela criação das almas-palavras, os enviando para Terra para reencarnarem. Sendo assim, os seres humanos têm em si elementos do divino, pois são parte integrante de Ñanderu e são conduzidos pelos Cocriadores. (Jecupé, 2001).

Segue um trecho do livro citado, relatando um pouco dessa criação, em versão bilíngue,

---

<sup>20</sup> A alma perdida, de Olga Tokarczuk e Joanna Concejo. O livro conta a história de um homem que trabalhava sem descanso, sempre com pressa e, que já havia esquecido sua alma em algum lugar bem distante. Mas a vida seguia, embora sem graça. Até que um dia, após uma viagem, esse homem passa por uma situação na qual não sabia onde estava, não lembrava nem seu nome. Ao procurar uma médica, “mulher velha e sábia”, o diagnóstico foi que ele havia perdido sua alma pelo caminho, então, se inicia a saga ‘da alma em busca desse homem’ ou do ‘homem esperando sua alma’. Tokarczuk, Olga. **A alma perdida**. São Paulo: Todavia, 2020.

<sup>21</sup> Ñanderu é um dos vários nomes atribuído à Suprema Consciência. É ritmo, Espírito-Música, Grande Som, Eterna Música, Tupã Tonondé. (Jacupé, 2001).

assim como na obra, para sentirem um pouco da linguagem poética na qual a criação do povo Tupi Guarani foi contada:

Oãmy vy ma,  
 o yvára py mba'ekuaá gui,  
 okuaara-ra-ra vy ma  
 ayvu rapyta rã i oikuaá ojeupe.  
 O yvára py mbaekuaá gui,  
 okuaa-ra-ra vyma,  
 ayvu rapyta oguero-jera,  
 oguero-yvára Ñande Ru.  
 Yyoiko e~yre,  
 pytu yma mbyte re,  
 mba'e jekuaá e~y re,  
 ayvu rapyta rã i oguero-jera  
 oguero-yvára Ñamandu Ru Ete tenondé gua.

Havendo-se erguido  
 da sabedoria contida em sua própria divindade  
 e em virtude de sua sabedoria criadora,  
 pariu a essência da palavra-alma  
 que viria a expressar-se: humano;  
 da sabedoria contida em sua própria  
 divindade  
 e em virtude de sua sabedoria criadora,  
 criou nosso Pai o fundamento da  
 linhagem-linguagem humana  
 e fez que se pronunciasse como parte de  
 sua própria divindade.  
 Antes de existir a terra, em meio à Noite Primeira  
 antes de ter-se conhecimento das coisas,  
 criou o fundamento da linhagem-linguagem humana  
 que viria tornar-se alma-palavra  
 E fez o Grande Espírito que se formara  
 parte e Todo (Jecupé, 2001, p.25).

Durante a aula proferida, Kaka Jecupé, começa dizendo que para a Filosofia Tupi Guarani “Nós somos uma palavra que anda” (Jecupé, 2021, 3min 10s) e isso não é metáfora e nem força de expressão, uma vez que antropológicamente Tupi significa ‘som de pé’, e todos os Tupi são povos que descendem de Tupã, ‘Som Todo’. Logo, os povos descendentes da Matriz Tupi são parte do Todo, do Criador, sendo um som que se põe de pé entre o céu e a terra.

Assim, acabam sendo um povo que não joga palavras ao vento, pois cada palavra tem uma qualidade criadora.

Ele ainda afirma, que para eles não há distinção entre: ser, linguagem, palavra e alma, com isso, essa tradição dará total valor às histórias, inclusive, igualando a figura do contador de história aos curadores, para ele essas figuras não são dissociadas. Tal a importância da palavra para essa tradição que, recomendam fortemente que atentemos para as narrativas que contamos e ouvimos sobre nós, nas perspectivas de que elas podem nos influenciar positiva ou negativamente, pois toda história tem um espírito e o nosso corpo nada mais é que casa das palavras. Consideram palavras como campo de cultivo, as palavras são pensadas, sentidas e expressadas.

Agora, conheçamos um pouco sobre a palavra e o povo judeu, povo esse conhecido como o povo do livro, tal a importância desse objeto e dos estudos para eles. Então, trazemos o rabino e filósofo francês Marc-Alain Ouaknin, um teórico da biblioterapia, com seus estudos com base em uma prática religiosa e cultural judaica e com a base de pensamento nas leituras talmúdicas<sup>22</sup>, cabalísticas<sup>23</sup> e midráshicas<sup>24</sup>. O autor, em seu livro ‘Biblioterapia’, traduzido e lançado no Brasil em 1996, aborda a importância da palavra para a tradição hebraica ao longo das mais de 300 páginas da obra, elucidamos alguns trechos, pois no decorrer do trabalho muito ainda veremos de seus pensamentos.

O autor, logo na introdução da obra, diz que o “[...] “ser humano vivo” é um “corpo falante”. O “sopro de vida” passa pelo “sopro da palavra” (1996, p. 14). Igualmente às tradições já citadas, acredita-se nessa palavra como algo que dá vida ao corpo. No avançar do texto ele apresenta alguns questionamentos sobre que palavra seria essa, e responde dizendo se tratar de uma-interação entre as palavras em um diálogo. Aqui vale ressaltar que ele já adentrou no campo da biblioterapia e está nos conduzindo ao entendimento do potencial dessa palavra para essa prática.

Ouaknin apresenta a ideia de palavra em movimento como Hapaté Bâ e a ideia da palavra do outro nos afetar, como Kaká Jecupé, podemos conferir em dois momentos de sua obra “[...] a palavra se torna o material a trabalhar, forma, fazer, desfazer e refazer [...]” (Ouaknin, 1996, p. 171) e “[...] é sempre a nossa palavra que é o movimento, o sopro de nossa

---

<sup>22</sup> Talmudica: análise e interpretação do Talmud, uma vasta coleção de discussões rabínicas sobre a lei e a tradição judaica.

<sup>23</sup> Cabalística: uma forma de misticismo judaico que busca a compreensão da natureza de Deus e do universo através da análise de textos sagrados e da interpretação de simbolismos.

<sup>24</sup> Midrásica: é um método de interpretação da Torá, ou Bíblia Hebraica, que busca ir além do sentido literal do texto, explorando seus significados mais profundos e suas implicações para a vida judaica

vida. Mas acontece com frequência que a palavra do outro ativa o nosso universo psíquico e nos transmite emoções que sentimos em nós mesmos”. (Ouaknin, 1996, p. 15), uma vez que usamos a linguagem para comunicar afeto, influenciar, ferir, emocionar.

Para adentrarmos um pouco mais na biblioterapia, finalizo o pensamento do autor com essa citação, que acaba sendo um convite para sermos ‘seres viajantes’, e não nos petrificarmos em um único sentido para os pensamentos, situações, para a vida:

O papel do terapeuta é cuidar do ser, isto é, essencialmente, cuidar da liberdade e da abertura que provoca uma linguagem em movimento. O terapeuta deve assim "desfazer" não somente os "nós da alma", que são um entrave à vida e à inteligência criadora, mas também os "nós da linguagem" palavras encerradas na prisão de um sentido único (Ouaknin, 1996, p 21).

A poeta, psicanalista, e filósofa Viviane Mosé fala dessas palavras encerradas por meio de um poema intitulado: ‘Poemas presos’, segue um trecho<sup>25</sup>:

*A maioria das doenças que as pessoas têm são poemas presos*  
*Abscessos, tumores, nódulos, pedras...*  
*São palavras calcificadas, poemas sem vazão.*  
*Mesmo cravos pretos, espinhas, cabelo encravado, prisão de ventre...*  
*Poderiam um dia ter sido poema, mas não...*  
*Pessoas adoecem da razão, de gostar de palavra presa.*  
*Palavra boa é palavra líquida, escorrendo em estado de lágrima.*  
*Lágrima é dor derretida, dor endurecida é tumor.*  
*Lágrima é raiva derretida, raiva endurecida é tumor.*  
*Lágrima é alegria derretida, alegria endurecida é tumor.*  
*Lágrima é pessoa derretida, pessoa endurecida é tumor.*  
*Tempo endurecido é tumor, tempo derretido é poema.*  
*E você pode arrancar os poemas endurecidos do seu corpo*  
 [...]  
*A dança é uma forma de amolecer os poemas endurecidos do corpo.*  
 [...]

Com esse poema, a autora nos possibilita a refletir e liberar essas palavras presas,

<sup>25</sup> MOSÉ, Viviane. **Pensamento chão**. Rio de Janeiro. Record, 2007.

colaborando de forma literária com as teorias apresentadas no decorrer desta subseção. Vale lembrar que mesmo com toda sacralidade das palavras, elas são constituídas em um contexto histórico-cultural, estão impregnadas dos acontecimentos sociais e podem mudar seu significado ao longo do tempo. As aprendemos e com isso, temos nossas próprias percepções sobre elas, pois traremos nossas histórias de vida, crenças e ideias influenciando diretamente em nossas interpretações.

Por isso, pensar a palavra, conhecer culturas e ampliar os modos de fazer leituras nos possibilita estar aberto para as perspectivas de mundo que cada pessoa traz nos encontros de biblioterapia. Ouso dizer, que essa é uma das características da qual devemos nos apropriarmos caso desejemos ou realizemos esse trabalho – com a biblioterapia -.

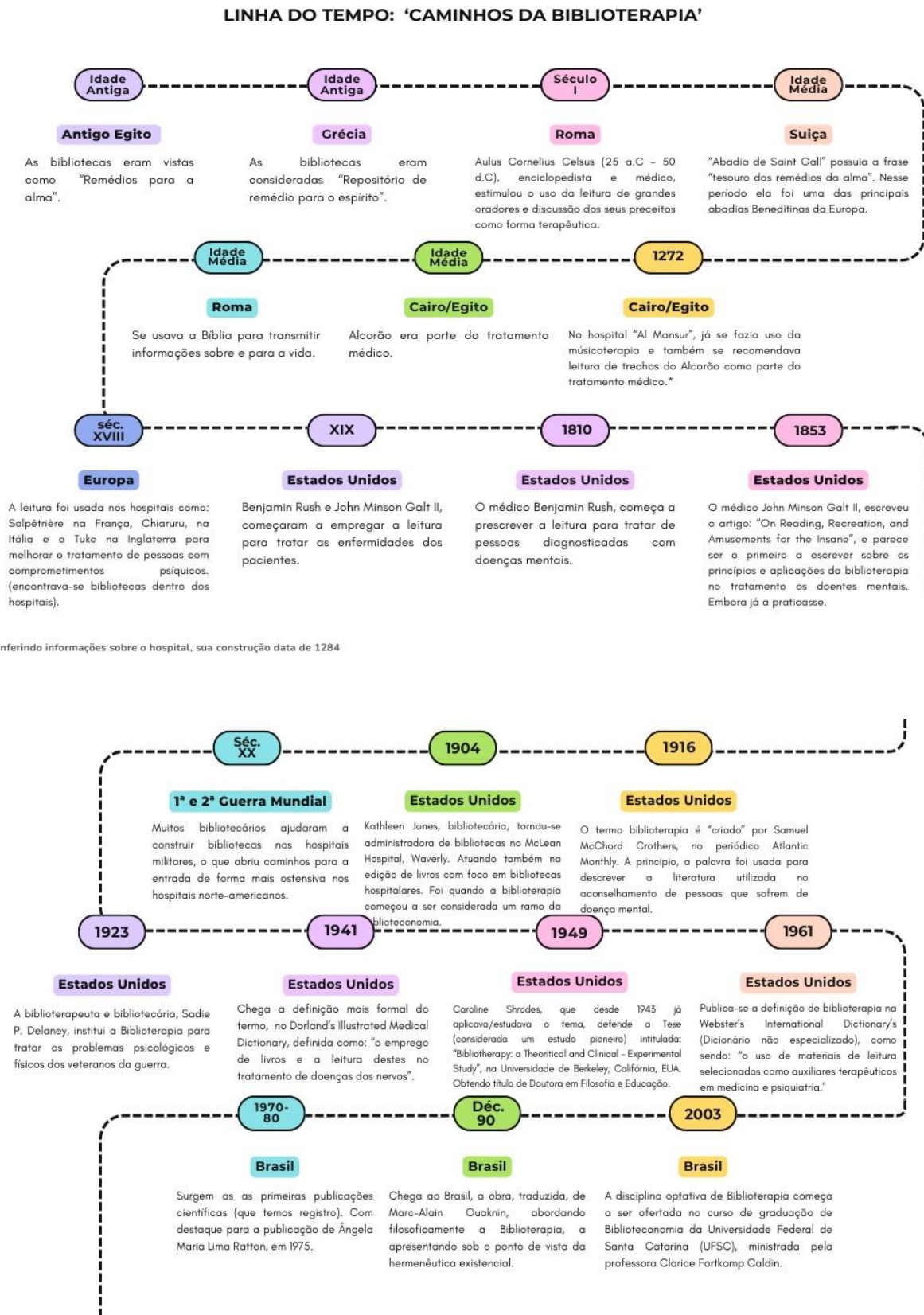
Pelo fato de a pesquisa transitar pelas narrativas (escrita e oral) das pessoas que trabalham com a literatura e pela biblioterapia e, as palavras ditas, não-ditas, escritas, pensadas, lidas, presas... permeiam essas vertentes, trouxe essa subseção. Acredito que agora, podemos seguir pelos caminhos da biblioterapia com mais perceptibilidade sobre o seu potencial.

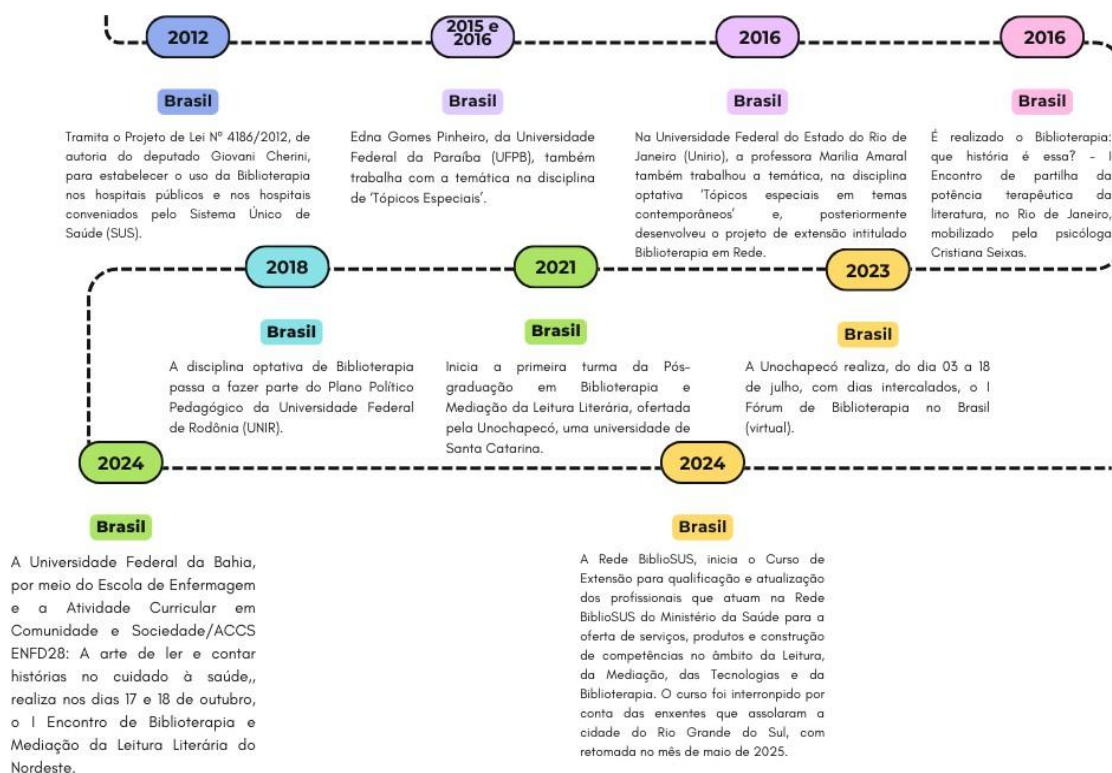
### 3.4 CAMINHOS ABERTOS: BIBLIOTERAPIA NO MUNDO, BIBLIOTERAPIA NO BRASIL

Ouaknin (1996) nos diz que quanto mais remontarmos a História, mais indícios teremos do potencial terapêutico dos livros e das narrativas. Sendo assim, para vislumbrarmos esse caminho histórico, peço licença para apresentar de forma sucinta, por meio de uma linha do tempo, com recortes de pontos que julgo importantes, o trajeto desse percurso no mundo e no Brasil.

O material foi construído com base em informações apresentadas na tese de Vladimir Bezerra Silva, de 2021; na dissertação de Clarice Fortkamp Caldin (2001b); no artigo Jessica da Silva Gadelha e Gabrielle Francinne de S.C Tanus (2019), no livro de Marília Guedes Pereira (1996) e, por fim, atualizo com algumas informações e acontecimentos recentes. Vale ressaltar, que pela minha observação, as publicações de: Alves (1982), Ratton, (1975), Ferreira (2003), Castro e Pinheiro (2005), Rosa (2006), Maltez (2011) e Paula (2015), embasaram em menor ou maior escala as autorias citadas. Inspirada nesses materiais apresento minha adaptação, ao que podemos acompanhar a seguir:

**Figura 2 – Sucinta linha do tempo da leitura terapêutica - biblioterapia**





**Fonte:** Elaborado pela autora (2025).

**Nota:** Inspirado nos trabalhos de Caldin (2001b), Silva (2018) e Gadelha e Tanus (2019).

Com essa linha do tempo podemos perceber que a relação do livro/leitura com os benefícios que hoje atribuímos à biblioterapia já vem sendo aplicado e observado há um bom tempo, a princípio, de forma “solitária”, depois de forma mediada/dupla/grupo. Caldin (2009) confirma que foi a partir do século XX, que a biblioterapia ficou conhecida como a leitura compartilhada seguida da discussão em grupo, ou seja, passou a ser da forma que comumente se trabalha atualmente.

Na caminhada pela tentativa de encontrar conceitos, definições e o percurso histórico sobre a temática, algumas autorias que são referências na área nos acompanharão, que é o caso do filósofo francês Marc-Alain Ouaknin, da professora Clarice Fortkamp Caldin e da psicóloga Cristiana Garcez dos Santos Seixas, informando que outras pessoas pesquisadoras sobre o assunto também entrarão nesse diálogo.

De forma estudada, observada e publicada a biblioterapia acaba sendo uma prática recente. Ouaknin (1996) em seu livro, apresenta uma definição etimológica, que é muito propagada, e diz que a palavra vem da junção de dois termos gregos *biblio* = livro, tableta para escrever e *therapia* = ato de curar, o que na íntegra seria a terapia/cuidado por meios dos livros. No entanto, o próprio autor defende que o significado parece ser simples, mas que acompanha uma série de complexidades, como entender leitura, livro etc., itens que, inclusive, já tratamos

em subseções anteriores.

Anda sobre essa definição etimológica, Sousa (2022, p. 82) nos auxilia nesse pensamento e afirmar: “[...]a definição de Biblioterapia está para além da sua etimologia, pois seu valor conceitual está na grande contribuição da literatura para auxiliar em processos terapêuticos ou para despertar o potencial terapêutico dos livros na vida das pessoas.”. Frente a isso, é quase unânime entre as pessoas que pesquisam e aplicam a biblioterapia que essa definição não dá conta do que seja essa prática, até porque, com o passar do tempo, ela foi tomando maiores proporções, ampliando-se quanto ao uso de materiais, lugar de aplicação, profissionais envolvidos, objetivos e outros fatores.

Essa evolução, foi muito bem abordada por Laiana Ferreira de Sousa (2022), em sua tese, a autora após estudar e observar a aplicação da biblioterapia em determinados relatos de experiência e analisar a literatura referência na área, acabou por elaborar um esquema que categoriza a biblioterapia em três fases, isso com o intuito de melhor compreendermos a prática e contribuir para o avanço dos seus estudos. Vejamos no quadro 2 uma adaptação da proposta apresentada pela pesquisadora:

**Quadro 2 - Fases da Biblioterapia**

<b>FASES DA BIBLIOTERAPIA</b>		
<b>FASE I</b>	<b>FASE II</b>	<b>FASE III</b>
<b>Princípios Psicopatológicos (1940 a 1980)</b>	<b>Princípios Filosóficos (1980 a 2010)</b>	<b>Princípios Metodológicos (2010 --</b>
Nessa fase, a biblioterapia era tratada como uma técnica auxiliar nas áreas médicas, em especial da saúde mental. E a/o bibliotecária/o atuava como assistente, selecionando livros apropriados, por isso a cooperação entre elas/es e profissionais da saúde era recomendada. A técnica era clínica, por isso, utilizada para diagnóstico, tratamento e prevenção de moléstias e de problemas pessoais. Nesse período também há críticas à visão limitada do papel da pessoa bibliotecária, que tem um papel de execução técnica no processo. Foi nessa fase que as contribuições de Shrodes (1949), deu uma base teórica mais sólida à Biblioterapia.	Nessa fase, a biblioterapia, ganha estudos com base na Filosofia (fenomenologia, hermenêutica e existencialismo). O filósofo Marc-Alain Ouaknin considera a biblioterapia uma filosofia do livro, em que a leitura é uma forma de interpretar o mundo, operando transformações existenciais no leitor. A leitura passa a ser vista como um fenômeno interpretativo, intuitivo e social, inserido num contexto psicossociocultural. Destaca-se que, nesse momento, a biblioterapia deve contribuir para o desenvolvimento das competências socioemocionais dos participantes, promovendo o encontro com o outro, com o texto e consigo mesmo.	Esta fase é marcada pela busca de pressupostos metodológicos que definissem a proposta prática dessa abordagem dentro de concepções filosóficas e psicológicas. A biblioterapia ganha ênfase na práticas em grupos. Mesmo com todos os avanços, nessa fase permanece a falta de pressupostos teórico metodológicos para sua realização. A Biblioteconomia, com um modelo mais estruturado passa a buscar mais autonomia na realização das atividades práticas. Caldin, vai propor que, além da leitura, atividades como narração, dramatização, jogos e música também compõem podem compor os encontro de biblioterapia.

Fonte: Adaptação de Sousa (2022).

Com esse esquema a autora acaba contribuindo para um melhor entendimento das práticas, do posicionamento e objetivos de determinados trabalhos, além das diversas opiniões sobre o que vem a ser o fazer biblioterapêutico. Atentando para essas fases conseguimos visualizar melhor as definições que encontramos sobre a biblioterapia, embora o termo não tenha um consenso - assim como a memória, a literatura e a leitura, - teremos vertentes e áreas do conhecimento a definindo. Por isso, apresento alguns conceitos propostos pelas três autorias citadas no início da subseção, para que consigamos vislumbrar essa prática e perceber suas convergências, assim como, exponho alguns outros elementos importantes que compõem os estudos das autorias abordadas.

Iniciando com Ouaknin (1996, p. 22), o autor defende que a biblioterapia pode ocorrer na leitura solitária ou coletiva. Ela se configura como “[...] uma atividade de leitura e comentário[...]” ou ainda “[...] uma terapia do diálogo, mediatizada pelo livro e pela interpretação”. A obra referenciada tem alguns pontos que não posso deixar de citar, sobre a interpretação, ele diz ser o coração da biblioterapia, defende ainda a não fixação da identidade, alegando que nunca estamos acabados e nem podemos nos permitir isso, devemos seguir quebrando os círculos de pensamentos e palavras feitas/prontos, pois abandonar esses nós nos oportuniza um caminho de liberdade. Isso só é possível porque a biblioterapia, segundo ele, é uma vida em diálogo, diálogo esse que traz presença, não somente o respeito mútuo às falas.

Para Clarice Caldin (2001a, p. 36), a biblioterapia é: “[...] leitura dirigida e discussão em grupo, que favorece a interação entre as pessoas, levando-as a expressarem seus sentimentos: os receios, as angústias e os anseios [...]”. A autora enfatiza o uso do material literário por desenvolver a criatividade, tão necessárias nesses encontros, além de permitir, por meio das metáforas, que os participantes possam ir ao mais profundo do seu ser e assim se reinventar, pois podemos encontrar novos significados e perspectivas em nossas vidas. Outra questão importante na obra de Caldin são os componentes biblioterapêuticos<sup>26</sup>: a catarse, o humor, a identificação, a introjeção, a projeção, a introspecção.

E a psicóloga Cristiana Seixas define a biblioterapia como o:

Cultivo do sopro vital, em custódia das palavras (escritas ou orais), por meio de encontros de cuidado para intercambiar narrativas. O processo parte da criação de espaço para disponibilidade para o outro, com atenção às linguagens, incluindo as não verbais. Segue na curadoria de trechos de livros, poemas, histórias ou imagens que possam provocar acolhimento,

---

<sup>26</sup> Componentes biblioterapêuticos são apresentados pela professora Clarice Caldin, em sua dissertação (2001), intitulada: A poética da voz e da letra na literatura infantil (leitura de alguns projetos de contar e ler para crianças), que pode ser acessado em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/81866>

encantamento, bem-estar, devaneio, desassossego ou coragem para rupturas e ousadias. O processo fomenta respiro, oralidade, diversidade, repertório e autoria. É experiência estética, afetiva, lúdica, reflexiva e formativa (Seixas, 2020, p. 44).

Para a autora, a biblioterapia é comprometida com as solturas, por isso defende que ela é tanto bálsamo para a alma quanto material potente para expulsar dor e encarar questões (Seixas, 2021). Em sua dissertação (Seixas, 2018) defende o uso da arte para aprofundar o cuidado humano, para isso, utiliza-se no trabalho com biblioterapia outras expressões artísticas além da literatura. Outro ponto muito interessante de se abordar é a questão da liberdade de ler e formar sua biblioteca interior, criando essa intimidade com as autorias e, assim, utiliza de toda essa poética que compõe seu ser a serviço do outro, buscando sempre brechas para espalhar literatura, beleza e leveza.

É notório entre as definições que elas convergem para o trabalho que envolve a interpretação e diálogo (subjetividade do ser humano), fazendo com que essa seja acessada por meio do material literário, em sua dimensão ampla, como defendida por Candido. Tanto o ato de interpretar quanto o de dialogar são enfatizados no trabalho de Ladeia e Bedin (2023) no que concerne o caráter preventivo da biblioterapia, inspiradas em Ouaknin, as autoras dizem que o ato de interpretar permite que o ser se mantenha em movimento, mudando suas ideias e até mesmo suas narrativas. Esse movimento impede a estagnação e reduz a chance de adoecimento físicos e emocionais, promovendo o caráter preventivo da biblioterapia. E o diálogo - seja ele com o texto ou com as pessoas envolvidas na prática -, permite que as pessoas exponham suas sensações e emoções (dores, tristezas, alegrias, sonhos, inquietações...) e fazendo isso pode se perceber a abertura de novos caminhos, assim como perceberem que não estão só nessas situações que são tão humanas.

Para que tudo isso aconteça os encontros biblioterapêuticos exigem um espaço físico e simbólico ‘diferenciado’, espaço esse que Seixas diz que corroboram para o:

[...] desenvolvimento da língua, através da leitura, da expressão verbal, do enriquecimento do vocabulário e do imaginário, da concentração, do ato político da força e coragem de colocar sua palavra na roda, mesmo e principalmente se discordante da opinião do grupo. Revelou-se também como espaço para ser inteira, respirar, relaxar, devanear e criar vínculos afetivos de partilha do sensível (Seixas, 2018, p. 39).

Ou seja, são espaços acolhedores para o diálogo, uma vez que o ser humano necessita ser ouvido, e ao falar e ser ouvido, se sente pertencente e acolhido, se acolhido, pode ser vulnerável quanto a sua diversidade no pensar e do sentir. Hoje esses espaços (físicos e virtuais)

são os mais diversos, se observamos a linha do tempo, veremos uma predominância do ambiente hospitalar na aplicação da biblioterapia nos Estados Unidos. No entanto, no Brasil, a prática há tempos ganhou força e ocorre em escolas, bibliotecas, clínicas psicológicas, hospitais, Instituições de Longa Permanência de Idosos (ILPI), praças, ambientes prisionais etc., dessa forma contemplam os mais diferentes públicos.

Logo, se os ambientes são diversos, assim também é o público que recebe esses encontros. Nesse sentido, também se abre uma discussão para os tipos de biblioterapia, que não abordaremos aqui. No entanto, acredita-se que de acordo com o espaço e público, um encontro personalizado, de acordo com as 'necessidades', deverá ser planejado e aplicado. Silva (2005, p. 18) vai nos dizer que “[...] seria mais útil e preciso observar a natureza dos fenômenos e processos e necessidades sociais que são objeto de intervenção biblioterápica para definir os diferentes âmbitos de atuação profissional.”, assim, aborda-se outro ponto delicado da temática, quais os profissionais capacitados para atuar com a biblioterapia? Uma vez que ela é interdisciplinar, concordo que pessoas de várias áreas do conhecimento podem mediar o processo. No entanto, defendo também que alguns conhecimentos precisam ser adquiridos, assim como algumas habilidades devem ser desenvolvidas/lapidadas, ou seja, há a necessidade de um preparo para quem deseja trabalhar com ela.

Sobre isso, Silva (2005, p. 22) expõe que: “[...] o papel da formação para o campo de atuação profissional de biblioterapia parece estar relacionado com a maneira como os profissionais que lidam com biblioterapia a compreendem e, principalmente, com a definição que possuem sobre a mesma”. Já a professora Clarice Caldin, ao falar especificamente com as pessoas graduadas em Biblioteconomia enfatiza:

O bibliotecário que pretende desenvolver atividades de biblioterapia deve, antes de tudo, nutrir interesse pelo aspecto humano da profissão, esquecendo-se, nesses momentos, dos serviços técnicos para os quais também se preparou na Graduação. É indispensável demonstrar empatia, interesse e preocupação com o bem-estar do outro, saber escutar os problemas alheios e ser flexível no programa de atividades que planejou a fim de contemplar os gostos de todos os envolvidos no programa. Estabilidade emocional, boa saúde física, bom caráter, domínio de textos literários e embasamento teórico são pré-requisitos para o aplicador da biblioterapia, que em momento algum se intitula terapeuta (Caldin, 2009, p. 57).

Outra indagação que sempre surge é referente a diferença da biblioterapia para outras práticas literárias, o que não conseguiremos abordar aqui. Mas Seixas (2021, p. 140), validando esse trabalho com a literatura, nos diz que: "A busca é por menos prestígio e vaidade, mas por

conexão e cuidado. Literatura fora do salto, do púlpito, do ego, a serviço do outro, fomentadora de diálogos e sentidos. Elo humanizante".

Sousa (2022) também apresenta uma preocupação com essa diferenciação das atividades que se utilizam da literatura, assegurando que mesmo sendo uma prática antiga, o que tem sido estudado em biblioterapia não avançou em termos teóricos e metodológicos, o que se estende para a falta de uma estrutura teórico-metodológica na realização das ações, o que pode levar à banalização da prática. O que conseqüentemente pode gerar a realização de várias atividades literárias, que não estimulam o desenvolvimento das competências socioemocionais, sendo chamada de biblioterapia.

Com as considerações de Seixas e Sousa, podemos perceber que na biblioterapia a literatura sai de suas análises crítica, acadêmica, moralizante e didatizante e passa a ser um instrumento de humanização, de cuidado, de possibilidade criação desses espaços para o sentir e o criar, “promover o encontro do sujeito com a compreensão do seu eu” (Sousa, 2022, p. 95).

É certo que:

Não importa qual a definição dada, pois tanto na prática quanto na discussão, a Biblioterapia continua sendo um assunto altamente complexo. Analisando-se os resultados de pesquisas realizadas, fica evidente que questões propostas há anos atrás ainda continuam sem resposta (Seitz, 2000, p. 31).

Também é certo que a biblioterapia se espalhou pelo Brasil e teremos aplicações de acordo com a base desenvolvidas nos países anglo-saxões e outras aplicações voltadas para a biblioterapia hermenêutica defendida por Ouaknin e, pode ainda ser que tenhamos outras variáveis sendo aplicadas, assim como, outras ações que não sejam biblioterapia. O campo está aí, aberto e para nos fazer pesquisar, refletir, contribuir, questionar, encontrar respostas ou não.

#### 4 BIBLIOTERAPIA PELO BRASIL: ANDANÇAS DE SABERES, FAZERES E AFETAÇÕES

Há algumas décadas, quando encontrei muito ao acaso, em uma livraria, o livro “Biblioterapia” de Marc-Alain Ouaknin. Foi a primeira vez que vi a palavra “Biblioterapia”, e fui tragada por ela. Levei o livro e comecei a estudar (Zanferrari, 2023).<sup>27</sup>

**Figura 3** – Xilogravura ‘Memórias da biblioterapia’ 1/1<sup>28</sup>



**Fonte:** Acervo pessoal da autora.

Na introdução deste trabalho, apresentei meu interesse em realizar a pesquisa a fim de conhecer os caminhos trilhados por profissionais que atuam com a biblioterapia pelo Brasil, que são pessoas que se constituíram leitoras e mediadoras de leitura, em especial da literária. Fui instigada pelo desejo de tentar compreender esses percursos e as experiências desses(as) profissionais-caminhantes. O que será que lhes motiva? O que foi desbravado? Inventado? Transformado? Superado?, e também por identificar como o trabalho tem sido realizado no Brasil, uma vez que a biblioterapia é velha e nova.

Tal desejo me fisgou de tal forma que me acompanhou, inclusive, para momentos de fazeres artísticos e culturais, me fazendo enxergar a pesquisa onde quer que eu andasse, prova

<sup>27</sup> Resposta de Cristina Zamferrari ao questionário da pesquisa concedida em julho de 2023.

<sup>28</sup> Matriz de xilogravura confeccionada pela pesquisadora em uma oficina realizada no Centro Cultural do Cariri, Crato/CE, 2023.

disso foi essa confecção da matriz de xilogravura - que abre a sessão - em uma oficina. Isto posto, apresento os caminhos andados pelas pessoas colaboradoras dessa pesquisa, formando mais uma parte do nosso percurso, dessa vez, com paradas nas lembranças evocadas em cada participante, por meio das perguntas que lhes chegaram pelo questionário, nessa partilha na grande roda que é o fazer biblioterapêutico. Ressalto, desde já, que aprofundamentos teóricos ou políticos nem sempre serão possíveis, devido à limitação do objetivo, tempo e espaço de um trabalho de dissertação, assim como, a pesquisa não tem o objetivo de avaliar se o que é praticado por cada participante é biblioterapia ou outra vertente de atividades literárias, o chamado foi feito e a identificação do seu trabalho como biblioterapia foi acolhida, podendo gerar, inclusive, novas pesquisas sobre isso.

Informo, ainda, que cada trecho desse percurso (pergunta do questionário), algumas vezes, recebe respostas informadas em outras questões. As trouxe para o diálogo porque acredito que colaboram para a explanação do nosso cenário e melhor entendimento dele. Considero essas andanças nas questões a melhor forma de conduzir a trilha desse fazer complexo e desafiador. Tomemos fôlego e vamos conhecer esses(as) profissionais-caminhantes!

#### 4.1 PARADA 1 – DAS INFORMAÇÕES INICIAIS OU DO RAIO-X PARA POSSÍVEIS APROFUNDAMENTOS

“A biblioterapia é o cuidado da alma através da literatura e sua linguagem simbólica, em tempos áridos como os nossos é o bálsamo humanizador e curador!!” (Gazzola, 2023)<sup>29</sup>

Nessa parada, as primeiras perguntas do questionário foram referentes a nome e email, uma forma de ter o contato de cada pessoa para a devolutiva da pesquisa e suas fases. Depois, seguem as perguntas, que acredito, que se entrelaçam ou são parâmetros para relacionarmos a questão das outras paradas. Dando continuidade...

##### 4.1.1 Da faixa etária

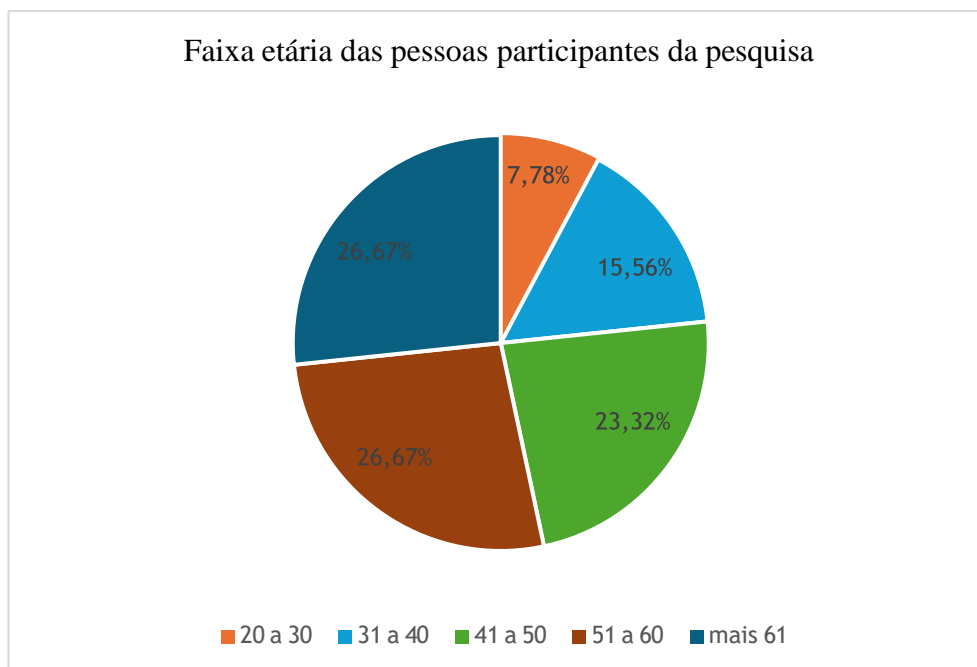
A 3ª pergunta do questionário foi relativa à **faixa etária** dessas pessoas que trabalham com a biblioterapia pelo Brasil. No gráfico 1, podemos observar as porcentagens que equivalem ao quantitativo de **sete** pessoas na faixa dos 20 aos 30 anos, **quatorze** dos 31 aos 40, **vinte e**

---

<sup>29</sup> Resposta de Claudia Maria Gazzola ao questionário da pesquisa concedida em julho de 2023.

uma dos 41 aos 50, vinte e quatro entre 51 aos 60 e vinte e quatro com mais de 61 anos de idade.

**Gráfico 1** – Faixa etária das pessoas participantes da pesquisa



**Fonte:** elaborado pela própria autora (2025).

**Nota:** os dados foram coletados durante do 2º semestre de 2023.

Observa-se que a maior porcentagem do trabalho dedicado a biblioterapia é representado pelas pessoas com mais idade/experiência, essa informação sempre vem acompanhada de reflexão sobre seu motivo e, algumas suspeitas são levantadas como: ao se aposentar, essas pessoas podem se dedicar a fazer algo que goste, como citou Seixas (2024) ao falar sobre as responsabilidades do cotidiano e as “fugas” para os momentos com a literatura:

[...] E, quem sabe, por conta dessa “proibição”, haja procura significativa de pessoas aposentadas que desejam atuar com a biblioterapia. Como se, enfim, fosse permitido o exercício do prazer de ler e conversar, com leveza, sentido e nutrição anímica (Seixas, 2024, p. 16-17).

Tal suposição se confirma no relato de Núbia Maria<sup>30</sup> no livro “Mergulho na biblioterapia: relatos que inspiram”: “Acabara de me aposentar em setembro/2018, com planos de realizar coisas que sempre tive o desejo de fazer, o que por conta de trabalhar fora e outros afazeres não tinha tempo [...] (Maria, 2024, p. 183). Ela segue seu relato, perpassando pelo encontro com a biblioterapia e seus desdobramentos.

<sup>30</sup> Apresento o nome da forma que conta na obra (sem sobrenome).

Igualmente, temos o exemplo de (Silva, 2024, p. 230) ela diz: “Quando o estresse e o trânsito me venceram, aposentei, abandonei aquele suposto glamour de mulher executiva bem remunerada [...] Abri mão daquela segurança” e, continua “Tive que aprender a reduzir gastos e fui aos poucos reinventando a vida, dedicando tempo às antigas paixões e me preocupando apenas com o essencial [...]”.

Ou ainda, na aposentadoria existe uma garantia financeira, dando a liberdade do trabalho voluntário - como veremos, ele é bem acentuado nesse fazer -; o trabalho com a literatura ainda é difícil de rentabilizar no Brasil, e assim, não podendo, muitas vezes, ser algo de dedicação exclusiva para muitas pessoas. Essa discussão veio à tona no “Tucum da Biblioterapia”<sup>31</sup> de janeiro de 2025, que teve como provocação a seguinte indagação: Há equilíbrio entre o que você investe e recebe no trabalho com a Biblioterapia?, suscitando, dentre tantas falas, a dedicação tão profunda a esse fazer que, por vezes, gera o famoso ‘pagar para trabalhar’.

Pode-se ainda considerar que o encontro com a biblioterapia – com esse nome – aconteça no avançar do percurso da vida, como nos relata Heloísa Mansur: [...] A minha aposentadoria ocorreu em 2012 e em 2017 fiz curso de biblioterapia, descobrindo, então, que boa parte de meu trabalho era biblioterapêutico (Mansur, 2024, p. 113). Teoria também confirmada por uma respondente da pesquisa ao falar sobre o início do seu trabalho com a prática: **“Sem dar esse nome desde que iniciei minha prática clínica em 1978, porque sempre utilizei textos, poesias, livros infanto-juvenis e outros por me identificar com essa prática. Com o nome de biblioterapia a partir de 2015, após o curso”** (Entrevistada 40)<sup>32</sup>.

Para aprofundar essa questão e trazer informações mais ‘consolidadas’, fica a sugestão de uma pesquisa voltada para esse item, inclusive, para saber os motivos que ‘atraem’, ou o que esse público busca ao decidir atuar com a biblioterapia.

Que o trabalho se concentra em sua maioria com pessoas na faixa etária citada não podemos negar, no entanto, há ainda as outras idades compondo esse fazer saber, apontando que a prática tem sido adotada por todas as idades. Na questão sobre o tipo de trabalho realizado (voluntário, autônomo ou vinculado ao trabalho) poderemos visualizar em quais tipos de ações cada faixa etária se encaixa.

---

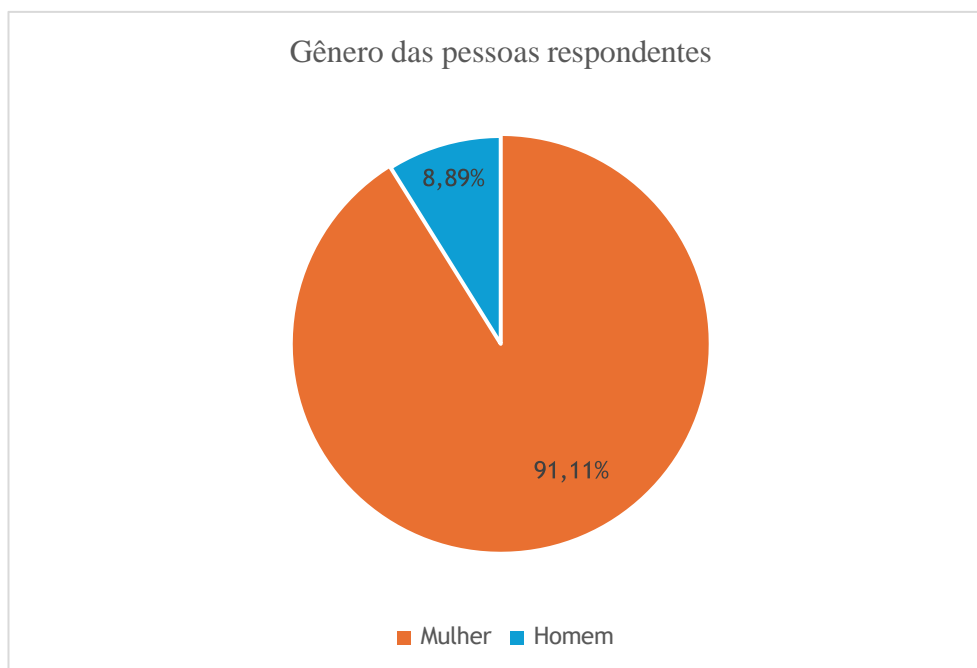
<sup>31</sup> Encontro virtual, uma vez ao mês, que reúne profissionais que atuam com a biblioterapia, de várias partes do país, para discussões em torno da temática como forma de fortalecer o grupo e a prática. A gravação dos encontros pode ser acessada em: <https://www.youtube.com/watch?v=r5l3m9zw6K0>

<sup>32</sup> As falas das pessoas participantes aparecerão entre aspas duplas e negritada. Quando houver necessidade, também com o recuo diferenciado do recuo das citações diretas com mais de três linhas.

#### 4.1.2 Da identificação com gênero

Quanto ao gênero<sup>33</sup>, o panorama de respondentes contou com a representação de 82 mulheres e oito homens. Escancarando que o trabalho biblioterapêutico é dominado pelas mulheres, assim como o público participante das ações e, a Biblioteconomia (isso diz muita coisa sobre valorização do trabalho, precificação do serviço etc.), diga-se de passagem.

**Gráfico 2** – Gênero das pessoas participantes da pesquisa



**Fonte:** elaborado pela própria autora (2025).

**Nota:** os dados foram coletados durante do 2º semestre de 2023.

Frente a esse resultado, podemos trazer alguns trabalhos para elucidar a questão das mulheres na biblioterapia. Vejamos: Correia (2019), em seus estudos que, objetivou identificar a contribuição da produção das mulheres para o desenvolvimento da biblioterapia dentro das publicações da Ciência da Informação e da Biblioteconomia entre os anos de 1975 e 2019, constatou que, dos 62 artigos e dos 70 trabalhos acadêmicos – Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), dissertação e tese – produzidos no Brasil, no recorte de tempo estipulado, a produção é predominantemente feminina, dando destaque para a professora Clarisse Caldin.

Já Mattos (2018), verificou o panorama dos cursos e oficinas de biblioterapia oferecidos no Brasil, de janeiro de 2017 até abril de 2018. Ao se deparar com nove (9) possibilidades de capacitação, relatou que todas as pessoas ministrantes são do sexo feminino (três bibliotecárias,

---

<sup>33</sup> O formulário apresentou a pergunta em formato aberto, para que cada participante ficasse livre para responder sua identificação, uma vez que gênero é uma construção social.

duas psicólogas, duas pedagogas, uma jornalista e uma professora de Letras), tendo um coordenador em um dos cursos.

Temos outros exemplos de pesquisa que apontam esse protagonismo das mulheres, os abordaremos em outra questão. Aproveito para sair um pouco, mas não totalmente, do campo da biblioterapia e, ampliando o debate, faço o convite à seguinte reflexão: será que esses dados apresentam a relação das mulheres com as profissões ligadas ao cuidado? Tomo como base uma explicação da ONU Mulheres que diz:

Qualquer atividade que envolva o cuidado diário com pessoas, seja ele físico, emocional, psicológico ou de desenvolvimento, além das atividades indiretas que garantam as condições de vida, como tarefas domésticas, são consideradas trabalho de cuidado. Esse trabalho pode ser remunerado ou não remunerado, realizado dentro ou fora dos domicílios (ONU..., 2024)<sup>34</sup>.

Na luta pela criação de sistemas e políticas integrais de cuidado, que visam inserir essa prática (cuidado) a partir de uma perspectiva de bem público, poderia a biblioterapia ser inserida nessa política? A biblioterapia pode adentrar nas temáticas da ‘economia dos cuidados’<sup>35</sup> que está ligada não somente aos trabalhos domésticos, mas também a outras práticas profissionais?

Para finalizarmos esse item, cabe ressaltar que, dos oito respondentes que se identificam com o gênero masculino, todos atuam na mediação da biblioterapia. Inclusive, hoje há um crescimento, tímido, mas existente, sobre encontros de homens para tratar de suas questões e vulnerabilidades, espaços necessários uma vez que vivemos em uma sociedade na qual os homens são ensinados a serem fortes e não expressarem suas emoções. Todavia, mesmo vivendo em um mundo com essas características, nesse mesmo mundo grupos de pessoas desafiam as regras impostas e com isso caminham para o reconhecimento de uma nova masculinidade, que reconhece o cuidado, em especial da saúde mental, como uma necessidade.

Na minha busca para a pesquisa, não encontrei iniciativas de biblioterapia exclusivamente para esse público. Mas ressalto o trabalho do Instituto PDH<sup>36</sup>, que atua com pesquisas, capacitação e geração de produtos voltados para tratar dos temas sutis da masculinidade, um desses produtos é o documentário “O silêncio dos homens”<sup>37</sup>, que surgiu a

---

<sup>34</sup> A fonte consultada, nesta citação, não é paginada.

<sup>35</sup> A “economia dos cuidados” está relacionada às atividades cruciais para manter as pessoas vivas e promoverem o seu bem-estar. <https://www.conjur.com.br/2024-mar-08/cuidados-com-o-trabalho-e-o-direito-das-mulheres/>

<sup>36</sup> Uma plataforma de pesquisa e transformação, voltada para a masculinidades. <https://institutopdh.com.br/>

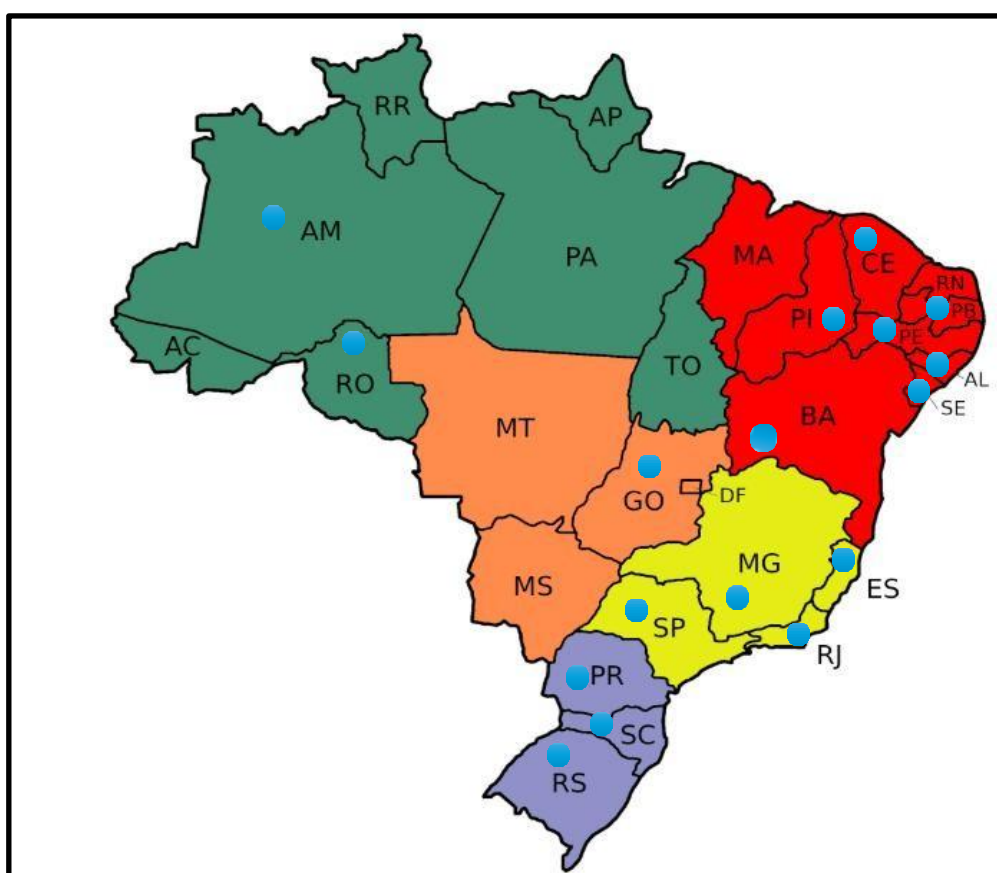
<sup>37</sup> Um filme sobre as dores, qualidades, omissões e processos de mudança dos homens. Pode ser assistido em: <https://www.youtube.com/watch?v=NRom49UVXCE>

partir de uma investigação com mais de 40.000 pessoas, sobre as masculinidades no Brasil. Quem sabe em um estudo futuro consigamos registrar ações de biblioterapia exclusiva para esse público.

#### 4.1.3 Da localidade

No que se refere à localidade dessas pessoas, todas as regiões do país foram representadas, mas não de todos os estados. Vamos aferir na figura 4 e, no quadro 1 a seguir:

**Figura 4** – Estados que tiveram respondentes na pesquisa: divisão por região



**Fonte:** Adaptação do mapa do site da infoescola  
<https://www.infoescola.com/geografia/mapa-do-brasil/>

Com o mapa em questão, é possível visualizar os estados nos quais houve participantes respondentes, sinalizados com marcação azul. Para dialogar com esse resultado, menciono o trabalho de Sousa, Santos e Ramos (2013), onde as autorias realizaram uma revisão de literatura, fazendo busca nas bases como Scielo, Portal Capes e Base Referencial de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação (Brapcis), identificando ações e projetos de biblioterapia concentrados nas regiões Sul, Sudeste e Nordeste do Brasil.

Apesar de não podermos afirmar que inexistiam práticas nas regiões Norte e Centro-Oeste naquela época, é possível que elas simplesmente não tenham sido registradas ou publicadas. Atualmente, no entanto, já encontramos relatos de algumas iniciativas nessas regiões. Com base nas informações do banco de respostas da pesquisa, constata-se, por exemplo, uma ação desenvolvida em uma escola de Manaus, voltada especificamente para adolescentes, apresentada pelo (Entrevistado 66): “[...] **trabalho com adolescentes e sempre é um desafio tentar que eles foquem na atividade [...]. E também é gratificante quando percebo que eles gostam das atividades e pedem para que tenham mais vezes.**”

Se partirmos para ações que já foram divulgadas por meio de publicações científicas, podemos citar os projetos: “Nem todo herói usa capa, alguns leem livros”, que também foi realizado em Manaus/AM e o trabalho “A prática da Biblioterapia como forma de cuidado para mães de crianças autistas da AMA Conesul-RO”, desenvolvido em Colorado do Oeste/RO, hoje eles já podem adentrar os estudos de revisão de literatura por terem sido publicados no volume 26 (2021) e 28 (2024), respectivamente, da Revista ACB, de Florianópolis.

Já na região Centro-oeste, especificamente na cidade de Barra da Garça/MT, o trabalho tem sido desenvolvido com pessoas idosas de forma a “[...] **promover cultura e lazer através de material literário para pessoas que não têm tanto acesso (no meu caso, dos idosos que moram no asilo)**” nos contou a (Entrevistada 76).

O quadro número 3, aponta de forma mais detalhada as cidades onde essas pessoas residem, ou seja, de onde estão exercendo seus fazeres com a biblioterapia.

**Quadro 3 – Representatividade das cidades e estados do país**

Região	Estado	Cidades	Quantidade	Total na região
Norte	Amazonas	Manaus	5	7
	Rondônia	Colorado do Oeste	1	
		Porto velho	1	
Nordeste	Alagoas	Não informou a cidade	1	21
	Bahia	Itabela	1	
		Salvador	3	
	Ceará	Crato	2	
		Fortaleza	4	
		Juazeiro do Norte	2	
	Paraíba	João Pessoa	2	
	Pernambuco	Recife	2	
		Petrolina	1	
Piauí	Teresina	1		
Sergipe	Aracaju	2		
Centro-Oeste	Goiás	Aparecida de Goiânia	1	3
		Goiânia	1	

	Mato Grosso	Barra do Garças	1	
Sudeste	Espírito Santo	Guarapari	1	45
		Vila Velha	1	
	Minas Gerais	Belo Horizonte	1	
		Diamantina	1	
		Janaúba	1	
		Juiz de fora	1	
		Ouro Preto	1	
		Pouso Alegre	1	
		Sete Lagoas	1	
		Não informou a cidade	1	
	Rio de Janeiro	Itaguaí	1	
		Maricá	1	
		Niterói	3	
		Petrópolis	2	
		Rio de Janeiro	8	
	São Paulo	Não informou a cidade	1	
		Araraquara	2	
		Barretos	1	
		Cotia	1	
		Guarulhos	1	
		Itaquaquecetuba	1	
		Osasco	1	
Praia Grande		1		
Ribeirão Preto		1		
São Caetano do Sul		1		
São Paulo		6		
São Roque		1		
São Sebastião		1		
Sorocaba	1			
Sul	Paraná	Guarapuava	1	14
		Londrina	1	
	Rio Grande do Sul	Canoas	1	
		Carazinho	1	
		Porto Alegre	2	
	Santa Catarina	Chapecó	1	
		Florianópolis	6	
Total de participantes				90

**Fonte:** elaborada pela autora (2025).

**Nota:** os dados foram coletados durante do 2º semestre de 2023.

Esse retrato reflete - dentro do nosso recorte, mas não sei se diferencia de uma realidade total - a distribuição dos fazeres em biblioterapia nas cidades/estados/regiões. Se considerarmos a dimensão do nosso país, esse percentual de pessoas fica pequeno, fazendo sentido as afirmações de Andrade e Silva (2018) ao dizerem que a prática se encontra em estágio de afirmação pelo Brasil e, Muniz (2019) que diz ser a biblioterapia uma prática ainda não consolidada, acrescentando que ela possui limitações e enfrenta dificuldades, dentre elas: a falta de conhecimento do público sobre o que é a prática e também a ausência de treinamento por parte dos profissionais que com ela atuam.

Na produção científica sobre o tema, Souza (2022) nos diz: “[...] foi identificado que a atividade biblioterápica é muito desenvolvida na cidade de Santa Catarina, e a instituição que mais aborda essa temática é a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) através da Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina.” (Souza, 2022, p. 46). Já Andrade e Silva (2018) no estudo que, dentre outros objetivos, buscou demonstrar a área geográfica de atuação de quem pesquisa a temática - dentro de uma busca na BRAPCI, nos anos de 1975/2017 -, nos apresenta o seguinte cenário: pessoas pesquisadoras em todas as regiões do país, sendo o Nordeste, com 32,2% ou 19 (dezenove) autorias, a região Sul, com 18,6% ou 11 (onze) autorias; o Sudeste, com 15,3% ou 9 (nove); a região Centro-Oeste, com 8,5% ou 5 (cinco) autorias e, a região Norte, com 1,7% ou 1 (um) autor. Além de ressaltar a influência da professora Clarice Caldin, de Florianópolis/SC nos artigos publicados.

Dentro do escopo desta pesquisa, a região Sudeste aparece com o maior número de respondentes. Curiosamente, esse dado contrasta com a ênfase das produções acadêmicas sobre biblioterapia, que costumam concentrar os estudos em publicações disponíveis em revistas científicas e bases de dados de acesso aberto. Ainda assim, é importante destacar que o Sudeste tem se mostrado uma região expressiva na prática, na difusão e na organização e publicações sobre a temática — tanto em iniciativas coletivas quanto individuais. Diversos desses materiais já foram mencionados ao longo do trabalho, e serão retomados em um momento posterior.

Para concluir este item, é necessário apontar uma limitação da pesquisa: a ausência de respondentes de algumas localidades nas quais se sabe da existência de profissionais atuando com biblioterapia, como é o caso de Belém (PA) e do Distrito Federal. Apesar dessa lacuna, seguimos na expectativa de que futuras pesquisas ampliem a representatividade das regiões, alcançando ainda mais a diversidade desse território.

#### 4.2 PARADA 2 – DAS FORMAÇÕES/QUALIFICAÇÕES OU DAS APRENDIZAGENS E ENSINAMENTOS

“Atuar com a biblioterapia tem sido uma incrível aventura de descobertas, incluindo as descobertas sobre mim mesma” (Silva, 2023).<sup>38</sup>

Nesta subseção, vamos conhecer a formação das pessoas que têm pesquisado e mediado estes trabalhos biblioterapêuticos, entendendo, assim como Seixas (2021) que, esse percurso da formação em biblioterapia começa antes de qualquer curso e continuará!

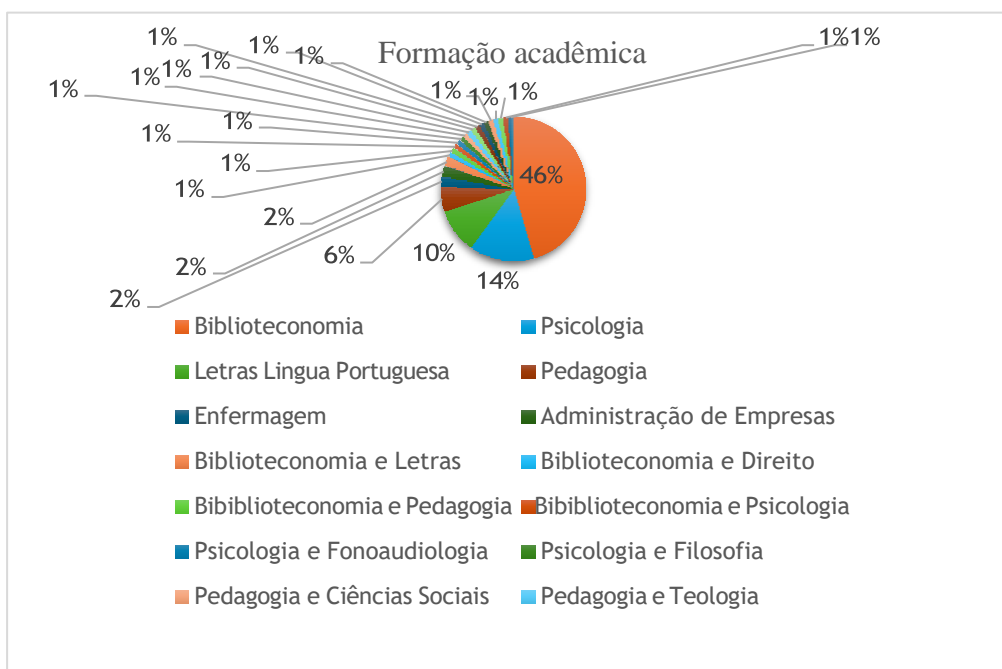
---

<sup>38</sup> Resposta de Vera Lúcia Monteiro Dias da Silva ao questionário da pesquisa concedida em julho de 2023

### 4.2.1 Da formação acadêmica

Quanto a pergunta é referente à formação acadêmica, o seguinte panorama é posto:

**Gráfico 3** – Formação acadêmica das pessoas participantes da pesquisa



**Fonte:** elaborada pela autora (2025).

**Nota:** os dados foram coletados durante do 2º semestre de 2023.

O gráfico representa o seguinte quantitativo: **41** pessoas possuem graduação somente em Biblioteconomia, já as pessoas graduadas apenas em Psicologia somam **13**. As graduadas em Letras Língua Portuguesa somam **nove (9)**, contabilizam **cinco (5)** as pessoas com formação em Pedagogia, quando vamos para o campo da Enfermagem temos **duas (2)** e, na área da Administração de Empresas temos **duas (2)** também.

Ainda na perspectiva de uma graduação tem-se: **uma (1)** pessoa representando cada área das seguintes formações: Economia, Letras Língua Espanhola, Processamentos Gerenciais, Química, Filosofia e, uma pessoa com Ensino Médio.

Quando o assunto são duas graduações teremos: **duas (2)** pessoas graduadas em Biblioteconomia e Letras Língua Portuguesa, e **uma (1)** pessoa com cada duas formações: Biblioteconomia e Direito, Biblioteconomia e Psicologia, Biblioteconomia e Pedagogia; Pedagogia e História, Pedagogia e Ciências Sociais, Pedagogia e Teologia, Psicologia e Fonoaudiologia, Psicologia e Filosofia; Matemática e Letras Língua Inglesa e, História e Direito.

Mesmo com todos os estudos - que tive acesso até hoje - apontando a Biblioteconomia e/ou Ciência da Informação com maiores números de relatos de experiências, pesquisas e

peças atuantes quando se trata da biblioterapia, tenho observado, enquanto professora da pós-graduação em Biblioterapia e Mediação da Leitura na Unochapecó, o envolvimento de profissionais de várias áreas nesse campo. Confesso que gosto de ver esse mosaico de saberes, que compõem os fazeres na biblioterapia. Silva (2005) diz que:

Historicamente a experiência do uso de Biblioterapia dependeu da articulação do conhecimento de diferentes áreas de conhecimento. Dependeu que essa articulação fosse a mais pragmática, precisa e útil tanto quanto fosse possível. Da mesma forma que o passado histórico de Biblioterapia dependeu dessa articulação, seu presente depende dela e, fundamentalmente, o seu futuro dependerá tendo em vista que os fenômenos e processos que são objetos de intervenção biblioterápica pertencem a diferentes campos de atuação profissional e dependem do conhecimento de diferentes áreas de conhecimento (Silva, 2005, p. 25).

Compreendendo que a fragmentação dos saberes se intensificou com a necessidade de especializações a partir da Revolução Industrial, considero que a interdisciplinaridade se torna essencial para enfrentarmos os desafios tanto da prática quanto da pesquisa em biblioterapia. Trata-se de um campo complexo, onde uma única área não poderá trazer as respostas do seu fazer. Acredito ainda, que estamos em um momento de abertura e crescente necessidade de diálogo entre diferentes saberes — todos contribuindo para uma biblioterapia mais fortalecida, reconhecida, solidificada, e com suas históricas lacunas sendo, ainda que parcialmente, preenchidas.

Essa percepção sobre o interesse em aprofundar conhecimentos na área não surge do acaso, mas da observação que tenho feito do movimento de criação de grupos dedicados à discussão da prática e da pesquisa em biblioterapia, bem como do aumento do desejo por eventos que fomentam esses debates<sup>39</sup>. Reforçando esse entendimento, destaco a visão de Ouaknin (1996), ao afirmar que, para compreendermos e explorarmos a leitura como prática terapêutica, é necessário transitar por campos como a filosofia, literatura, psicologia, linguística e até mesmo teologia.

Outra coisa bonita de se observar é algumas pessoas citando sua Pós-graduação em Biblioterapia e Mediação da Leitura Literária, que é a concretização de um desejo de muito

---

<sup>39</sup> Cito alguns grupos dos quais tenho conhecimento: o ‘Grupo de Estudos e Pesquisa em Mediação da Informação e Circuitos de Formação Protagonista’, ligado a Universidade Estadual do Piauí (UESPI), liderado por Mirleno Lívio Jesus, que tem a linha de pesquisa ‘Mediação de leitura, formação de leitores e biblioterapia’, liderado por Lucas Veras Andrade. O ‘Leituras Biblioterápicas’, grupo que se encontra todas as segundas-feiras para leitura compartilhada de algum livro que de alguma forma influencie/ajude na prática biblioterapêutica, esse grupo é liderado pela filósofa Ana Margarida Pereira Pinto e, o ‘Leitura Ouaknin’, que reúne pessoas as quintas-feiras para leitura do livro ‘Biblioterapia’, esse liderado pela psicóloga Rosângela Gomes.

tempo, se observarmos as conclusões dos trabalhos de Silva (2005); Silva (2017), só para citar alguns dos trabalhos que registraram a necessidade de criação de cursos de formação e especialização na área de Biblioterapia. Aqui parablenzo os esforços de Carla Souza e Jéssica Bedin, idealizadora e coordenadora da pós-graduação em biblioterapia da Unochapecó que, até a conclusão desse trabalho, estava em sua 5ª turma.

Por fim, fica evidente a maior transição de pessoas de áreas ligadas às letras/escritas/educação/livro/literatura na biblioterapia. Quanto às outras áreas, julgo haver uma inclinação pessoal ao universo das histórias dadas as suas experiências pessoais. Arrisco ainda, concluir sobre todas elas (e eu me incluo), que estamos em busca de nossa humanidade nos tempos atuais, já que “[...] as pessoas estão definhando e se transformando em um conjunto de dados que pode ser controlado e explorado” (Han, 2023, p. 29). Meu desejo? que as histórias continuam exercendo o poder de fazer o tempo parar e as narrativas nos permita a liberdade, nem que seja a de pensar novos mundos.

#### **4.2.2 Das capacitações em biblioterapia**

Dando continuidade, quando a pergunta é sobre o processo de ‘capacitação’ para se trabalhar com a biblioterapia, - pois “A curiosidade é combustível e companheira”. (Seixas, 2021, p. 26), e se faz necessária nesse caminhar - no cenário que se apresenta, são citadas pessoas e instituições como “formadoras/inspiradoras” desse processo: Cristiana Seixas (26), Carla Souza (25), Pós-graduação da Unochapecó (16), Galeno Amorim/Observatório do livro (7), Katty Anne Nunes (6), Cidinha Pardini/Mergulho na Biblioterapia (4), Disciplina de Biblioterapia com a profª. Clarice Caldin (3), Ana Cláudia Leite (1), Liège Knoche (Fpolis) (1), Narra Barreto (1), SESC (1) e Curso de Extensão/PUC-RJ, 2017 (1).

Das respostas dadas, uma me chamou a atenção e, eu compartilho, é sobre os cursos existentes. A entrevistada diz ter feito:

**“Quase todos disponíveis no mercado. Só faltou do Galeno Amorim. Fiz o desvendando e formação de mediadores com a Carla Sousa, o mergulho na Biblioterapia com Cidinha Pardini online e presencial, o da Cris Seixas, da Ana Cláudia Leite, a pós-graduação e tudo o que descobria sobre o tema estava dentro e ministrei oficina de biblioterapia na prática para mais de 50 pessoas”** (Entrevistada 24).

A resposta apresentada revela a perspectiva cuidadosa que essa mediadora adota em relação à prática da biblioterapia, reconhecendo-a como um trabalho que envolve cuidado, responsabilidade e ética. Em alguns casos, o desejo constante por capacitação pode sinalizar

também uma certa insegurança diante da complexidade da prática — que, embora por vezes pareça simples, exige preparo, sensibilidade e discernimento. Essa dualidade fica evidente na fala do Entrevistado 3: **“Tenho procurado vencer os desafios através de cursos de formação. Sinto a necessidade de ganhar mais confiança, melhorar a divulgação, atrair mais públicos e acertar na curadoria dos textos para os encontros.”** Tal postura, não deixa de ser também expressão de compromisso ético com a vida alheia e com a qualidade do trabalho.

Nesse sentido, Seixas (2021, p. 24) nos lembra que “somos enredados num sistema que fomenta a sensação de inacabamento” (Seixas, 2024, p. 14). É preciso, portanto, respirar fundo e seguir adiante, porque, como afirma a autora, “[...] o campo educa, revela e dissolve a ilusão dos medos”, indicando que, mesmo com planejamento, “[...] as surpresas embarcam na jornada para lubrificar nossa flexibilidade e criatividade” (Seixas, 2021, p. 29). E, sejamos honestas(as): que atire o primeiro livro quem nunca precisou improvisar diante de algo que fugiu do roteiro em um encontro de mediação em biblioterapia!

Das pessoas respondentes, **18** disseram que não realizaram nenhum curso. Considero um número baixo frente ao todo alcançado pela pesquisa - o que não significa que elas não se debruçam em estudos sobre a temática e, encontraram suas formas de aprendizado. Desse quantitativo **14**<sup>40</sup> possuem publicação sobre o tema e, são pessoas que estudam a biblioterapia em programas de pós-graduação, grupos de estudo ou orientam TCC's. Como cita nossa (Entrevistada 74): **“Fiz o Mestrado e minha dissertação versou sobre Biblioterapia em instituições para pessoas cegas”**.

Há ainda quem criou cursos e propaga a prática: **“Ministro os cursos: Biblioterapia: teoria e prática e Biblioterapia para a pessoa idosa: a aventura de envelhecer sem ficar velho”** (Entrevistada 75). As diversidades dos percursos acabam confirmando a riqueza que é o processo formativo, o que colabora também para entender o motivo de toda a complexidade que envolve a biblioterapia e a necessidade do diálogo entre as pessoas atuantes.

#### **4.2.3 Das outras formações**

Ainda no campo das capacitações, foram mencionados outros processos formativos que as(os) participantes consideram relevantes para o trabalho com a biblioterapia. Na nuvem de

---

<sup>40</sup> A quem possa interessar: 11 pessoas são profissionais com graduação em Biblioteconomia; 1 em Psicologia, 1 Psicologia e Filosofia, 1 Psicologia e Biblioteconomia, 2 Biblioteconomia e Letras Língua Portuguesa, 1 Biblioteconomia e Direito e 1 em Pedagogia.



nos apoiamos apenas em recursos externos, corremos o risco de apenas repetir ou copiar o estilo de outra pessoa. Ela afirmou ainda que a narração é o ponto de encontro entre a história e quem a conta. Ou seja, não está apenas “lá”, na história em si, nem apenas ‘aqui’, em quem narra. Está justamente no entrelaçamento dos dois. (Machado, palestra, 2024)<sup>41</sup>.

Acredito que essa fala caiba perfeitamente na vida de uma pessoa mediadora de encontros de biblioterapia. Mas cabe aqui uma observação, talvez essa liberdade do fazer seja um ponto muito sutil que mereça nossa atenção, pois aqui a prática da biblioterapia pode se tornar uma outra ação. Sendo assim concordo e fortaleço a afirmação de Sousa (2022), de que devemos ter ciência que oferecer uma escuta afetiva, faz parte do processo, mas que: “[...] o grande objetivo da Biblioterapia é proporcionar o encontro com o livro e outras textualidades, mas também possibilitar o desenvolvimento de competências socioemocionais” (Sousa, 2022, p. 95). Que sigamos, em busca do nosso modo único de sentir, ser e fazer!

#### 4.2.4 Das fundamentações para o trabalho

Julgando ser importante compreender, minimamente, a base que direciona o fazer biblioterapêutico das pessoas participantes dessa pesquisa, apresento pessoas/livros/leituras que elas consideram indispensáveis para quem deseja mediar/pesquisar a biblioterapia. A ordem segue a partir dos mais citados. Quando se tem nomes, significa que a resposta foi referente a leitura de toda produção das autoras.

**Quadro 4 – Fundamentação: leituras base para o mediar e o pesquisar**

<b>Referências citadas como fundamental para o trabalho com a biblioterapia (pessoas e suas obras)</b>	
Clarice Fortkamp Caldin	
Cristiana Seixas	
Virgínia Bentes Pinto	
<b>Livros</b>	
Marc Alain Ouaknin	Biblioterapia
Clarice Caldin	Biblioterapia: um cuidado com o ser da professora
Carla Sousa	Biblioterapia e Mediação Afetuosa da Literatura
Cristiana Seixas	Vivências em Biblioterapia
Michèle Petit	A arte de ler
Cristiana Seixas	Biblioterapia: cais de sopros vitais
Bruno Bettelheim	A psicanálise dos contos de fadas
Ana Cláudia Leite	Fundamentos da biblioterapia
Ella Bertholdi e Susan Elderkin	Farmácia literária
Cristiana Seixas	Botica literária
Cristiana Seixas	Quintais da Biblioterapia 1
Cidinha Pardini	Eu e a biblioterapia: uma história de amor
Cecília Bajour	Ouvir nas entrelinhas
Viktor Frankl	Psicoterapia para todos

<sup>41</sup> Fala proferida durante a oficina: A arte de ouvir e narrar histórias, realizada no Centro Cultural do Cariri, Crato/CE, em 09 de outubro de 2024.

Thomas Brieu	Escutatória: desvendando os segredos da comunicação
Jacqueline Assunção	Biblioterapia: poéticas como prevenção para os males da alma
Bia Bedran	A arte de cantar e contar histórias
Walter Benjamin	A hora das crianças
Suely Engelhard	A transformação das perdas pela terapêutica narrativa de mitos, sagas e contos de fadas
Claudine Bernardes, Flávia Gama	Contos que Curam: oficinas de educação emocional por meio de contos
Claudio Garcia Pintos	Logoterapia em contos: o livro como recurso terapêutico
Alvim Roberts	Reabilitação Psicossocial do Cego
<b>Dissertação</b>	
Clarice Fortkamp Caldin	Leitura e terapia. 2009. Tese (Doutorado em Literatura) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.
<b>Teses</b>	
Clarice Fortkamp Caldin	A poética da voz e da letra na literatura infantil: leitura de alguns projetos de contar e ler para crianças. 2001. 261 f. Dissertação (Mestrado em Literatura) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2001.
Pamela Oliveira Assis	Biblioterapia: entrelaces da mediação da informação com a mediação da leitura. 2022. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2022.
Cristiana Seixas	Vagar sem pressa no esconderijo da vida alada: em busca de alma na educação. 2018. 205 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal Fluminense, Niteróio. 2018.
<b>Artigos</b>	
Clarice Fortkamp Caldin	A leitura como função terapêutica: biblioterapia
Carla Sousa	Biblioterapia como recurso para a formação humana do Bibliotecário,

**Fonte:** Elaborado pela autora (2025).

Frente ao manancial de possibilidades que caminhos de estudos que a biblioterapia dá margem, por vezes podemos nos encontrar perdidos, sem saber por onde começar ou como continuar, a (Entrevistada 88) desabafa: **“Infelizmente ainda não encontrei este trabalho. As informações acerca da Biblioterapia ainda são fragmentadas, faz-se necessário a leitura de vários autores para que encontre a fundamentação, público e prática por público contemplado.”**

No que se refere ao assunto diretamente ligado a biblioterapia podemos perceber os nomes que sempre são citados: Ouaknin, Caldin, Seixas e Sousa, posteriormente as leituras vão se direcionando a outros ‘clássicos’ como Petit e Bettelheim. Após isso as obras vão se encaminhando para leituras muito particulares, inclusive, incluindo leituras que não apresentam fundamentação teórica, como ‘Farmácia literária’ e ‘Botica literária’, por exemplo.

#### 4.2.5 Das publicações em biblioterapia

A próxima questão é referente a publicações sobre a temática e, o gráfico demonstra a realidade da pesquisa:

**Gráfico 4** – Publicações na temática da biblioterapia

**Fonte:** elaborada pela autora (2025).

Nota: os dados foram coletados durante do 2º semestre de 2023.

Com publicação na temática temos um percentual de 44,44%, o que equivale a 40 pessoas e, temos 55,56%, correspondendo a 50 pessoas que não possuem publicações. Ressalto esses escritos englobam livros, capítulos de livros, artigos e obras literárias. Destaco que desse quantitativo de publicações, 23 são de pessoas graduadas em Biblioteconomia, oito (8) em Psicologia, quatro (4) de Letras Língua Portuguesa e uma (1) de profissionais das seguintes áreas Enfermagem, Administração, Química, Letras Língua Espanhola e Pedagogia.<sup>42</sup>

Essa realidade que vem sendo apresentado em pesquisas antigas, como a de Silva (2005) que detectou que, 70% das fontes documentais produzidas sobre a Biblioterapia, no período de 1975 a 2004, são de autorias de pessoas bibliotecárias, sendo elas ligadas a Instituições de Ensino Superior. Os 30% das fontes têm suas autorias com 12% da seara da Psicologia e os 18% restante publicadas por pessoas da Enfermagem, Pedagogia, Jornalismo, Medicina e Terapeutas ocupacionais.

Estudos mais recentes, como o de Silva (2021), também analisando as publicações na temática da biblioterapia no Brasil, com o recorte do período de 2000 a 2018, nos seguintes ambientes: Scientific Electronic Library Online, Portal Periódico CAPES, Dedalus USP, Acervus-UNICAMP, Base de Dados de Periódico em Ciência da Informação e Biblioteca

<sup>42</sup> Disponibilizo a referência desses trabalhos, indicados pelas próprias pessoas entrevistadas no Apêndice E, ao final dessa dissertação. Desfrute dos achados!

Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), observou que 70% das pessoas que publicaram são da área da Biblioteconomia, 14% são da área da Ciência da Informação e 4% da Educação. Os 12% restantes estão subdivididos entre as outras áreas de pesquisa.

Os trabalhos de Andrade e Silva (2018), Ladeia e Bedin (2023) e Silva e Fernandes (2023), também espelham essa realidade, embora seus recortes de pesquisa se delimitem à BRAPCI. Para elucidar um ponto das pesquisas citadas, trago Silva e Fernandes (2023) que constataram que, no Brasil, nenhum curso de Graduação apresentava, até então, a Biblioterapia como disciplina obrigatória em seus currículos, mas as iniciativas de professores(as) de algumas Universidades, proporcionam o contato com a prática, por meio de disciplinas optativas e/ou de projetos de extensão, essas experiências acabam por influenciar as publicações produzidas no campo da Biblioteconomia.

Podemos perceber que os estudos apresentados são todos, e existem outros, com base em publicações acadêmicas e científicas. Por isso, quando pensei na metodologia bola de neve para essa pesquisa, um dos intuitos foi contemplar quem não está publicando e, acaba não sendo alcançado/visualizado pelas pesquisas de revisão de literatura, mas estão em campo, semeando as boas sementes da biblioterapia.

Voltando aos dados coletados, ressalto que maioria das publicações, das pessoas respondente, são artigos em revistas científicas, seguidas capítulos de livros (entre relatos de experiências e textos literários em antologias poéticas), livros, trabalhos em evento científico, TCC's, dissertações, teses e matéria em site. Informo ainda, que para a estatística contabilizei o quantitativo de pessoas e não o número de publicações, uma vez que algumas pesquisadoras possuem mais de uma publicação, como podemos perceber na fala de uma delas:

**“Além do meu livro [...] publiquei 17 artigos sobre biblioterapia e 17 artigos sobre literatura infantil, leitura literária e dramaturgia infantil, alguns como única autora, outros em parceria com alunos da graduação em Biblioteconomia e alunos da Pós-Graduação em Ciência da Informação da UFSC, todos listados no meu Currículo na Plataforma Lattes e disponíveis na internet. Minha dissertação de mestrado ‘A poética da voz e da letra na literatura infantil’ (leitura de alguns projetos de contar e ler para crianças) - 2001, e minha tese de doutorado ‘Leitura e Terapia’ - 2009, também estão disponíveis na internet”**  
(Entrevistada 87).

Em relação aos motivos que impedem as pessoas de publicarem, as respostas mais recorrentes foram, em ordem de frequência: falta de tempo, falta de orientação sobre como iniciar, desconhecimento sobre o processo de publicação, procrastinação, insegurança, falta de

recursos financeiros e, por fim, não há interesse. Para quem está iniciando nesse percurso, as publicações organizadas coletivamente têm se mostrado uma oportunidade acessível e acolhedora. Nesse contexto, os trabalhos colaborativos, sob a mediação de organizadoras(es), surgem como uma alternativa facilitadora. Um exemplo disso aparece na fala da (Entrevistada 25): **“O trabalho de incentivo da Cristiana Seixas facilita a publicação”**.

Diante dessa resposta, é importante destacar o crescimento das publicações sobre biblioterapia, especialmente a partir de 2019. Esse movimento indica uma crescente vontade de compartilhamento de experiências, saberes e práticas, contribuindo para a visibilidade e consolidação da temática por meio de livros voltados à área.

**Quadro 5 – Livros com a temática biblioterapia publicados no Brasil de 2019 a 2025**

<b>Título</b>	<b>Responsabilidade</b>	<b>Ano</b>	<b>Região da editora</b>
Fundamentos de Biblioterapia	Ana Cláudia De Oliveira Leite	2019	Sudeste
Biblioterapia: cais de sopros vitais	Cristiana Seixas	2021	Sudeste
Biblioterapia & mediação afetiva da literatura	Carla Sousa	2021	Sul
Quintais da biblioterapia - Vol. 1	Cristiana Seixas (org.)	2021	Sudeste
Quintais da biblioterapia - Vol. 2	Cristiana Seixas (org.)	2022	Sudeste
Eu e a biblioterapia: uma história de amor	Cidinha Pardini	2022	Sudeste
Raízes Formativas em Biblioterapia: narrar, florir e frutificar	Cristiana Seixas (org.)	2023	Sudeste
Lendas em travessia: narrativas do Rio São Francisco para biblioterapia	Peterson M. A. Araújo (org.)	2023	Nordeste
Narrativas Terapêuticas: práticas e perspectivas da biblioterapia <sup>43</sup>	Débora Adriano Sampaio, Katty Anne de Souza Nunes e Esdras Renan Farias Dantas (org.)	2024	Nordeste
Mergulho na Biblioterapia: relatos que inspiram	Cidinha Pardini e Milena Ramos (org.)	2024	Sudeste
Biblioterapia: um cuidado com o ser, 2ª ed.	Clarice Caldin	2024	Sul
Práticas de Biblioterapia: o livro como instrumento de cuidado	Andréa Martins, Cidinha Pardini e Érika Borges (org)	2025	Sudeste
Biblioterapia Clínica: lumes literários para cuidar	Cristiana Seixas	2025	Sudeste

**Fonte:** elaborado pela própria autora (2025).

Nessa singela compilação apresento livros que estão disponíveis para venda. Não foram incluídos livros de caráter literário. Ressalto que a única obra exclusivamente voltada para a biblioterapia clínica, é a da psicóloga Cristiana Seixas. As outras, organizadas por ela, são de caráter interdisciplinar, compondo os capítulos, profissionais de várias áreas do conhecimento.

Para concluir este item, gostaria de abordar o fato de muitas vezes, as pesquisas científicas servirem como base para a criação de programas, projetos e até políticas públicas.

<sup>43</sup> A obra é de acesso aberto, disponível no site da editora Cultura e Informação: <https://editoraci.com.br/index.php/home/catalog/book/38>

Então, surgem as perguntas: como incentivar e fortalecer a produção científica para que tenhamos mais publicações sobre a temática, ampliando seu alcance para além dos muros da universidade, onde, em sua maioria, ainda são produzidas? Além disso, como promover aprofundamentos teóricos e novas abordagens na área, considerando que, ao nos debruçarmos sobre os artigos já publicados, frequentemente temos a sensação de estarmos lendo ‘mais do mesmo’? Essa percepção é comungada por Andrade e Silva (2018) e Sousa (2022), que apontam para um cenário de repetição e falta de substâncias nos estudos sobre biblioterapia. Segundo as autorias, há:

[...] grande repetição de ideias, dando destaque para o conceito, os princípios da técnica biblioterapêutica e as diversas tipologias de aplicação. A maioria dos trabalhos constituem-se em pesquisas teóricas, demonstrando uma lacuna quanto a trabalhos empíricos, abrindo, assim, a necessidade de realização de pesquisas com esse enfoque (Andrade; Silva, 2018, p. 94).

O pensamento de Sousa (2022) complementa:

[...] apesar de ser uma prática antiga, os estudos em Biblioterapia não tiveram muitos avanços em termos teóricos e metodológicos [...] demonstra as deficiências que assolam os estudos dessa temática, ainda entre os séculos XX e XXI [...] a partir das leituras de diversas iniciativas e propostas teóricas publicadas em artigos científicos, trabalhos de conclusão de curso, dissertações e teses, foi possível identificar a sua forte tendência à descrição prática, porém aparente defasagem teórica, já que grande parte dessas descrições nem sempre estavam baseadas em princípios teóricos (Sousa, 2022, p. 82).

Talvez esse cenário esteja posto por fatores como maturidade acadêmica, falta de grupos de pesquisa voltados para a temática - já estamos cansados de repetir que a biblioterapia não é disciplina na grande maioria dos cursos de graduação em Biblioteconomia, logo, tem que brigar por espaços dentro desses ambientes -, a barreira imposta por algumas revistas quanto à publicação - devendo a autoria ser vinculada a uma universidade ou grupo de pesquisa -, entre outros. Acredito haver um longo caminho pela frente, mas os passos já foram iniciados e, estamos aqui, como cita Bosi (2003, p. 45) “Quem elegeu a busca não pode recusar a travessia”.

#### 4.3 PARADA 3 – DAS AFETAÇÕES LITERÁRIAS OU REMEMORANDO A TRAJETÓRIA

“A Biblioterapia mudou meu modo de ler, de sentir e de viver. Mudou tudo, sou uma pessoa mais sensível, mais empática, mais gentil, mais humana” (Jaeger, 2023).<sup>44</sup>

---

<sup>44</sup> Resposta de Helena Jaeger ao questionário da pesquisa concedida em julho de 2023.

Nesse bloco começaremos a adentrar nas memórias afetivas das coautorias dessa pesquisa. Sendo assim, informo que não sendo possível trabalhar com as 90 respostas em cada item, trago algumas para elucidar as questões dentro das categorias estabelecidas.

#### 4.3.1 Da narrativa que marcou a vida

É quase impossível falar de biblioterapia, ou até mesmo vida leitora sem falarmos das narrativas que nos marcaram, e às vezes são muitas. Assim sendo, quanto a pergunta é sobre uma narrativa (oral ou escrita) que mexeu profundamente com as(os) participantes da pesquisa, vários títulos vieram à tona<sup>45</sup>.

Para fins de conhecimento, na figura 6, compartilhei os livros/histórias que foram citados de 5 a 3 vezes. Temos então, como narrativas que mais marcaram nossas(os) respondentes: “A moça tecelã”, de Marina Colasanti; “Mulheres que correm com os lobos”, de Clarissa Pinkola Estes; Vasalisa a sabida; “Grande sertão: veredas”, de Guimarães Rosa; “O Pequeno Príncipe”, de Antoine de Saint-Exupéry e “O Patinho Feio” - citado como narrativa que marcou a infância -.

**Figura 6** – Livros e histórias que marcaram as pessoas da pesquisa



**Fonte:** elaborado pela própria autora (2025).

**Nota:** elaborado no Canva, com imagens do site da Amazon (livros) e do site Mulheres em roda (histórias).

<sup>45</sup> A lista completa das obras consta no (Apêndice F).

Gallian (2022, p. 22) assegura que “[...] as histórias, as narrativas, contadas [...] tinham (e têm, sempre) uma incomparável força de envolvimento, de sedução, de mobilização e de transformação.” Não à toa, essas histórias foram apontadas como as mais marcantes, arrisco dizer que elas tiveram e têm um papel importante na construção da subjetividade das pessoas, já que as narrativas que marcaram a infância podem trazer o cunho mais afetivo, com a lembrança de alguém que lia/contava essas histórias, e as que marcaram na fase adulta podem confirmar o papel das histórias como instrumentos de autoconhecimento, ressignificação e bem-estar emocional.

Se conhecermos cada uma das narrativas apresentadas, percebemos que os enredos proporcionados por elas compartilham temas universais (a literatura é universal e fala sempre do que perpassa todos os seres humanos) e também símbolos profundos, como os arquétipos femininos. Em três (3) das obras citadas: “A moça tecelã”, “Mulheres que correm com os lobos” e “Vasalisa a sabida” as narrativas abordam questões como a autonomia, o amadurecimento, a sabedoria feminina, a força interior etc.

As outras três (3): “Grande Sertão: veredas”, “O Pequeno Príncipe”, e o “Patinho Feio” - são obras que, pode-se dizer que abordam dilemas existenciais, amizade, perda, aceitação, entre outras possibilidades, pois uma narrativa pode falar sobre uma questão e de muitas outras mais. A literatura não se permite aprisionar.

Tais características também serão encontradas nas obras que estão relacionadas no **Apêndice F**. Bajou (2012) afirma que “Os textos literários nos tocam e nos questionam acerca de nossas visões sobre o mundo e nos convidam a perguntarmo-nos como viveríamos o que é representado nas ficções” (Bajour, 2012. p. 26). Então, aprecie! Pois a literatura é um meio rico de nos permitir acessar nossa humanidade.

#### **4.3.2 Da chegada à biblioterapia**

Quanto a pergunta sobre como essas pessoas chegaram até a biblioterapia, tivemos os mais variados percursos, que podemos vislumbrar em algumas falas, elas foram organizadas em blocos por aproximação das respostas.

- **Ambiente acadêmico/evento acadêmico**

Grande parte das pessoas (34), em especial as bibliotecárias (24), tiveram contato com a temática no ambiente acadêmico. Algumas universidades citadas como local desses encontros, foram: Pontifícia Universidade Católica (PUC-Rio), Universidade Cândido Mendes (UCAM), Universidade de Caxias do Sul (UCS), Universidade Federal do Ceará (UFC),

Universidade Federal do Cariri (UFCA), Universidade Federal Fluminense (UFF) e a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

É interessante perceber que esses encontros se deram nas mais diversas situações, que vão da graduação ao doutorado, incluindo projeto de extensão e orientações de TCC, como elucidado por meio de algumas respostas:

**“Meu encontro com a biblioterapia deu-se a partir de um convite para compor uma banca de avaliação de trabalho de conclusão de curso na graduação em Biblioteconomia. Foi a primeira vez que eu ouvi falar em biblioterapia”** (Entrevistado 5).

**“Pesquisei história da leitura desde 2004 e, aos poucos, fui me interessando pelo potencial terapêutico das obras literárias”** (Entrevistado 11).

**“Através da pesquisa de doutorado”** (Entrevistada 19).

**“Meu encontro com a Biblioterapia foi um verdadeiro caso de amor, por volta dos anos 90, quando coordenei um projeto de extensão do Curso de Biblioteconomia da UFC. Esse projeto foi desenvolvido no Hospital Infantil Albert Sabin, com criança afetada pelo câncer”** (Entrevistada 75).

**“Já docente da Universidade Federal de Santa Catarina, em 1998, ao participar da comemoração dos 25 anos da Biblioteconomia na UFSC, li em um pôster do evento que “Biblioteconomia cura”. Isso me tocou profundamente e, a partir desse momento, comecei a ler e estudar sobre o assunto”** (Entrevistada 87).

**“Durante um trabalho de aula realizado na década de 80”** (Entrevistada 88).

Cabe observar que esses espaços se configuram como grande propagador da biblioterapia. Apresento aqui uma referência ao trabalho de Leila Rosângela Grieger (2023) que propõe a criação da disciplina de Biblioterapia nos cursos de graduação em Biblioteconomia. Como parte da pesquisa, a autora apresenta um panorama das universidades que possuem a disciplina em seu currículo, somente três<sup>46</sup> e, as que abordam o tema em disciplinas correlacionadas, um total de 14<sup>47</sup>. Embora as universidades citadas na pesquisa não

<sup>46</sup> As três instituições citadas são: UNIR, UFCS, Clarentino.

<sup>47</sup> As 14 instituições citadas no estudo são: Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo/ FESPESP, Fundação Universidade do Estado de Santa Catarina/ UDESC, Universidade Estadual de Londrina/ UEL, Universidade Federal da Bahia/ UFBA, Universidade Federal de Goiás/ UFG, Universidade Federal de Sergipe/ UFS, Universidade Federal do Amazonas/ UFAM, Universidade Federal do Espírito Santo/ UFES, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro/ Unirio, Universidade Federal do Pará/ UFPA, Universidade

coincidam em sua totalidade com as apresentadas por Grieger (citada somente a UFSC), não há dúvidas de que esses espaços se configuram como importante campo disseminador da prática. Isso reflete também, como já foi falado, nas publicações, que em sua maioria advém desses ambientes. O que ajuda a fortalecer a demanda da disciplina nos cursos de Biblioteconomia.

Sousa (2022, p. 99) aponta ainda que “os projetos de extensão são ótimas oportunidades para os estudantes vivenciarem a aplicação da Biblioterapia com públicos diversos.” Hoje além dos projetos de extensão, os ambientes universitários propõem outras possibilidades, como as que cito a seguir:

- **Atividade Curricular em Comunidade e Sociedade (ACCS)**, como a “**A arte de ler e contar história à saúde**”, coordenada pela prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Adriana Valéria Freitas, da Escola de Enfermagem da UFBA, que vem sendo ofertada desde o semestre 2022.2, na qual já passaram mais de 60 estudantes, além de monitoras bolsistas voluntárias que promovem bem-estar nas vivências em bibliotecas, hospitais, creches e ILPIS.<sup>48</sup>
- **Atividade Curricular de Extensão (ACE)**: Curso “**Biblioterapia: teoria e prática na promoção do bem-estar**”, coordenado pela prof<sup>a</sup> Msc. Arysa Cabral, no curso de Biblioteconomia da Universidade Estadual do Piauí (UESPI).<sup>49</sup>
- **Forma inusitada**

“Destino não tem cura”, diz Andréa del Fuego, no romance “Os Malaquias”<sup>50</sup>. Algumas pessoas acreditam, eu também, que quando algo tem que acontecer tudo conspira! Validando esse pensamento, as entrevistadas citadas neste item tiveram conspiração a seu favor, e assim, a biblioterapia chegou em suas vidas da seguinte forma:

**“Previsão astrológica no mapa astral”** (Entrevistada 37).

**“Por uma chamada numa revista feminina”** (Entrevistada 26).

**“Li a palavra numa livraria e fui despertada por ela”**  
(Entrevistada 10).

---

Federal do Rio de Janeiro/UFRJ, Universidade Federal do Rio Grande/FURG, Universidade Federal do Rio Grande do Sul/UFRGS, Universidade Federal Fluminense/UFF)

<sup>48</sup> Informações retiradas do relatório do I Encontro de Biblioterapia e Mediação de Leitura Literária do Nordeste: interface com as áreas da Saúde e da Educação, realizado em Salvador/BA, em outubro de 2024.

<sup>49</sup> Informações retiradas do Formulário de Cadastro de Atividade Curricular de Extensão submetido à Pró-reitoria de Extensão (PREX) da Universidade Estadual do Piauí (UESPI).

<sup>50</sup> Fuego, Andréa del. Os Malaquias. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

Destaco essas respostas para mostrar que os caminhos de acesso à biblioterapia pode ocorrer de maneiras sutis e inesperadas, - é preciso ter olhos de ver-, por meio de elementos simbólicos, da mídia ou até mesmo da potência de uma palavra. Isso reforça a ideia de que a prática tem um componente subjetivo muito forte, costumamos dizer: “a biblioterapia é um chamado de alma”, “os livros nos escolhem”, sendo muitas vezes uma busca de forma não racional. Os caminhos são diversos e as histórias de vida instigantes, sendo impossível ter uma receita.

- **Pessoas/cursos**

Algumas pessoas têm realizado potentes trabalhos e se dedicado na propagação da biblioterapia. Logo, também foram citadas na pesquisa. As conheçamos: Carla Sousa, Clarice Fortkamp Caldin, Cristiana Seixas, Cidinha Pardini e Katty Anne Nunes. Nossas entrevistadas confirmam ao relatarem esse encontro com a biblioterapia:

**“Após uma palestra sobre essa temática ministrada por Katty Anne Nunes”** (Entrevistada 1).

**“Em 2020. Fiz 2 oficinas com Katty Nunes e Carla Souza e desde então nunca mais parei”** (Entrevistada 2).

**“Através da diretora da escola onde atuei na Sala de Leitura. Ela me falou sobre o trabalho da Cristiana Seixas e fiquei encantada com o assunto. Isso aconteceu em 2018”** (Entrevistada 9).

**“Por leitura dos textos da professora Clarice Fortkamp Caldin e por ser aluno dela”** (Entrevistado 21).

**“Através de uma palestra da Cidinha Pardini”** (Entrevistada 30).

Percebi que, além das pessoas citadas, em algumas das falas a internet também aparece e tem sido uma aliada que possibilita a propagação da prática. Vejamos o relato das entrevistadas 28 e 29, respectivamente: **“Através da Cristiana Seixas, que conheci no Instagram”** (Entrevistada 28) e **“Através do Instagram conheci Carla Sousa e passei a assistir no YouTube o Café com Biblioterapia que ela apresentava às quintas-feiras”** (Entrevistada 28). Outras pessoas somente citaram a internet de modo geral, não especificando em qual canal de comunicação.

- **Cursos institucionais**

Temos ainda, a referência aos cursos de duas instituições, sendo elas: a Associação Viva e Deixe Viver e o Serviço Social do Comércio (SESC) de Pouso Alegre/MG. A primeira citada faz um potente trabalho, em especial com contação de histórias, com profissionais voluntários, dentro dos hospitais em várias cidades do país. Com isso, faz um extenso trabalho de capacitação dessas pessoas. E o SESC, dentro da sua extensa programação voltada para cultura, também promove palestras, cursos e outras formas de capacitações.

- **Prática profissional**

Aqui considero os ambientes fora da universidade e, eu me identifico com as respostas, pois como já citei, fui buscar algo que unisse meu fazer profissional - na SES/AM - com a literatura e, me deparei com a biblioterapia. Conheçamos algumas respostas:

**“Através de uma cliente que fazia psicoterapia comigo que contava de sua relação com ela”** (Entrevistada 25).

**“Na tentativa de fazer uma interlocução entre a minha formação dupla em Biblioteconomia e a Psicologia, nas pesquisas encontrei a biblioterapia como um campo possível de pesquisa e atuação”** (Entrevistada 44).

**“Através do meu trabalho em uma Biblioteca especializada em um hospital”** (Entrevistada 41).

Com os exemplos apresentados, mesmo sendo referentes à ambientes de trabalho, as perspectivas são diferentes. As trajetórias que levam à prática da biblioterapia são diversas. Mas têm em comum a busca por sentido, integração entre áreas do saber e o desejo de atuar de forma mais humanizada e transformadora nos espaços profissionais.

- **Processo individual**

Por fim e, muito importante, nos deparamos com as respostas que apresentam os encontros com a biblioterapia em seus processos individuais:

**“Sempre amei a leitura, lia muito desde jovem, todos os tipos de literaturas. E a partir de 2022, que li o livro MQCCL, percebi que a leitura também poderia curar. Segui lendo, comecei a estudar e pesquisar sobre leituras, livros e literaturas e me deparei com o tema biblioterapia. Então entendi que era isso que eu estava fazendo. Fiz muitas pesquisas, assisti muitas aulas online e me desafiei a praticar**

**em grupos a Biblioterapia de Desenvolvimento”** (Entrevistada 13)<sup>51</sup>.

**“Através do meu processo terapêutico”** (Entrevistada 57).

**“Quando precisei há 25 anos atrás fala sobre morte do pai com minha filha, não sabia que era biblioterapia [...]”** (Entrevistada 60).

Diante das respostas, a entrevistada 13 chegou ao processo por si. Cita ainda a biblioterapia de desenvolvimento, que Caldin (2009) enfatiza ser realizada por profissionais da Biblioteconomia - hoje outras autorias já incluem também profissionais de outras áreas -, enquanto a biblioterapia clínica é a aplicada por profissionais da psicologia. Já a entrevistada 57 foi apresentada por um(a) profissional que já conhecia a prática e, a entrevistada 60 teve sua empreitada motivada por uma situação envolvendo outras pessoas.

Com essas riquezas de respostas percebe-se que os caminhos desses encontros são diversos e únicos. Para concluir, Martins e Theóphilo afirmam que:

O homem é um sujeito demasiado complexo para se deixar reduzir ao estado de objeto. O homem não pode ser observado sem ser influenciado e não pode ser isolado de seu contexto sem perder sentido e coerência. A realidade humana é relativa e não está acessível por uma única via (Martins; Theóphilo, 2018, p. 2).

Sendo assim, embora tenhamos todas essas respostas, trilhar nossos caminhos é um ato único, e não pretendemos aprisionar algum percurso. A biblioterapia surge, então, como uma prática múltipla – entre os campos da saúde, educação e cultura – sendo descoberta por meio de experiências pessoais, acadêmicas ou profissionais.

#### **4.3.3 Do impacto da biblioterapia em cada vida**

Quando a pergunta é sobre o impacto da biblioterapia em suas vidas, acredito que as respostas validam tanto a minha busca por conhecer o percurso de cada pessoa, quanto a potência da prática e seu benefício individual e coletivo. Confira o resultado da questão também por categorização:

- **Mudança da percepção sobre a literatura:**

Não é recente o debate sobre a didatização da leitura literária. Quem nunca teve que ler um poema, uma crônica, um conto ou um livro todo para responder a questões sobre a autoria e o que ela quis dizer ou ainda sobre a personagem principal? Ora, essa discussão está longe de

---

<sup>51</sup> O livro MQCCL é o livro: Mulheres que correm com os lobos, de Clarissa Pinkola Estes.

acabar. No entanto, em algumas pessoas que atuam com a biblioterapia essa ‘virada de chave’ já aconteceu. Podemos conferir.

**“Antes de conhecer a biblioterapia, meu relacionamento com os livros era bastante superficial. Minha abordagem era simplesmente ler por ler, como se estabelecesse uma meta de quantos livros conseguia devorar em um ano. No entanto, com a introdução da biblioterapia na minha jornada, a experiência de leitura transformou-se em algo muito mais significativo. A partir desse ponto, os livros deixaram de ser apenas palavras impressas em páginas para se tornarem um alimento essencial para minha alma. A prática da biblioterapia infundiu um novo propósito na minha relação com a leitura, proporcionando-me insights, reflexões e conexões emocionais que enriqueceram minha experiência literária de maneira profunda e gratificante”** (Entrevistada 83).

Ver a literatura além do didatismo me provoca uma grande alegria. Como defendido por Candido (2004), literatura tem uma estrutura potente para organizar nossa mente e nosso mundo. Perdemos experiências transformadoras quando a utilizamos somente para fins ‘uteis’. Mas nem sempre foi assim, Zilbermam conta que “[...] Até um certo período da história do Ocidente, ele [o leitor] era formado para a literatura; hoje, ele é alfabetizado e preparado para entender o texto escrito, mas nem sempre a literatura se apresenta em seu horizonte, porque ainda é sacralizada pelas instituições que a difundem” (2001, p. 71).

A biblioterapia não é a única, mas é uma forte aliada no processo da literatura para transver o mundo, para alargar nossa linguagem e horizontes, como nos apresenta Seixas (2021, p. 56): “Se a educação foi submetida aos controles da razão por tanto tempo, acredito que a biblioterapia apresenta-se como recurso para arar campo humanizantes e culturais”. Cândido (2024) e outras autorias também, defendem que a literatura é formadora no sentido para além da escola, é formadora da nossa humanidade.

**“Os livros e as histórias sempre fizeram parte da minha vida, e quando conheci a Biblioterapia, passei a ter um novo olhar para escolhas de livros e também na mediação de leitura”** (Entrevistada 59).

**“[...] abriu-se uma oportunidade de conhecer um lado mais humano da leitura e sua mediação”** (Entrevistado 67).

São muitos os relatos sobre a experiência de ‘aprender a ler’ ou ‘ler de um modo diferente’ ao entrar em contato com a biblioterapia, mas essas duas falas em especial, trazem uma palavra muito importante no processo biblioterapêutico: **mediação**. Elas despertaram em

mim duas reflexões importantes: a primeira, sobre a responsabilidade na escolha do acervo que será trabalhado nos encontros; a segunda, sobre a postura ética e crítica da pessoa mediadora.

Para aprofundar essa discussão, convido à conversa Bel Santos Mayer (2024), educadora social e ativista das causas do livro, das literaturas e das bibliotecas. Com sensibilidade e conhecimento profundo sobre o papel da mediação para ‘gerar vidas’, a autora traduz com precisão — ainda que não direcionado diretamente para a biblioterapia — a essência do trabalho realizado na biblioterapia. Ela afirma:

O mediador-curador escuta as dores dos/as ouvintes-leitores/as e oferece a combinação literária que ajuda a nominá-las. E ao nominar a dor, inicia-se um processo de “cura” [...] as novas palavras vão pavimentando o espaço [...] vamos nos envolvendo nos textos e nos “co-movendo”. Ninguém fica no mesmo lugar. Nada fica! (Mayer, 2024, p. 16).

Essas palavras tocam profundamente a ideia de que mediar é também provocar movimento — interno e coletivo — por meio da partilha, da escuta e dos diálogos.

- **Impacto profissional/existencial**

Quando o assunto é a atuação profissional, temos as seguintes falas sobre o impacto da biblioterapia:

**“Mudou meu rumo. Pedi demissão de um emprego formal e iniciei aprofundamento teórico e prático de forma autodidata”** (Entrevistada 10).

**“Foi um divisor de água no meu fazer bibliotecário, e na minha vida, tanto pessoal, quanto profissional. Hoje tenho um novo olhar para meus usuários e para o ser humano, muito mais afetuoso, e com uma escuta mais sensível e amorosa. [...]”** (Entrevistada 22).

**“Transformador. Mudou minha vida pessoal e profissional. Desconstruiu traumas que carregava desde os primórdios da minha existência. Na vida profissional, trouxe uma forma de cuidado mais sensível para questões difíceis de nomear e expressar. Abriu um espaço mais sutil de conversas com autores e com os leitores. Permitiu oferecer possibilidades de cuidado para quem tem dificuldade de assumir o processo psicoterápico. [...]”** (Entrevistada 25).

**“Mudou o rumo da minha trajetória profissional”** (Entrevistada 43).

**“A biblioterapia tem me impactado de muitas formas. No âmbito profissional, pude lecionar a disciplina como estágio docente (mestrado e doutorado) para o curso de Biblioteconomia da UFMG; elaborei o material didático da disciplina de biblioterapia do curso de Biblioteconomia do**

**Claretiano; aplico a biblioterapia nos meus atendimentos como psicóloga; ministro palestras e minicursos sobre o tema. No âmbito pessoal, consigo ver a biblioterapia como uma ferramenta de autoconhecimento para mim e para meus familiares e amigos”** (Entrevistada 44).

**“A biblioterapia impacta minha vida em todos os sentidos. Me trouxe de volta ao mundo da leitura literária que estava um pouco adormecida devido a quantidade de conteúdo acadêmico. Isso me fez crescer enquanto mulher e mãe. No profissional me proporcionou a alegria de cuidar do outro por meio das histórias, saber escutar e acolher os desafios das pessoas é algo que trouxe sentido para a minha vida profissional”** (Entrevistada 56).

**“Profissionalmente ela me abriu mais portas para atuação e formação no âmbito da mediação de leitura. De modo pessoal, ela atinge exatamente os objetivos dessa prática: pausa nos pensamentos compulsórios, ajuda na regulação e nomeação das emoções, auxilia na organização dos meus sentimentos etc.”** (Entrevistada 90).

É notório enxergar a maioria das pessoas atrelando não só as transformações profissionais, mas também os impactos na vida pessoal. Observa-se que todas as falas destacam mudanças significativas em suas trajetórias após o contato com a biblioterapia. Expressões como ‘Mudou meu rumo’, ‘divisor de águas’, ‘transformador’, ‘mudou minha vida’ e ‘mudou o rumo da minha trajetória’ reforçam a profundidade do impacto.

A fala das entrevistadas 44 e 90 nos apresenta como ela pode ser um campo de atuação independente, situação que fica mais evidenciada ainda na fala da entrevistada 10. Enquanto nas outras falas vemos a prática sendo atrelada ao trabalho realizado.

- **Impacto na saúde**

**“Impacta bastante na minha saúde mental”** (Entrevistada 01).

**“A Biblioterapia me ajudou e ajuda muito com a ansiedade, pois ela é uma abordagem muito eficaz. Ela impactou positivamente para reduzir os sintomas”** (Entrevistada 53).

Na justificativa desta pesquisa, destaquei a possibilidade de a biblioterapia atuar como um dispositivo de cuidado diante dos grandes adoecimentos que marcam a sociedade contemporânea. Entre eles, a saúde mental se destaca como uma das principais pautas da saúde pública.

No capítulo intitulado “Narração como cura”, da obra “A crise da narração”, Byung-Chul Han (2023, p. 111) afirma: “A narração de histórias cura, na medida em que proporciona um profundo relaxamento e cria um senso de confiança básica”. Para o autor, o adoecimento

social atual está profundamente relacionado à crise das narrativas: vivemos em uma cultura da produtividade que não reserva tempo para escutar nem para contar histórias — apenas para consumir informações em ritmo frenético. Nesse cenário, a escassez de contato humano nos adocece.

Han retoma, ainda, a teoria freudiana ao destacar que muitos transtornos psíquicos estão ligados a narrativas interrompidas ou bloqueadas. Nesse sentido, ele afirma: “O paciente é curado no momento em que se narra livremente” (Han, 2023, p. 113), reforçando a potência terapêutica da palavra quando ela pode fluir sem barreiras. Os encontros de biblioterapia se fazem espaços potentes para se trabalhar esse aspecto, sendo assim, quando bem executado, um profícuo ambiente promotor de cuidado e saúde.

- **Impactos pessoais:**

Ouaknin (1996, p. 157) diz que “O diálogo biblioterapêutico oferece possibilidades de novos mundos” e Zilberman (2001, p. 21) diz que “Á leitura intensiva se atribui grave delito: ela transtorna e transforma o seu leitor”. Nos trechos das entrevistas que se seguem, podemos ver a profundidade dessa prática. Não à toa dizemos que o trabalho com a biblioterapia acontece primeiramente em quem trabalha com ela.

**“Aprendi a falar não.”** (Entrevistada 33).

Goldin (2012, p. 82) ao dizer “[...] ler e escrever implica adquirir direitos e poderes”, descreve a situação da nossa entrevistada 33. Na sociedade patriarcal em que vivemos, em um mundo desigual para muitos, mas em especial para as mulheres, existe algo mais libertador do que aprender a dizer não? A entrevistada trouxe uma frase curta, mas carregada de potência, representando tantas coisas, em especial, o estabelecimento de limites e o olhar para si.

**“[...] Mesmo sem esse nome, ela salvou minha vida em duas ocasiões muito significativas”** (Entrevistada 35).

**“Não sei se estaria viva, não fosse ela. Adolescente, o trabalho terapêutico com livros me tirou de um lugar muito escuro. Adulta, encontrei um propósito e um leme nas páginas dos livros que tanto amo”** (Entrevistada 69).

Esses relatos me fazem observar a biblioterapia como uma grande ferramenta de apoio emocional e proporcionando a elaboração subjetiva em momentos difíceis, já pude constatar esse ‘refúgio’ que os livros e a literatura proporcionam em outra pesquisa com mulheres

leitoras<sup>52</sup>, e com certeza muitos outros exemplos comprovam essa potência. Maria Colasanti, em seu livro *Como se fosse um cavalo*, de 2012, em uma escrita sensível e profunda diz “[...] aquilo que eu poderia ser sem a leitura nunca existiu[...]”. (Colasanti, 2012, p. 43), afirma ainda, “posso passar dias sem jornal. Mas não sem livros [...] É como se eu não soubesse pensar a vida sem a palavra escrita” (Colasanti, 2012, p. 20). Esse sentimento, ou algo parecido, é sentido pelas nossas entrevistadas tocadas pela literatura/biblioterapia.

**“Acho que posso afirmar que a biblioterapia ressignificou minha vida no que diz respeito a ligação entre envelhecimento, memória e música”** (Entrevistada 7).

**“Me aproximou da minha ancestralidade”** (Entrevistada 37).

Nestas duas falas percebe-se o auxílio na reconexão com as raízes, promovendo valorização das heranças culturais/simbólicas e das conexões criadas durante a vida. O trabalho com a literatura, desde que feito com ampliação de repertório literário nos provoca esse reconhecimento. Seixas (2021, p. 80) diz que “Nossa descolonização depende da capacidade de criar linguagem onde podemos nos acolher, entender e encontrar”. Esse foi/é o caminho trilhado por essas mulheres.

**“Me ajudou a finalizar o doutorado, e a evoluir na terapia. Me deixa mais leve, me ajuda a entender os processos e desafios da vida. Além de melhorar as relações”** (Entrevistada 19).

**“[...] a biblioterapia me fez olhar para mim e para o outro de maneira muito mais sensível”** (Entrevistada 12).

**“Me fez entender, perceber e curar muitas coisas. Me tornou mais sensível e humana”** (Entrevistada 14).

O trabalho com a biblioterapia provoca muitos benefícios, sobretudo, os socioemocionais, acredito que a ampliação da consciência interpessoal, empatia e escuta sejam alguns deles e os percebo desenvolvidos nessas entrevistadas, por meio de suas afirmativas. Ouknin (1996) defende a necessidade de darmos fôlego a nossa liberdade da linguagem, para que assim possamos reencontrar a leveza. Essa leveza se faz muito necessária nos dias atuais

Por fim, se buscarmos na literatura, muitas outras pessoas sentiram na pele esse impacto que a leitura/literatura provoca, a autora Eliana Brum diz que para ela: “os livros não eram

---

<sup>52</sup> Narrativas orais de mulheres leitoras enquanto memória social. De Katty Anne de Souza Nunes, Arysa Cabral Barros, Jucieldo Ferreira Alexandre, Priscilla Régis Cunha de Queiroz, Ariluci Goes Elliott. Disponível em: <https://ancib.org/enancib/index.php/enancib/xxxiiienancib/paper/view/1723>

objetos, mas portais” (Brum, 2017)<sup>53</sup>. Acredito que assim eles foram e são na vida dessas pessoas entrevistadas. Mais que uma técnica - Ouaknin (1996) já defendia - a biblioterapia se configura como uma experiência existencial.

#### 4.4 PARADA 4 – DAS PRÁTICAS EM BIBLIOTERAPIA OU SEMEANDO O CAMINHO

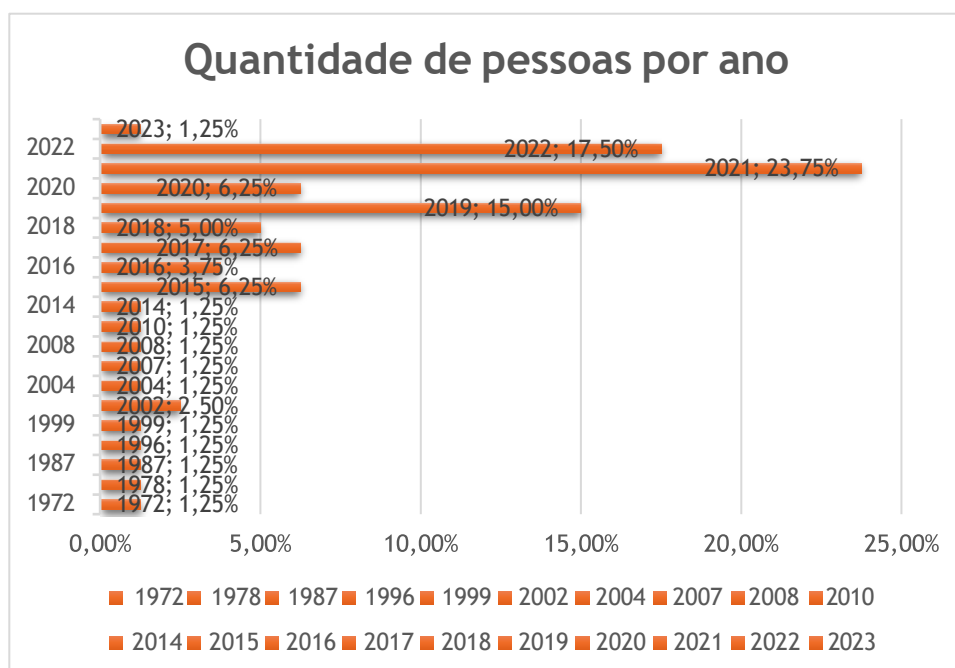
“O trabalho da biblioterapia, é realizado com gente em permanente processo de busca, formação, mudança, reorientação e evolução” (Seixas, 2021, p. 92)

No avançar das questões vou trilhando os percursos, fazendo paradas e observando a construção desse caminho. Diante do que ele já me apresentou, fui chegando ao momento da escolha das pessoas que inauguraram a coleção “**Memórias da biblioterapia pelo Brasil**”, com o intuito de identificar pessoas precursoras nessa prática. As perguntas que se seguem vão em direção ao fazer na área e a consolidação do trabalho, sigamos!

##### 4.4.1 Do início da atuação

Na questão inaugural dessa subseção perguntou-se sobre o ano de início do trabalho com a prática da biblioterapia, o panorama se apresenta.

**Gráfico 5 – Ano de início do trabalho com a biblioterapia**



**Fonte:** elaborada pela autora (2025).

**Nota:** os dados foram coletados durante do 2º semestre de 2023.

<sup>53</sup> A fonte consultada, nesta citação, não é paginada.

O intuito do gráfico é nos mostrar a representatividade do quantitativo de pessoas que iniciaram seus trabalhos com a biblioterapia a cada ano. Saliento que os números em questão representam o quantitativo de 80 pessoas, pois das 90 respondentes da pesquisa, 1 não informou o ano de início de atuação e 9 confirmaram atuar somente no campo da pesquisa/estudo sobre o tema. Dessas pessoas, 5 possuem publicação acadêmica.

O gráfico nos revela a pessoa que informou em 1972 já atuar com a biblioterapia, seguida de outras, indicando o ano de 1978, 1987, 1996 e 1999, se considerarmos somente as dadas do milênio passado. Teremos em 2002, duas (2) pessoas respondentes atuando com a prática, a partir dessa data, por alguns anos (2004, 2007, 2008, 2010 e 2014) a média será de uma (1) única pessoa por ano. Posteriormente, a partir de 2015, esse quadro ganha mudança significativa em seus resultados, esse número começa a crescer e tem seu auge em 2021 com 19 pessoas atuantes. Para detalhar, colocarei o quantitativo de pessoas e seus respectivos anos: três (3) pessoas em 2016, quatro (4) em 2018, cinco (5) pessoas em 2015, 2017 e 2020, 12 em 2019, 14 em 2022 e uma (1) em 2023, ano da pesquisa.

Foi interessante perceber algumas respostas para além dos números, as compartilho: **“Sem dar esse nome desde que iniciei minha prática clínica em 1978, porque sempre utilizei textos, poesias, livros infanto juvenis e outros por me identificar com essa prática. Com o nome de biblioterapia a partir de 2015, após o curso.”** (Entrevistada 46) e **“Sempre usei a biblioterapia em sala de aula, mas de maneira intuitiva e empírica. Há quase quatro anos, entretanto, que a utilizo a partir de muita fundamentação teórica.”** (Entrevistada 65). Essas falas confirmam a questão que já apresentamos sobre a identificação do nome da prática ‘tardamente’.

Outro ponto que trago é que não podemos negar o crescimento da biblioterapia durante a pandemia da Covid-19 em diante, pois de 2020 a 2023 temos o quantitativo de 39 pessoas, o equivalente a quase metade do universo da pesquisa (41 iniciando suas atuações de 1972 a 2019). Também é relevante considerar a influência do mundo digital, pois as seguintes afirmativas vieram à tona durante a pesquisa (sobre o encontro com o tema): **“Posts das redes sociais”** (Entrevistada 54), **“Pelas redes sociais, soube da sua existência [...]”** (Entrevistada 55) e **“Pela Semana de Biblioterapia, ministrada pela Profa. Carla Sousa.”** (Entrevistada 58). Se de um lado vivemos uma sobrecarga/adoecimento digital, por outro, se bem utilizada, essa tecnologia se torna uma aliada à incríveis possibilidades.

#### 4.4.2 Do público-alvo das ações

Quando se fala em público-alvo das ações de biblioterapia, antes de mostrar cenário que se apresenta, vejamos a seguinte afirmação:

[...] en sus primeras formas, la biblioterapia se utilizó en hospitales psiquiátricos como tratamiento para los enfermos mentales, tanto en Europa como en Estados Unidos, adultos hospitalizados, pero un factor importante en la evolución de la biblioterapia fue la desinstitucionalización de la atención de la salud mental en la década de 1970. Esto permitió que la biblioterapia comience a alejarse del entorno hospitalario y se traslade a diversas áreas de la comunidad, incluyendo bibliotecas, práctica médica general, psicología, cárceles, enfermería, trabajo social, o terapia ocupacional. Esto permite ampliar notablemente su campo de acción, que ya nos solo se restringe a la salud mental, sino también como apoyo a problemas emocionales y sociales (Losada, 2020, p. 4).

A referida citação é um trecho na qual a psicóloga Analía Losada entrevista o bibliotecário argentino Antonio Martín Román, o qual traz parte de uma contextualização histórica sobre a biblioterapia. Vamos analisar se tal realidade se cumpre no Brasil. Então, apresento os públicos trabalhados no país em uma ordem dos mais citados para os menos citados, onde temos: **mulheres, crianças, idosos, hospitais, adolescentes, público adulto em geral.**

Quanto aos grupos menos citados, saliento o quantitativo das pessoas que atuam com eles: Empresas/corporativo, sete (7); Penitenciárias, quatro (4); Professores, dois (2); Alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA), duas (2). Contabilizou-se uma (1) pessoa trabalhando especificamente com tais grupos: dependentes químicos / homens adultos, público universitário, adultos e adolescentes autistas, mães de pessoas autistas, pessoas que vivem em situação de risco, psicólogos, condomínios e centro comunitário.

Senti a necessidade de trazer algumas considerações sobre o grupo mais citado: as mulheres. Elas já foram mencionadas em nossa primeira parada. Cito algumas ações/projetos que validam que esse é o público de maior alcance da prática:

1. Círculo de biblioterapia lendo o feminino primordial: o início de tudo a gente nunca esquece, divulgado por Pinto (2023), encontros realizados online.
2. La biblioterapia en un grupo de mujeres en situación de violencia: fundamentos conceptuales y balance de intervención, descrito por Morales e Landa (2021). Ação realizada no Instituto Municipal da Mulher de Xalapa (IMMX), México.

3. Biblioterapia: a leitura e a palavra no empoderamento feminino, relatado por Moret e Santana (2017), em um artigo. O projeto foi realizado na comunidade de São Benedito, zona rural do município de Teixeira de Freitas/BA.
4. Biblioterapia como tecnologia de cuidado de enfermagem na Estratégia Saúde, relatada por Correa, Santos e Erdmann (2013), na unidade Estratégia Saúde da Família Moinhos dos Ventos, Joinville/SC.

Enfatizando a predominância desse público, exponho o depoimento de uma das participantes da pesquisa. Ela diz ter oferecido os encontros “[...] **para pessoas de qualquer classe social, raça e orientação sexual e idade a partir de 18 anos, mas na prática só mulheres acima de 40 anos tem participado[...]**” (Entrevistada 37). Por que as mulheres são as que mais participam (quando a ação é aberta ao público) e as que mais trabalham com a biblioterapia? Elas se permitem mais essas práticas? Estão mais ligadas ao mundo literário? Ou são tão sobrecarregadas que precisam mais de cuidado? Sigo com essas questões.

Fora esse público, conseguimos sim visualizar a biblioterapia para além dos ambientes dos hospitais, mesmo que esse público ainda seja bastante atendido. No entanto, pelas leituras das experiências realizadas, vejo que as ações não vão mais de encontro (na maioria das vezes) aos objetivos de antigamente, como cura para transtornos emocionais. Acontecem mesmo no sentido do acolhimento, da oportunização de um respiro.

Esse item nos mostra que os campos estão abertos. Alguns acessamos com mais facilidade, outros nem tanto. Mas se bem embasada, estruturada e executada, ela se mostra um potente dispositivo de cuidado, promovendo saúde, no sentido que vai além do estado físico.

#### 4.4.3 Dos tipos de trabalhos/ações

Quando a pergunta é sobre o tipo de trabalho executado (voluntário ou de forma paga – assalariado ou autônomo) o panorama é esse:

**Quadro 6 – Os tipos de trabalhos com a biblioterapia**

<b>Como</b>	<b>Quantidade</b>
Voluntariado	19
Autônoma (remunerada) e voluntariado	17
No local de trabalho (assalariado)	14
No local de trabalho (assalariado) e Voluntariado	12
Autônoma (remunerada)	12
De forma autônoma (remunerada), voluntariado e no local de trabalho (assalariado)	4
De forma autônoma (remunerada) e local de trabalho (assalariado)	3
<b>TOTAL</b>	<b>81</b>

**Fonte:** elaborada pela autora (2025).

**Nota:** os dados foram coletados durante do 2º semestre de 2023.

Diante do cenário cabe ainda vários questionamentos como: o trabalho remunerado tem sido justo ou satisfatório, em especial para quem trabalha de forma autônoma - fica a sugestão para futuras pesquisas investigando mais a fundo essa realidade -, uma vez que recebemos respostas como: **“Voluntariado, de forma autônoma e remunerada. Remunerados foram apenas 2 trabalhos”** (Entrevistada 6); **“Uma prática infelizmente não muito bem remunerada. Por isso, este ano só atendi convites e realizei alguns encontros presenciais direcionados à área educacional.”** (Entrevistada 77) e **“[...] a grande dificuldade de conseguir remuneração e abertura para trabalhar como profissionais em locais públicos e até mesmo em particulares”** (Entrevistada 54), só para exemplificar.

Quero destacar que na minha percepção não tem nada de errado com o trabalho voluntário (eu sou voluntária em muitas ações), acredito, inclusive, que é necessário e é uma das formas de contribuirmos com o mundo/sociedade. No entanto, cada ação tem seu propósito, espaço e sua hora. Quem precisa arcar com seus custos de vida, com proventos vindos do trabalho feito com a biblioterapia não pode viver de ações voluntárias.

Ao cruzarmos os dados idade e tipo de trabalho, foi feita a leitura de que quem pratica somente de forma voluntária. Podemos observar:

**Quadro 7** – Os tipos de trabalho x idade – foco no voluntariado

<b>Forma de trabalho Faixa etária</b>	<b>Voluntariado</b>	<b>Autônoma (remunerada) e voluntariado</b>
20 a 31	1	0
31 a 40	2	1
41 a 50	1	4
51 a 60	6	6
+ 60	9	6

**Fonte:** elaborada pela autora (2025).

**Nota:** os dados foram coletados durante do 2º semestre de 2023.

Também tivemos falas especificando apontando o público-alvo das ações de voluntariado: **“[...] Trabalho social gratuito para instituições que atendam afrodescendentes.”** (Entrevistada 22) e **“[...] No meu prédio com adolescentes e em ateliês de pintura, arte.”** (Entrevistada 37).

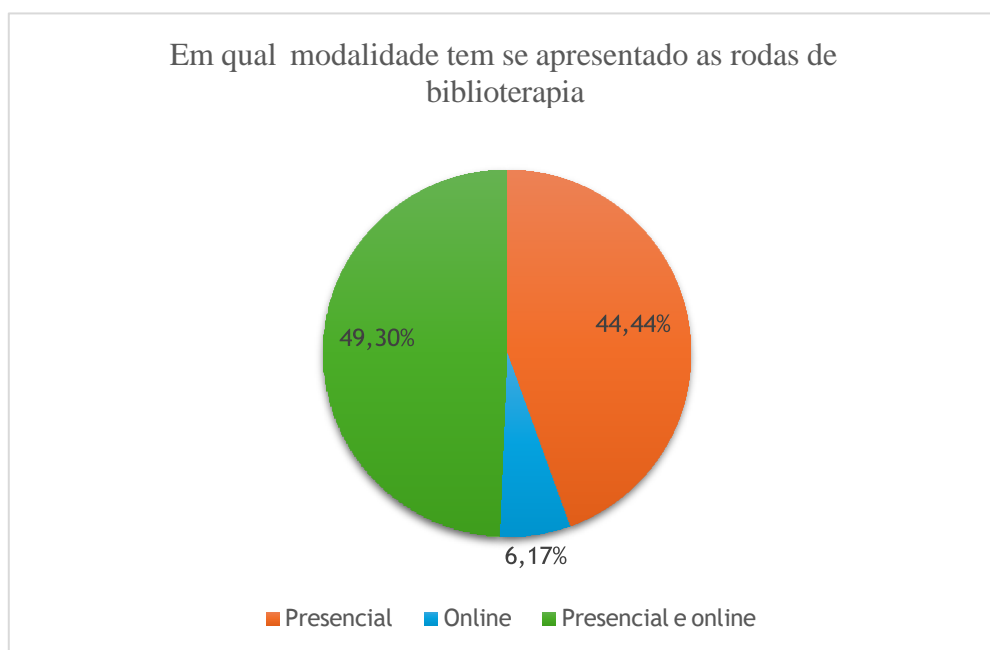
Se o maior quantitativo dos trabalhos realizados na biblioterapia são das pessoas acima dos 50 anos, essa turma ainda se destaca no trabalho voluntário, o que está por trás desses números? A necessidade de se manter ativo? A vontade de doar ao mundo tudo que recebeu? Confesso que me instiga a saber, pois alguns estudos sobre voluntariado apresentam dados do

bem que essa prática apresenta à saúde. Cito o trabalho de Carvalho, Ferreira, Leite e Rios (2021) que ao fazerem uma revisão sistemática sobre impacto dos trabalhos voluntários na vida das pessoas, em um recorte temporal de 2015 até 2020, detectaram a influência no bem-estar mental em todas as faixa-etárias e, com relação às pessoas idosas, confirmaram o combate ao isolamento social, proteção do bem-estar psicológico, além da apresentação de baixos níveis de limitações nas atividades do dia a dia se comparado aos não voluntários.

#### 4.4.4 Das formas de realizar os trabalhos/ações

Antes de seguirmos para nossas duas últimas questões, busquei saber qual tem sido o formato escolhido para o desenvolvimento dos encontros de biblioterapia. Lembrando que o mundo digital/virtual está aí, e a biblioterapia também adentrou nele, como já percebemos nas falas sobre a chegada à biblioterapia, sobre as formas de se qualificar etc. Sendo assim, segue o resultado.

**Gráfico 6** – Formato da condução dos encontros



**Fonte:** elaborada pela autora (2025).

**Nota:** os dados foram coletados durante do 2º semestre de 2023.

Apresentando esses dados em quantidade de participantes ficamos com esses números: cinco (5) pessoas (6,17%) atuando exclusivamente de forma online, 36 (44,4%) atuando somente de forma presencial e 40 pessoas (49,30%) atuando com encontros online e presenciais. Percebemos um grande quantitativo de pessoas atuando exclusivamente de forma presencial, mas um percentual um pouco maior mesclando o formato das ações.

Sabendo que a biblioterapia exige estado de presença, preparação do ambiente e criação de vínculo, poderia dizer que o ambiente virtual exige uma maior sensibilização para se chegar a esse estado com quem participa, no entanto, a (Entrevistada 48) apresenta um relato sobre isso, mesmo em encontros presenciais, ela diz ser um desafio: **“Cativar o participante, prender sua atenção ao texto. Muitas pessoas estão tão agitadas nos últimos tempos que as vezes nem conseguem se desgrudar do celular durante o encontro de biblioterapia”**. O (Entrevistado 66) também já havia falado sobre isso quando nos relata seu trabalho com adolescentes: **“[...] trabalho com adolescentes e sempre é um desafio tentar que eles foquem na atividade [...]”**.

Já que o assunto veio ao caso, Han (2023, p. 26-27) assegura: “O tsunami de informação garante que nossos órgãos de percepção estejam permanentemente estimulados [...] fragmenta a atenção.”, mas “Histórias conectam as pessoas umas com as outras [...] elas criam uma comunidade.” (2023, p. 15), sendo assim, a biblioterapia e outras formas de contato com a literatura e arte acabam sendo uma fuga nesse mundo consumidor (de informação).

#### **4.4.5 Dos desafios do trabalho com a biblioterapia**

Quando o assunto indica os desafios que a prática impõe, nos deparamos com um cenário que dirigir-se para várias demandas, como nas questões anteriores, as respostas serão agrupadas por proximidade, no entanto, na ordem dos desafios mais mencionados:

- **Divulgação/público**

Divulgação, é o item considerado mais desafiador no fazer biblioterapêutico, arrisco dizer que, esse fator estará implicitamente ligado a outros como o público e o financeiro, por exemplo. Mas vamos tomar conhecimento das respostas:

**“Tenho ainda dificuldade em divulgar junto a população da minha cidade. Consigo realizar mais encontros com pessoas de outras cidades, até Estados. Aos poucos estou quebrando essa dificuldade, mas ainda preciso reforçar a divulgação em minha região”** (Entrevistada 04).

**“Conseguir público”** (Entrevistada 36).

**“Çativar as pessoas para participar nos encontros, pois a Biblioterapia é pouco conhecida no Paraná e no Brasil”** (Entrevistada 39).

**“O interesse público em participar quando o convite era aberto e não por demanda [...]”** (Entrevistado 21).

**“Algo tão importante e que poucas pessoas conhecem”**  
(Entrevistado 30).

**“O maior desafio é convencer as pessoas a participarem devido ao desconhecimento sobre a biblioterapia.”**  
(Entrevistada 56).

Esses apontamentos sugerem que ainda há um caminho a ser percorrido na sensibilização, informação e aceitação da biblioterapia como prática válida e acessível, e que não é uma particularidade de poucas pessoas mediadoras e nem de uma região específica, pois temos nessas respostas pessoas do Sul e Sudeste também, onde observamos ou consideramos que a prática já seja mais popularizada.

- **Acervo**

Quando a seleção de materiais e organização das sessões de biblioterapia em grupos se revela como um dos maiores desafios enfrentados, ressaltamos algumas falas:

**“Na seleção dos gêneros literários”** (Entrevistada 06).

**“Aplicação em grupos exige um cuidado na escolha de material quando há uma disparidade grande de capacidade de leitura entre os membros do grupo”** (Entrevistada 18).

**“A escolha do tema e do texto a ser trabalho é sempre o desafiador, tento perceber qual o tema mais pertinente para o público e procuro perceber a realidade deles para enfim escolher.** (Entrevistado 66).

**“Na seleção do material”** (Entrevistada 79).

**“Abordagem de textos e livros”** (Entrevistada 89).

**“Não gosto de ficar presa em livros”** (Entrevistada 23).

Nesse quesito, embora seja destacado o acervo, as dificuldades partem de vários fatores, podemos destacar: diversidade do público, ‘insegurança’ escolha do conteúdo, flexibilidade e conhecimento da prática.

Acredito que a escolha do acervo exige um repertório literário por parte da pessoa mediadora e também o conhecimento do público participante. Nesse quesito, Bajour (2012), ao falar de seleção para encontros de leitura, diz é um processo de afinação da esculta, pois:

A seleção dos textos que serão oferecidos no encontro, começa com a escuta. O ouvido da pessoa mediadora já começa a se apurar na seleção. Deve-se optar por textos vigorosos, abertos, desafiadores, que não caiam sedução simplista e demagógica. Os textos devem provocar perguntas, silêncios, imagens gestos, rejeições e atrações (Bajour, 2012, p 27).

Quanto a resposta é sobre não gostar de ficar presa a livros, a biblioterapia abre flexibilidade para se trabalhar com outros materiais, na própria pesquisa algumas pessoas, foram informando os materiais utilizados em seus encontros - que não são novidade pois a diversidade e a criatividade tomam conta e as pessoas utilizam -: livros, cordéis, músicas, pinturas/fotografias/ilustrações, narrativas orais, vídeos, slides.

Peço licença para puxar outro caminho nesse assunto. Ouaknin (2016), em um dos capítulos do livro ‘Biblioterapia’, indaga: E quando não há livros?, e desenvolve o capítulo falando dos sonhos. Sonhos como matéria para os encontros de biblioterapia. Eu, em alguns momentos já cheguei a me perguntar: como fazer biblioterapia onde de fato não há livro ou onde as pessoas não dominam o código da escrita?<sup>54</sup> Nos estudos dos métodos Biográficos encontrei resposta, aprendi que as histórias de vida são livros que, ainda, não foram publicados. Sendo então, no meu entendimento, também possibilidade de matéria para encontros de biblioterapia. Esse assunto nos pediria mais aprofundamentos na temática do campo da Oralitura,<sup>55</sup> mas não teremos tempo para isso nesta dissertação. Em resumo, as falas mostram que há uma dedicação no processo curatorial envolvido na condução da biblioterapia.

- **Financeira**

A dificuldade financeira também sondou os desafios enfrentados, fora outros trechos que já foram expostos, Confirmamos:

“**Financeiro**” (Entrevistada 41).

“**Remuneração**” (Entrevistada 15).

“**Dificuldade em adquirir livros, por questões financeiras**”  
(Entrevistada 55).

---

<sup>54</sup> Sou a favor do livro chegando em todos os lugares, mas defendo que deva existir o bom senso, o respeito e a não imposição. Pois existem outras formas de saber, conhecer, aprender e viver. Como aprendi com profª Nanci Nóbrega, tem que ser um convite.

<sup>55</sup> A oralitura tem, até o momento, sua principal pesquisadora a professora Leda Maria Martins. A pensadora nesse conceito destaca a importância da oralidade como um meio de produção e disseminação de conhecimento, com a mesma força da palavra escrita.

MARTINS, Leda Maria. Performances da oralitura: corpo, lugar da memória. **Letras**. n. 26, 2003. p. 63–81.

**“Uma prática infelizmente não muito bem remunerada. Por isso, este ano só atendi convites e realizei alguns encontros presenciais direcionados à área educacional”** (Entrevistada 77)

**“Não conseguir pagar por todos os outros cursos que gostaria e livros que gostaria de ter”** (Entrevistada 79).

A primeira resposta acaba sendo muito ampla, não especificando o motivo desse financeiro ser um desafio. Mas as entrevistadas 15 e 77 acabam por reforçar a questão da remuneração com o trabalho realizado, enquanto as entrevistadas 55 e 79 enfatizam a questão do recurso financeiro investido nesse fazer, seja na aquisição de materiais ou na capacitação contínua.

- **Nomenclatura e suas limitações**

**“[...] o desconhecimento do tema. Muitos ainda acham que é algo sobre a Bíblia. [...]”** (Entrevistada 8).

**“Fazer as pessoas entenderem que não é um clube de leitura com a análise de autor, personagens etc. E que trata-se de uma forma de vivenciar a leitura como experiência e reflexão”** (Entrevistada 14).

**“[...] O medo de algumas instituições em lidar com a “terapia” que está no nome da prática”** (Entrevistado 21).

**“Acho que a reação preconceituosa de quem não conhece a biblioterapia, mas tem uma opinião sobre mesmo assim [...]”** (Entrevistada 25).

**“O entendimento do termo, porque não Mediação de Leitura e sim Biblioterapia”** (Entrevistada 35).

**“Trabalhar com a Leitura terapêutica não é fácil, pois muitas pessoas ainda não tem o conhecimento da Biblioterapia por ser uma área nova, então se torna difícil atuar na área, muitas vezes as pessoas aceitam mais o nome ‘Roda de conversa’ ou qualquer outro do que realmente a ‘Biblioterapia’ [...]”** (Entrevistada 78).

**“A compreensão das pessoas diante dos limites dessa prática”** (Entrevistada 90).

Acredito que muitas pessoas que atuam com a prática passaram/passam pelo desafio da nomenclatura, e aqui me vem dois pensamentos quando se trata de adentrar espaços: usar outro nome para se inserir e trabalhar a biblioterapia, isso aconteceu comigo, primeiramente adotamos no projeto na SES/AM o nome “Roda de conversa e autocuidado” e posteriormente “Roda de

biblioterapia”, percebemos isso também no ambiente acadêmico, onde projetos e pesquisas utilizam outros nomes, mas no seu desenvolvimento trabalham os conceitos e métodos da biblioterapia.

O outro pensamento é insistir no nome para que a prática seja visibilizada mesmo passando por todos os desafios que as vezes ele vai trazer. Pereira (1996) já nos apresentava a não aceitação do nome por parte de alguns pesquisadores, cogitando outras possibilidades para ele, como: Bibliogomia, Biblioconselho e até Literapia. Será que um dia esse nome mudará?

- **Além da prática**

As falas que se apresentarão, em resumo, evidenciam que os desafios vão além da prática direta da biblioterapia e envolvem condições estruturais, contextuais e até existenciais, como: formação profissional, apoio institucional, disponibilidade de espaços, autoconhecimento etc. Talvez isso nos sinalize a urgência de investimentos em capacitação, articulação de políticas públicas e maior reconhecimento da biblioterapia como prática interdisciplinar e transformadora.

**“Os principais desafios residem na dificuldade de encontrar parcerias para o trabalho. Mesmo profissionais que começam a enveredar pela área apresentam déficit de repertório literário, de informações sobre pesquisas relacionando neurociências e leitura, ou mesmo sobre as interfaces entre psicologia, psicanálise e literatura”** (Entrevistado 11).

**“Nas escolas a dificuldade maior é encontrar acolhimento na gestão administrativa e ‘espaço’ no currículo e nas demandas pedagógicas”** (Entrevistada 20).

**“Tive e tenho resistência com minha própria família. Alguns círculos que não saíram como havia planejado, mas que serviram de grande aprendizado[...].”** (Entrevistada 22).

**“A desvalorização da prática como profissão”** (Entrevistada 24).

**“O próprio medo interno depois a ‘curiosidade’ do desconhecimento que tem seu lado positivo, mas que muitos se afastam por preconceito do sufixo “terapia”. Os desafios do uso e adaptações da tecnologia com o período da pandemia entre outros”** (Entrevistada 34).

**“O meu maior desafio, seja nos círculos online ou presenciais, é convencer as mulheres a se darem de presente um momento só para elas”** (Entrevistada 45).

**“Local para realizar os encontros presenciais aqui na cidade que resido”** (Entrevistada 50).

**“Conhecer a si mesma”** (Entrevistada 52).

**“Falta de reconhecimento e até mesmo a oposição entre profissionais tecnicistas que também atuam na instituição”** (Entrevistada 63).

**“[...] trabalhar uma turma inteira em média 35 alunos, não é o ideal para a prática da biblioterapia, mas na escola não podemos trabalhar só com metade da turma [...]”** (Entrevistada 66).

**“Enfrentar o sofrimento das pessoas”** (Entrevistada 75).

Peço desculpas se alguém esperava que eu trouxesse resposta única para essas questões. Aprendi com Fabíola Farias<sup>56</sup> que, quando se trata de temas complexos, não existem soluções simples, nem receitas prontas. Ainda assim, escolhi compartilhar os desafios justamente para ampliarmos nosso olhar sobre essas problemáticas e, quem sabe, construirmos juntos caminhos possíveis para enfrentá-las.

Vamos conseguir? Não sei. Mas o simples fato de falarmos já nos ajuda a perceber que não estamos sós. É comum — e genuíno — o sentimento de encantamento quando nos reunimos para discutir a biblioterapia, tamanha é a potência dessa prática em nossas vidas. No entanto, precisamos também olhar com atenção os obstáculos, trazê-los ao debate e buscar alternativas viáveis. Talvez a única resposta que eu possa oferecer seja: sigamos em frente. E me apoio na experiência de uma das pioneiras dessa área, que permaneceu firme apesar dos desafios, nesse item ela responde: **“Muitos naquela época. Não tinha com quem conversar, quase ninguém sabia a respeito e também não se interessavam. O material era escasso no Brasil para pesquisas e práticas”** (Entrevistada 26).

#### **4.4.6 Dos motivos para seguir: estudando e praticando**

Por fim, nossa última questão foi para que as pessoas coautoras deste trabalho dissessem em poucas palavras, o motivo de considerar os estudos e as práticas sobre/de biblioterapia pertinentes, também será apresentado por categoria:

---

<sup>56</sup> Fabíola Farias: pesquisadora dos livros, bibliotecas e literatura infantil. Foi Diretora de Ações de Incentivo à Leitura da Superintendência de Bibliotecas Públicas / Secretaria de Estado de Cultura de Minas Gerais (2007-2010) e Gerente de Coordenação de Bibliotecas e Promoção da Leitura da Fundação Municipal de Cultura de Belo Horizonte (2010-2018). É leitora votante da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil. Atualmente, desenvolve pesquisa sobre a história da leitura das crianças em Belo Horizonte.

- **Formação**

Tivemos pessoas que bateram na tecla da formação, que os estudos devem continuar seja por conta da seriedade da prática, para aprofundar no seguimento que se decidiu aplicar ou para se apropriar com segurança do assunto e assim justificar a prática:

**“É preciso estudar/compreender para se utilizar da Biblioterapia. Não se pode fazer uma boa prática se não se tem conhecimento real do que é essa área”** (Entrevistada 01).

**“[...] no que diz respeito às áreas temáticas preferenciais de minhas pesquisas que são: memória, idosos, música, continuarei na busca de base para a criação de uma biblioterapia ‘musical’, que me permita narrar histórias contadas a partir das autobiografias [...]”** (Entrevistada 07).  
**“Os estudos são pertinentes por ofertar a base teórica que devemos conhecer e se apropriar para realizar nossa prática. Os estudos fortalecem nossa práxis, dão argumentos para justificar os projetos que pretendemos implementar, e sobretudo validam a Biblioterapia como uma ciência, não apenas como uma prática de entretenimento”** (Entrevistada 08).

**“A abordagem biblioterapêutica, quando aliada a ferramentas de interpretação do texto literário e de um sólido embasamento em estudos sobre a linguagem metafórica e simbólica, permite reforçar o componente afetivo da recepção do texto literário. A fruição e o trabalho com competências socioemocionais, a partir da literatura, potencializam as experiências de leitura, desde que não se coloquem de lado a ampliação de repertório sociocultural e as ferramentas de análise e interpretação de textos”** (Entrevistado 11).

Com essas falas podemos observar, além do que já foi citado, a preocupação com uma formação teórica sólida como pré-requisito para a prática responsável da biblioterapia em detrimento de uma prática superficiais/recreativas.

- **Divulgação**

Outras pessoas já disseram que a continuidade desse trabalho se faz importante para que a prática seja cada vez mais divulgada. As respondentes em questão ainda justificam que seja por questão de saúde:

**“São importantes para dar mais visibilidade e fortalecer a prática de biblioterapia que considero como uma ação de promoção da saúde”** (Entrevistada 06).

**“A expansão e reconhecimento da atividade, por órgãos e pelo governo, como prática de cuidado com a saúde mental”** (Entrevistada 14).

É interessante perceber as duas respostas seguindo na direção da promoção da saúde.

- **Atuação**

A ênfase na atuação profissional também apareceu enquanto justificativa, no que podemos perceber, em vários campos de atuação, escola, biblioteca, consultório etc. Vejamos:

**“Eu a estudo conectando-a a escola [...] acredito que é uma nova forma vivenciar a literatura na escola”** (Entrevistado 05).

**“É uma possibilidade de expandir e proporcionar através da literatura elementos tanto investigativos quanto instrutivos pertinentes ao processo psicoterapêutico”** (Entrevistada 18).

**“Em virtude de formar leitores críticos e reflexivos sobre temáticas da vida humana”** (Entrevistado 21).

**“Acho que a biblioterapia é um campo fértil de estudo e atuação para bibliotecários, psicólogos, que se firmará ainda mais como uma área de pesquisa na medida em sua aplicação seja amparada por equipes multidisciplinares e seus estudos possuam uma metodologia mais robusta confiável, saindo um pouco do senso comum que muitos artigos apresentam”** (Entrevistada 44).

**“Entre tantos outros motivos, ênfase à face social da Biblioteca como instituição”** (Entrevistada 69).

Os depoimentos demonstram a biblioterapia como um recurso multifacetado, com usos nas áreas da educação, saúde e outras áreas sociais, enfatizando a versatilidade da prática, assim como o seu caráter benéfico em vários ambientes.

- **Benefícios**

Quando as justificativas são no âmbito dos benefícios que a prática promove, temos:

**“Importante ferramenta de autocuidado, autoconhecimento e humanização”** (Entrevistado 03).

**“Revolução do sensível, que colabora com campos da educação, saúde, cultura, literatura”** (Entrevistada 10).

**“Autocuidado e autoconhecimento de si e do outro. Promove a saúde integral”** (Entrevistada 15).

**“A biblioterapia é o cuidado da alma através da literatura e sua linguagem simbólica, em tempos áridos como os nossos é o bálsamo humanizador e curador!!”** (Entrevistada 20).

**“A saúde mental desempenha um papel vital em nossa sociedade [...], realçando a necessidade de práticas que fomentem a consciência emocional e o bem-estar psicológico. Nesse cenário, a biblioterapia emerge como uma ciência empírica que adota a leitura como uma estratégia para compreender e explorar as complexidades emocionais das pessoas, demonstrando, pois, sua relevância na sociedade atual”** (Entrevistada 90).

As falas enfatizam o papel da biblioterapia no cuidado pessoal e coletivo. Trazendo ainda a ideia da promoção da saúde tão necessária na atualidade.

Este caminho/seção teve como foco apresentar como o campo da biblioterapia vem se desenvolvendo pelo Brasil, por meio das falas de pessoas que com ela caminham, seja pesquisando ou mediando.

Ao realizarmos um apanhado geral deste extenso questionário, é possível, ainda que sem um aprofundamento analítico, vislumbrar nuances importantes que permeiam o campo. Mas o que todo esse conjunto de informações tem a ver com a memória social? Gondar (2023, p. 14) afirma que “a memória possui essa dupla face, conservação e criação” — no sentido de preservar o passado e inventar futuros. Assim, os dados coletados não apenas nos ajudam a compreender o presente e o passado dessa prática, como também abrem espaço para projetar possíveis futuros.

As informações como faixa etária, gênero, localização, formação, qualificação, publicações e formas de atuação constroem um registro das experiências que integram e moldam o fazer na biblioterapia. Esse movimento contribui diretamente para a formação de uma memória social, ao documentar quem são essas pessoas, de onde vêm, como chegaram até aqui e como exercem essa prática.

Elementos como a grande presença da Biblioteconomia, mas a crescente adesão de profissionais de outras áreas, a predominância feminina, embora tenhamos uma participação masculina e o papel da internet e dos ambientes digitais na propagação e realização das práticas também são dados relevantes para essa construção.

Os relatos sobre motivações, desafios e modos diversos de atuação revelam como a biblioterapia se entrelaça às dinâmicas sociais contemporâneas e suas adaptações, apontam caminhos para refletirmos sobre como podemos e/ou devemos nos posicionar daqui em diante.

No campo da aprendizagem, os afetos literários e as narrativas que marcaram vidas se configuram como formas de memória muito particulares, mas que, ao serem compartilhadas, passam a integrar uma memória coletiva e simbólica, gerando conexões, identificações, pertencimento e até acolhimento.

Por fim, mesmo não se tratando de registros orais, os “testemunhos” apresentados preservam falas/situações que, com frequência, ouvimos em nossas andanças no fazer biblioterapêutico. Logo, seus registros são fundamentais para a construção histórica dessa prática social e para seus desdobramentos futuros. Assim, com o intuito de fortalecer esta comunidade que tem na narrativa sua principal matéria-prima, apresento, na próxima seção, o produto desta dissertação.

## 5 COLEÇÃO AUDIOVISUAL MEMÓRIAS DA BIBLIOTERAPIA PELO BRASIL: NARRATIVAS DE BIBLIOTECÁRIAS PARA O MUSEU DA PESSOA

“Narrar é o nosso modo efetivo de existir” (Colasanti, 2012, p. 9)

Como percebemos desde a linha do tempo, a biblioterapia se propagou pelo mundo e tem procurado se consolidar no Brasil. Esse foi o motivo para o desenvolvimento desta pesquisa. Para essa fase do trabalho, eu poderia ter feito uma seleção intencional para a escolha das pessoas a serem entrevistadas para o relato de história oral. Mas a vontade de saber como a biblioterapia tem se movimentado neste território chamado Brasil e, a possibilidade de encontrar profissionais que até o momento eu não conhecia me fez traçar um caminho mais desafiador. No entanto, é mais gratificante por poder visualizar – mesmo sabendo que não seja a realidade absoluta – o cenário que se apresentou na seção anterior.

Justifico, ainda, ter escolhido aplicar o questionário, pelo desejo de continuar a composição do acervo audiovisual após o período do mestrado, para assim prosseguir valorizando as histórias das pessoas envolvidas com o trabalho, seguir fortalecendo essa prática tão benéfica e necessária e, disponibilizar um rico acervo de história oral que permitirá outras pesquisas. Disto isto, dou início a descrição do processo de construção do produto, a coleção audiovisual **‘Memória da Biblioterapia pelo Brasil’**.

### 5.1 DA IDEIA

Em 2018, ao pesquisar projetos sobre memória institucional, cheguei pela primeira vez ao site do Museu da Pessoa - uma iniciativa concebida no final dos anos 1980 e oficialmente fundada em 1991 -. Segundo Worcman (2021, p. 84) “A inovação que norteou o desenvolvimento do Museu da Pessoa foi a concepção de que o desejo das pessoas de terem sua história de vida eternizada poderia servir como base para a criação de um museu [...]”, ao longo de sua Tese Karen Worcman também informa que a proposta se desenvolve em uma perspectiva que sai da visão de museu enquanto edifício + coleção + público e também de territórios + patrimônio + população, ampliando as possibilidades de registro por meio das tecnologias digitais (Worcman, 2021).

Com uma trajetória marcada por inúmeros projetos, experimentações, desafios, parcerias e aprendizados, por se tratar de um museu virtual, lançou sua primeira página na internet em 199, partindo do princípio de que todas as histórias importam e merecem ser ouvidas

e preservadas. Desta forma, atualmente, ele é reconhecido como um museu virtual e colaborativo, aberto à participação de qualquer pessoa interessada em registrar e compartilhar histórias de vida (Worcman, 2021). Ao longo de mais de três décadas de existência, o museu já registrou mais de 19 mil histórias, em diferentes formatos (vídeo, áudio, escrita etc.). Seu site permite não apenas acesso às narrativas, mas também que cada pessoa conte sua própria história ou de outras pessoas e, organize coleções, dentro de seus interesses, se assim desejar.

Estudos realizados pelo museu, entre 2018 e 2020, com usuários da plataforma, constatou a ampliação da empatia com as pessoas, motivação para interferir contra a intolerância, melhora no ato de escutar do outro, além de favorecer o fortalecimento de vínculos com as pessoas. No mais, a iniciativa também colabora para a constituição de novas fontes para as pesquisas históricas.

**Figura 7** – Site do Museu da Pessoa



**Fonte:** Site do museu da pessoa (2025).

Por conseguinte, fiquei encantada com a ideia e cogitei a criação de um acervo com as histórias de profissionais da SES/AM, já que havíamos aprovado a ideia da construção do memorial virtual da história da Secretaria de Estado de Saúde no Amazonas. Contudo, dado o meu envolvimento com a temática da biblioterapia e os caminhos que a vida me apresentou, mudei meu desejo para as pessoas que trabalham com a biblioterapia pelo Brasil, em especial às bibliotecárias, devido aos trabalhos relevantes que desenvolveram/desenvolvem e a importância para a memória social do grupo.

Isto posto, a fim de conhecer e melhor entender o processo da formação dessas coleções no site do museu, orientanda (eu) e meu orientador nos inscrevemos e participamos do curso

ofertado pela instituição para possíveis Núcleos Museu da Pessoa<sup>57</sup>, o qual contou com os seguintes módulos:

Introdução: propósito do curso, o que é o museu da pessoa e conceitos importantes;

Tecnologia Social da Memória: criar sentido;

Tecnologia Social da Memória: construir - roda e círculo de histórias;

Tecnologia Social da Memória: construir - entrevistas e relatos biográficos;

Tecnologia Social da Memória: organizar;

Tecnologia Social da Memória: socializar e;

Ativação de Núcleos do Museu da Pessoa em museus.

Fazer o curso foi de fundamental importância para pensarmos toda a estrutura do processo - desde a pré-entrevista até a pós-publicação -, refletindo questões como: armazenamento, direitos autorais, edição dos vídeos, divulgação das histórias etc.

Vale ressaltar, que o museu adota a História Oral de Vida como metodologia, e o processo se fortalece com a Tecnologia Social da Memória, um: “processo, método ou instrumento capaz de solucionar algum tipo de problema social e que atenda aos quesitos de simplicidade, baixo custo, fácil replicabilidade e impacto social comprovado.” (Pena; Mello 2004, p. 84 *Apud* Tecnologia..., p.11, [2009]). Então, segui esses mesmos passos para a execução da proposta.

## 5.2 DA METODOLOGIA HISTÓRIA ORAL

A metodologia utilizada para a construção do produto da dissertação foi a História Oral, por ser baseada em entrevistas sobre experiência de vida, permitindo acesso a lembranças dos eventos vividos pelas pessoas participantes, tendo elas os testemunhado ou protagonizado. Por intermédio delas podemos reconstruir o passado, compreender o presente e projetar o futuro. Por isso, esse tipo de entrevista é irrepetível e única, mesmo que se entreviste a mesma pessoa várias vezes.

Embora, tenha existido um tempo em que a subjetividade parecesse desqualificar a legitimidade dos fatos e de uma pesquisa, Lucena (2024, p. 39) diz que a História Oral “[...] foi alcançando reconhecimento em espaços acadêmicos de diferentes áreas do conhecimento junto

---

<sup>57</sup> O Programa Rede de Núcleos Museu da Pessoa foi criado em 2020, seu objetivo é de multiplicar o conceito do Museu da Pessoa e a sua metodologia, a Tecnologia Social da Memória. Para que mais pessoas possam aprender a captar e disseminar as histórias de vida. A Rede de Núcleos atua na capilarização de ações de memória local, atingindo coletivos, organizações e instituições que queiram construir, ativamente, suas próprias narrativas.

a pesquisadores com dimensão pública, abraçando historiadores, sociólogos, antropólogos, educadores, cineastas e outros mais.” e, no Brasil, começou a ser adotada na década de 1970.

Levando em consideração as modalidades existentes nas entrevistas de História Oral, destacando dois principais caminhos: a “História Oral de Vida” e a “História Oral Temática”. A pesquisa em questão apresenta elementos de ambas as abordagens. A História Oral de Vida busca reconstruir a trajetória da pessoa entrevistada — desde o nascimento até o momento presente — por meio de uma narrativa que percorre a linha do tempo de sua vida. Já a História Oral Temática concentra-se em um recorte específico, relacionado a uma experiência comum vivida por um grupo social ou a uma questão de relevância histórica ou social. Seu objetivo é compreender como diferentes pessoas vivenciam e interpretam determinado tema.

No caso desta pesquisa, as entrevistas foram conduzidas com base em um roteiro pré-definido, que orientou e delimitou os temas a serem abordados, caracterizando, assim, o uso da História Oral Temática, embora não tenha deixado de considerar os aspectos biográficos presentes nas narrativas. Que gerou a construção deste produto.

O produto proposto trouxe à tona as narrativas provocadas pelas memórias de profissionais em Biblioteconomia que atuam com a biblioterapia pelo Brasil. Nesse mosaico, conseguimos abarcar seis entrevistas. Essas histórias de vida, estão gravadas em formato audiovisual, e fazem parte do da coleção ‘**Memórias da Biblioterapia pelo Brasil**’, podendo ser encontrada no site do Museu da Pessoa pelo link: <https://museudapessoa.org/colecao/memorias-da-biblioterapia-pelo-brasil--narrativas-de-bibliotecarias-para-o-museu-da-pessoa/>. Entende-se que tal proposta se configurou como desenvolvimento de um dispositivo informacional e de preservação da memória desse grupo.

### 5.3 DA REALIZAÇÃO DAS ENTREVISTAS

Após a escolha das narradoras — um total de sete —, cada uma foi convidada e informada sobre todas as etapas do processo. Cinco delas responderam prontamente por email, enquanto duas precisaram ser contatadas via WhatsApp. Uma das respostas foi negativa: a possível participante atravessava um momento delicado, lidando com a doença de um familiar. Mesmo assim, manifestou o desejo de contribuir futuramente, caso haja outra oportunidade.

Compartilho também o caso de outra narradora selecionada, que havia sinalizado, no questionário anterior, que não se sentia confortável para gravar vídeo devido a uma debilitação em sua saúde. Ainda assim, considerando sua relevância para a história da biblioterapia, optei

por insistir e formalizar o convite, certificando meu respeito por sua escolha e enfatizando a possibilidade de uma nova recusa, se assim desejasse.

Essa decisão de insistir no convite não foi isenta de conflito interno. Enfrentei um dilema ético e emocional: até que ponto insistir é legítimo? Como conciliar o desejo de ter seu registro com o respeito à vontade de quem já contribuiu tanto — com seus escritos, sua trajetória, sua presença inspiradora? Acredito que ela merece, acima de tudo, liberdade para decidir sobre sua participação.<sup>58</sup>

Fica, portanto, uma reflexão importante para nós, enquanto pessoas em processo de pesquisa: até onde colocamos nossas vontades acima de tudo? Onde termina o entusiasmo pela pesquisa e começa a sensibilidade do respeito? Acredito que seja nesse equilíbrio delicado que se constrói uma escuta e um trabalho verdadeiramente ético.

Aceito os convites, fechando um total de seis narradoras, em quatro (4) cidades, compreendendo também quatro (4) estados brasileiros, a saber: João Pessoa/PB, Rio de Janeiro/RJ, Araraquara/SP, Florianópolis/SC, contemplando 3 regiões do país (Nordeste, Sudeste e Sul). Descrevo melhor no quadro 8:

**Quadro 8** – Informações sobre as entrevistas de História Oral

<b>Narradora</b>	<b>Cidade/Estado</b>	<b>Data/Período da entrevista</b>
Edna Gomes Pinheiro	João Pessoa/PB	11/02/25 – noturno
Marília Guedes Pereira	João Pessoa/PB	13/02/25 - vespertino
Eny dos Santos Pires	Rio de Janeiro/RJ	17/02/25 - vespertino
Nanci Gonçalves da Nobrega	Rio de Janeiro/RJ	18/02/25 - matutino
Maria Aparecida Pardini	Araraquara/SP	20/02/25 - matutino
Clarice Fortkamp Caldin	Florianópolis/SC	23/02/25 - vespertino

**Fonte:** Elaborado pela autora (2025).

Como já enfatizei, as seis (6) participantes das entrevistas de História Oral “vieram” da fase anterior da pesquisa, na qual, elas apresentaram características consideradas essenciais para iniciar a construção desse acervo. Peço licença para contar um pouco como conheci cada narradora, as quais apresento na figura 8, na ordem da realização das entrevistas: Edna Gomes Pinheiro, Marília Guedes Pereira, Maria Aparecida Pardini, Eny dos Santos Pires, Nanci Gonçalves da Nobrega e Clarice Fortkamp Caldin.

<sup>58</sup> Iniciei as entrevistas sem a sua resposta, ela pediu um tempo para que pudesse se recuperar e avaliar a sua participação, para minha alegria e para o bem da pesquisa, quando eu já havia feito duas entrevista, em pleno aeroporto, ela me envia uma mensagem de WhatsApp com a resposta positiva. Assim fechando um total de seis narradoras.

**Figura 8** – Mulheres graduadas em Biblioteconomia entrevistadas para a coleção ‘Memórias da Biblioterapia pelo Brasil’



**Fonte:** Elaborado pela autora (2025).

Conheci o trabalho das mulheres que entrevistei em tempos diferentes. **Marília Guedes Pereira**, teve acesso ao questionário de pesquisa em um grupo de WhatsApp e pronta a ajudar pediu da pessoa que compartilhou o *link* o meu contato, me ligou na mesma hora e tivemos uma longa conversa, como diz Clarissa Pinkola (2007), parecíamos almas comadres a conversar. Desde então, sempre se fez muito solícita e envolvida com a pesquisa.

Já **Edna Pinheiro**, conheci no Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (Enancib) 2023, em Aracaju/SE, no qual apresentei um trabalho sobre Biblioterapia no Grupo de Trabalho (GT) 11: Informação & Saúde e, ela foi a mais empolgada com o que foi apresentado. Para minha surpresa, Marília havia encaminhado o questionário para ela, que também o respondeu. Sendo, até então, a única que eu conhecia pessoalmente.

A professora **Nanci da Nóbrega**, conheci ao ser convidada para entrevistá-la em uma live organizada pela Universidade Federal da Bahia (UFBA) no período da pandemia da Covid-19, Fernanda Guimarães, a bibliotecária mediadora e organizadora do evento me fez esse carinhoso e honroso convite, obrigada! Desde então, passei a acompanhar a prof<sup>ª</sup>. Nanci nas redes sociais e a participar de alguns encontros virtuais promovidos para falar sobre Biblioterapia.

A professora **Clarice Fortkamp Caldin**, conheci por conta dos seus artigos e enorme contribuição para área, sendo que a vi (virtualmente) pela primeira vez em uma live, parte da

programação do I Fórum de Biblioterapia, realizado em 2023, organizado pela Unochapeco e demais parceiros.

**Cidinha Pardine** e **Eny Pires**, tive conhecimento somente pela resposta do questionário, após constatar que seus perfis se enquadravam nos critérios construídos fui buscar mais informações e percebi que fazíamos parte de um mesmo grupo de *WhatsApp*, o *Bibliofamília*. Notei também que tínhamos algumas amigas em comum, inclusive, a biblioterapeuta Ana Margarida Pinto, chegou a me dizer em uma conversa informal “Você conhece, Eny? Acredito que seja uma pessoa interessante para sua pesquisa”. Quando fui conferir, a mesma tinha respondido ao questionário. E tudo se encaminhou como devia ser. Estive com essas seis entrevistadas únicas.

Depois da escolha e aceite, a próxima etapa foi o agendamento dos horários e locais de gravação, que foram definidos pelas entrevistadas - evitamos locais públicos e com interferências -, e planejamento da viagem/roteiro. Então, impulsionada pelo desejo de ouvir histórias e conhecer essas mulheres sementes da biblioterapia no Brasil, saí de Juazeiro do Norte/CE com destino à João Pessoa, Rio de Janeiro, Araraquara e Florianópolis. Foram quatro (4) ônibus, seis (6) aviões, cerca de 31h de viagem, totalizando 18 dias nas estradas por terra e céu.

Os relatos foram registrados no formato audiovisual, *in loco*, no período do mês de fevereiro de 2025. As gravações seguiram um roteiro estipulado por um questionário base, de caráter de semiestruturado (**Apêndice C**), dando margem para flexibilização no processo, já que estamos falando em ouvir relatos de acontecimentos de vida.

Li e reli em muitos materiais de entrevista, especialmente de História Oral, sobre a importância do ato de ouvir, nas pesquisas que utilizam essa metodologia. O filósofo Byung-Chu Han (2023. p. 15), diz que: “[...] A comunidade narrativa é uma comunidade de ouvintes atentos.”, acredito que as possibilidades de mediar clubes de leituras e rodas de biblioterapia me fizeram lapidar essa habilidade, que foi essencial nos encontros com cada narradora.

Quanto ao tempo, as entrevistas tiveram entre 50min e 1h:10 de gravação. Tivemos algumas paradas para reestabelecimento físico e emocional das narradoras. Não foi necessário o reagendamento de nenhuma entrevista e elas responderam uma pergunta por vez. Evitou-se questionamentos duplos, interrupções, indução ou complemento das respostas.

Quanto aos procedimentos na técnica empregada realizou-se: a captação dos depoimentos; a edição do material; a constituição do arquivo para a plataforma do Museu da Pessoa. Enfatizo que as gravações passaram por um leve processo de edição, no sentido de retirar gagueiras, ruídos etc., nada que alterasse o material ou o sentido da entrevista, pois na

metodologia de História Oral as edições mais bruscas podem tirar ou desviar o contexto do dito e não dito.

Isto feito, enviei o *link* com as gravações para todas as narradoras, pedindo que assistissem e informassem caso quisessem alterar algo no material e, por fim, que fizessem a aprovação do material. Feitas as “correções” e aprovados os vídeos, os relatos foram para a um canal no YouTube, como forma de armazenar e organizar das entrevistas. Depois seguiu para o site do Museu, compondo a coleção “**Memória da Biblioterapia pelo Brasil**”.

Ressalto que todas as participantes receberam para análise e aceitação o **Termo de uso de imagem e som de voz (Apêndice D)**. Essa autorização foi feita por meio da assinatura do documento, processo essencial para que elas soubessem o destino e a finalidade do material coletado.

Registro ainda que o método de História Oral, assim como a biblioterapia, é uma forma de resistência contra o tempo acelerado no qual vivemos. Logo, me senti muito à vontade com as narradoras, havia me preparado para isso. Sabendo e querendo respeitar esse tempo fora do tempo que as narrativas de história temática ou de vida exigem - até como forma de respeitar esse momento precioso que é quando alguém lhe concede parte da sua história de vida – me permiti uma margem de tempo/dias antes das entrevistas, isso para garantir duas coisas (não necessariamente em ordem de importância, mas de forma simultânea):

**1º O tempo de cada narradora:** entendendo e respeitando suas necessidade, ritmo de vida e o estilo de cada uma.

**2º O tempo de criar intimidade:** criar o mínimo de vínculo que o método pede, - e eu preciso - ter um momento para conhecer um pouco melhor cada uma, ouvir suas dúvidas, ânsias e o que mais quisessem falar (momento que se encontra com o 1º tempo). Consegui isso com quase todas, e obtive ‘confissões’, histórias e conversas valiosas que as câmeras não puderam captar.

Com relação a isso, também percebi o quanto a câmera acaba inibindo as falas, pelo menos, inicialmente. Até porque “Há sempre, por trás da construção de uma narrativa de vida, uma engenharia, um fazer, um conjunto de escolhas que resulta de seleções, articulações, organizações e justificativas que o indivíduo faz sobre si e sobre os outros [...]” (Worcman, 2021, p. 53). Então, acredito que as narrativas sendo registradas em audiovisual acabam provocando isso, uma vez que, ‘o registro fica para sempre’. Qual a responsabilidade das palavras que serão ditas ou não? Relembrar e recontar é fazer escolhas o tempo todo.

Por fim, senti ter cumprido minha missão com cada uma dessas mulheres. “A construção da narrativa revela o empenho na relação do narrador com sua história” (Lucena,

2024, p. 53). E poder ter possibilitado que elas narrassem parte de suas trajetórias, (re) afirmassem sua história e preservassem suas narrativas foi uma bonita empreitada. Ouvir nas despedidas frases como: “Você me enxergou”, “Me senti honrada”, “Foi um dia inesquecível”, “Eu estou feliz por esse momento” ... me trouxe o sentimento da realização que me propus desde quando pensei esse produto “não quero entrevistar as pessoas para ‘coletar dados’, mas sim, permitir escutas às suas narrativas”.

#### 5.4 DO PROCESSO TÉCNICO A CRIAÇÃO DA COLEÇÃO

Considero oportuno trazer, mesmo que de forma sucinta, os procedimentos adotados para que o material audiovisual chegasse a se tornar uma coleção. Após a gravação, feita com celular, a próxima etapa foi a edição dos áudios, na qual utilizou-se o aplicativo **DaVinci Resolve 20**, versão gratuita que aceita vários formatos de vídeo, em resoluções de alta qualidade. Para refinamento de áudio (o que permitiu a retirada de ruídos – vento, vozes externas, barulho de carro passando etc.) e transcrição das entrevistas, usou-se **Audacity com o plugin openVINO**, software que também possui versão gratuita.<sup>59</sup>

Com áudios prontos foi necessário criar um canal no YouTube (<https://www.youtube.com/@Mem%C3%B3riasdaBiblioterapia>) para armazenamento dos vídeos, uma vez que no site do Museu da Pessoa, para fazer a guarda em seu servidor, o vídeo precisa ser gravado na hora e ter a duração de 5 min, como mostra a figura 9.

**Figura 9** – Área de gravação de vídeo no site do museu



Fonte: Site do Museu da Pessoa (2025).

<sup>59</sup> Todo processo de edição, efeitos de apresentação e sonoridade foram feitos por Gutemberg Praia Araújo.

Canal do Youtube criado, vídeos indexados com título, sinopse e informações sobre o trabalho foi hora de inserir as narrativas no site do Museu da Pessoa, havendo a necessidade de criar uma conta, cadastrar cada narrativa/pessoa (nome, data e local de nascimento, minibiografia e escolaridade). Para indexar cada vídeo, foi imprescindível atribuir título (sugerido pelas próprias narradoras) e palavras-chaves, podendo ainda acrescentar outras materiais à narrativa, como fotos, links e transcrição da entrevista. Quando os seis (6) vídeos estavam cadastrados, foi a hora da criação da coleção **“Memórias da Biblioterapia pelo Brasil”**, uma forma de as entrevistas estarem reunidas em um mesmo lugar.

Acreditando que “[...] a memória de cada indivíduo é seu próprio museu [...]” Worcman (2021, 44) e feito esse breve relato, nas imagens a seguir apresento a tela inicial da coleção no do acesso à coleção, onde você pode acompanhar em detalhes os relatos de mulheres que me ensinaram sobre o que é fazer pesquisa não sobre, mas com o outro, na construção de um fazer na horizontalidade. São elas: Cidinha Pardini, Clarice Caldin, Edna Pinheiro, Eny Pires, Nanci Nóbrega e Marília Pereira.

**Figura 10** – Página da coleção “Memórias da Biblioterapia pelo Brasil” no Site do Museu da Pessoa

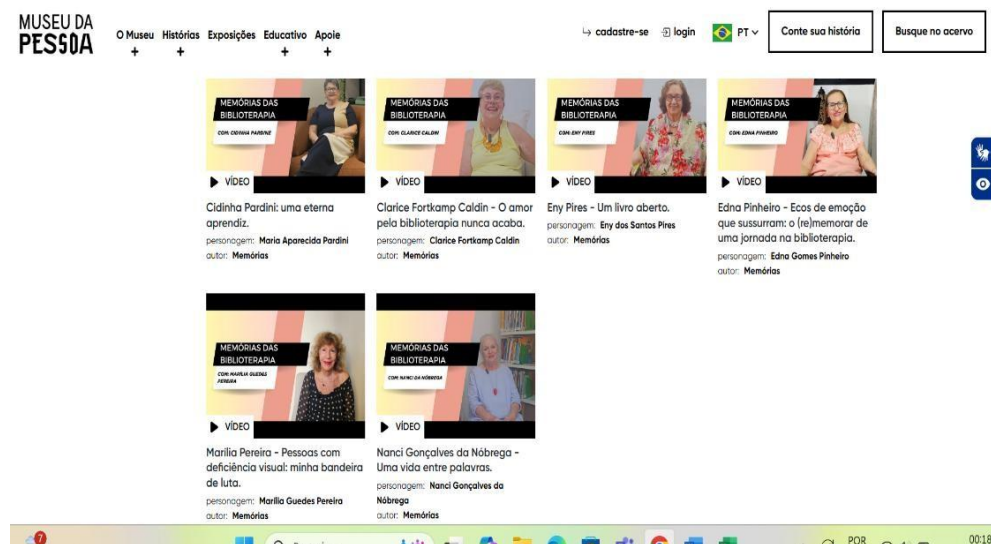


**Fonte:** Site do museu da pessoa (2025).

Uma das vantagens de se trabalhar com as coleções de Histórias Orais no site do Museu da Pessoa é a possibilidade de personalização, seja da coleção ou de cada vídeo, como mostra

a figura 10, referente a capa da coleção criada e a figura 11, referente a capa de cada entrevista concedida.

**Figura 11** – Página da coleção “Memórias da Biblioterapia pelo Brasil” no Site do Museu da Pessoa: narradoras



**Fonte:** Site do museu da pessoa (2025).

Para finalizar essa seção trago Yunes (2002, p. 28) afirmando que “[...] Os homens guardam pouco tempo no seu cotidiano para conhecer ou rememorar o vivido; deveriam fazê-lo não por motivações nostálgicas, mas pelo que aporta a construção da própria identidade [...]”, então, desejo que essas narrativas possam nos inspirar a também pausar, olhar para nossos percursos, observar nossas afinidades e diferenças e propor reflexões sobre o nosso trilhar! Desejo boas sessões!

## 6 CONSIDERAÇÕES PARCIAIS

“É só com histórias contadas que podemos existir” (Brum, 2014).<sup>60</sup>

A escolha por discutir memória e biblioterapia — em especial, o percurso da biblioterapia pelo território brasileiro — está profundamente entrelaçada à minha própria trajetória. A construção desta pesquisa não só me permitiu acessar memórias e histórias das pessoas entrevistadas (em suas formas escrita e oral), como também me permitiu revisitar as minhas próprias práticas e lembranças. Valorizei, ao longo do caminho, não apenas a jornada de cada uma dessas pessoas, mas também a minha. Como diz Rupi Kaur (2017), honrar quem veio antes de mim e que tornaram minha estrada mais leve com suas lutas e persistências — e também reconhecer e agradecer àqueles(as) que sempre estiveram ao meu lado.

Durante esse longo percurso, no qual fui guiada pelos objetivos da pesquisa, considero que os alcançamos, uma vez que o caminho/seção discorrendo sobre os aspectos teóricos e conceituais da biblioterapia e da Memória se fizeram presentes, assim como o longo panorama da situação da biblioterapia, por meio do perfil de profissionais que trabalham com a prática pelo Brasil e por fim o repertório com as narrativas de História Oral Temática das bibliotecárias que possuem uma trajetória significativa para o campo, e porque não dizer, pioneiras no nesse trabalho?!

Relembremos que quanto aos aspectos teóricos, foram evidenciadas as diversas pesquisas sobre o que tem sido publicado academicamente e, sempre que possível, apresentou-se obras e livros que estão sendo lançados, muitas vezes desconhecidos do grande público ou até mesmo de quem pesquisa o tema, além de mostrar, de forma extensa, algumas variáveis do fazer biblioterapêutico pelo Brasil, alcançadas por meio do questionário online e, por fim, conseguiu-se aprofundamento em algumas histórias por intermédio das entrevistas.

Em consequência disso, concluiu-se, que o campo da biblioterapia encontra-se em expansão e tem sido diverso em seu modo de fazer, profissionais envolvidos e público atendido. O uso dos recursos digitais também tem se ampliado. No entanto, continuamos com alguns desafios que nos são antigos, como as regiões norte e centro-oeste sendo as localidades com menos ações voltadas para a prática — embora hoje já haja uma movimentação maior—, a complexidade da conceituação, o “pré-conceito” quanto ao nome. Abriu-se caminho para se

---

<sup>60</sup> A fonte consultada, nesta epígrafe, não é paginada.

pensar sobre a dificuldade de remuneração, a valorização do trabalho e até mesmo a relação da biblioterapia e a economia do cuidado.

A partir do que foi narrado (escrito e oralmente) pode-se, ainda, constatar que a literatura influencia de modo positivo a vida das pessoas que com a biblioterapia atuam, impactando seus percursos pessoais e profissionais. Ao mesmo tempo, pudemos oferecer escuta (como fazemos nos encontros de mediação de biblioterapia) às diversas vozes quanto as suas motivações, desafios e suas histórias com os livros, a leitura e a biblioterapia.

Ao reunir as narrativas de profissionais, contribui-se para a construção de uma identidade coletiva entre as pessoas que atuam com a prática e, a memória social, nesse contexto, funciona como fio condutor que entrelaça vivências individuais, formando um caminho representativo da profissão. Por isso, com esta proposta, busquei também contemplar aqueles(as) que, embora não publiquem em meios acadêmicos, estão ativamente envolvidos(as) na prática da biblioterapia.

Ao dar visibilidade a essas experiências, por meio das entrevistas de História Oral Temática, a pesquisa acessa o que de mais valioso uma pessoa tem, sua história e seu tempo. Acessando memórias que buscam não trazer a verdade absoluta, se é que ela existe, mas compartilhar o que foi significativo nas trajetórias. Elas também fortalecem a legitimação da biblioterapia como uma prática significativa dentro do campo da Biblioteconomia.

Sendo assim, o problema de pesquisa consegue ser visualizado, uma vez que conferimos as narrativas apresentadas por profissionais que atuam com a biblioterapia pelo Brasil, o que mostrou o panorama atual da prática, dentro do que a pesquisa conseguiu alcançar, e registrou a memória do grupo em questão.

Acredita-se que dissertação contribui, tanto para a área de estudo — proporcionando o mapeamento dos caminhos, reflexões e possibilitando novos estudos —, quanto para a sociedade — contribuindo para a promoção da saúde, por meio dos fazeres dessas(es) profissionais, como muito foi mencionado, seja no âmbito educacional, cultural ou social—.

Ouaknin (2016) ao concluir a introdução de seu livro ‘Biblioterapia’ - refletindo sobre as escolhas que fundamentam seu pensamento sobre o tema - Afirmando: “Uma tal construção se deve à formação (ou deformação) do autor [...] para fazer crescer outras árvores com outros frutos...”. Nesse mesmo espírito, quero também destacar que essas escritas carregam minhas próprias de/formações, as experiências que me constituíram e me trouxeram até aqui. Reconheço, no entanto, a lacuna existente em minha formação frente à vastidão do caminho do existir e do conhecer.

Sabendo que nunca esgotaremos (e nem pretendo) o campo do saber, a pesquisa se configura como um degrau no longo e extenso caminho da prática, tendo ciência das limitações e lacuna que perpassam, como a não representatividade de alguns estados que sabe-se que existem trabalhos biblioterapêuticos, espaço, tempo e capacidade (devido a lente com a qual vejo o mundo) de aprofundar as 90 respostas e suas subjetividades dentro de cada item abordado. Tenho ciência de que o tempo ainda trará outros pensares, querereres e fazeres enquanto o que foi vivido vai se acomodando na cabeça e no coração.

Digo ainda que, talvez o que aqui apresentei não seja algo inédito para quem atua com biblioterapia. Ainda assim, é uma tentativa de sistematizar e refletir sobre nossos amores e dissabores, prazeres e incômodos, conquistas e desafios. Acredito que cada ponto abordado neste trabalho possa dar origem a outras pesquisas, mais profundas e específicas. Entendo e defendo que pesquisas sobre biblioterapia, seus/suas mediadores(as) e pesquisadores(as), são fundamentais, especialmente diante do contexto desafiador em que vivemos: uma luta constante contra um sistema hegemônico que insiste em anular nossa humanidade.

Permanece, também, o desejo de que as informações aqui reunidas despertem o interesse pelas histórias de vida das pessoas que participaram da pesquisa e de outras tantas, como forma de celebrar os caminhos construídos por profissionais da área, pois o acervo de narrativas pode servir como base para futuras investigações, permitindo aprofundamentos em estudo da biblioterapia e seus impactos. Afinal, “em meio ao mar de informações e dados, buscamos âncoras narrativas” (Han, 2023, p. 14).

Em conclusão, digo que a biblioterapia é, para mim, uma prática encantadora, com inúmeros benefícios. Mas também reconheço seus desafios, suas lacunas e o vasto caminho ainda a ser percorrido para seu fortalecimento. Essa constatação não vem apenas de mim, mas das muitas vozes que ecoam nesta pesquisa — e de tantas outras que trilham essas veredas.

Apresento essas informações com o intuito de gerar incômodos/vontades (primeiramente em mim mesma) para o desenvolvimento de novas pesquisas, principalmente qualitativas, que contemple as subjetividades e a complexidade do ser, como diz Byung-Chu Han, em seu livro “A crise da narração”: “[...] as informações possuem efeito momentâneo e criam consumidores, mas as narrativas são capazes de se desdobrarem por muito tempo, além de serem formadora de uma comunidade” (Han, 2023), é o que está reverberando em meu ser.

O campo está longe de se esgotar. Pelo contrário: amplia-se a cada dia, sustentado por sua flexibilidade, criatividade e por um propósito essencialmente social.

Que nossas vozes encontrem lugar e espaço para refletirmos, juntas(os), nosso pensar, sentir e fazer. Seguimos na eterna (des)construção. Agradeço a escuta e os diálogos.

## REFERÊNCIAS

A PALAVRA CONTA. [S. l.: s. n], 2011. 1 vídeo (28:26 min). Publicado pelo canal movimentoBlit. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=6vVfeTrSYM8>. Acesso em: 25 ago. 2024.

ALVES, Maria Helena Hees. A aplicação da Biblioterapia no processo de reintegração social. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, v. 15, n. 1/2, jan./jun. p. 54-61, 1982. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/380/354>. Acesso em: 27 set. 2024.

ANDRADE, Lucas Veras de; SILVA, Ana Caroline Oliveira da. Cartografando o panorama da pesquisa em biblioterapia no Brasil: mapa produzido a partir do território da Base Referencial de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação (BRAPCI) e a Plataforma Lattes. **Biblos: Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação**, v. 32, n. 2, p. 68-97, jul./dez. 2018. Disponível em: <https://www.oasisbr.ibict.br/vufind/Record/FURG-34e191e8192b67dfc97d9cee9c12e1d46>. Acesso em: 15 abr. 2024.

BÂ, Amadou Hampâté. A tradição vida. *In: História Geral da África I: metodologia e pré-história da África*. 2. ed. rev. Brasília: Unesco, 2010. p. 167-212.

BAJOUR, Cecília. **Ouvir nas entrelinhas**: o valor da escuta nas práticas de leitura. São Paulo: Pulo do Gato, 2012.

BENTES PINTO, Vírginia. A Biblioterapia como campo de atuação para o bibliotecário. **Transinformação**, Campinas, v. 17, n.1, p. 31-34, 2005. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/3843/384334738003.pdf> Acesso em: 12 nov. 2024.

BOSI, Alfredo. **Céu, inferno**. São Paulo: Editora 34/Duas Cidades, 2003.

BRAGA, Kátia Soares. Aspectos relevantes para a seleção de metodologia adequada à pesquisa social em Ciência da Informação. *In: MULLER, Suzana Pinheiro Machado. Métodos para a pesquisa em Ciência da Informação*. Brasília: Thesaurus, 2007. p. 17-38.

BRITO, Murillo Marschner Alves de. O uso da entrevista na pesquisa empírica. *In: Sesc São Paulo/CEBRAP. Métodos de pesquisa em Ciências Sociais: bloco quantitativo*. São Paulo: Sesc São Paulo/CEBRAP, 2016, p. 32-51.

BRUM, Eliane. **Meus desacontecimentos**: a história da minha vida com as palavras. São Paulo: Leya, 2014.

CALDIN, Clarice Fortkamp. A leitura como função terapêutica: biblioterapia. **Enc. Bibli. R. Eletr. Bibliotecon. Ci. Inf.**, Florianópolis, n. 12, p. 32-44, 2001a. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2001v6n12p32>. Acesso em: 23 abr. 2024.

CALDIN, Clarice Fortkamp. **A poética da voz e da letra na literatura infantil**: leitura de alguns projetos de contar e ler para crianças. 2001b. Orientadora: Odília Carreirão Ortiga. 2001. 323 f. Dissertação (Mestrado em Literatura) - Universidade Federal de Santa Catarina.

Florianópolis, 2001b. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/81866>. Acesso em: 23 mar. 2023.

CALDIN, Clarice Fortkamp. **Biblioterapia: um cuidado com o ser**. 2. ed. Florianópolis: Ed. da autora, 2024.

CALDIN, Clarice Fortkamp. **Leitura e terapia**. 2009. Orientador: Marcos José Müller-Granzotto. 2009. 216 f. Tese (Doutorado em Literatura) - Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2009. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/92575>. Acesso em: 23 mar. 2023.

CANDAU, Joél. **Antropología de la memoria**. Tradução: Paula Mahler. 11 ed. Buenos Aires: Nueva Visión, 2002.

CANDAU, Joel. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2011.

CANDIDO, Antônio. **Vários escrito**. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2004.

CARRASCOZA, João Anzanello. Suíte acadêmica: apontamentos poéticos para elaboração de projetos de pesquisa em Comunicação. **MATRIZES**, v.10, n. 1, jan./abr. São Paulo, 2016. p. 57-65. Disponível em: <https://revistas.usp.br/matrizes/article/view/119467>. Acesso em: 25 mar. de 2023.

CARVALHO, Rayane Figueiredo Silva Moreira; FERREIRA, Júlia Moraes; LEITE, Yasmim de Souza; RIOS, Nathalia Fernanda da Silva Azevedo. Saúde e voluntariado: uma revisão sistemática. **Revista Científica da FMC**. v. 16, n. 2, 2021. p. 98-106. Disponível em: <https://revista.fmc.br/ojs/index.php/RCFMC/article/view/362>. Acesso em: 02 maio 2025.

CLARETIANO CENTRO UNIVERSITÁRIO. **Projeto Político Pedagógico: Biblioteconomia – Bacharelado 2017-2020**. Batatais, SP: [s. n.], 2017. Disponível em: <https://claretiano.edu.br/graduacao/biblioteconomia>. Acesso em: 11 mar 2025.

CLARETIANO CENTRO UNIVERSITÁRIO. **Projeto Político Pedagógico do curso de graduação em Biblioteconomia: Bacharelado modalidade a distância 2022 - 2024**. Batatais, SP: [s. n.]: 2020. Disponível em: <https://claretiano.edu.br/graduacao/biblioteconomia>. Acesso em: 11 mar 2025.

COLASANTI, Marina. **Como se fizesse um cavalo**. São Paulo: Pulo do gato, 2012.

CORREIA, Rayssa Thaynara Madeira. As mulheres na produção do conhecimento sobre Biblioterapia no âmbito da Ciência da Informação. Orientador: Elton Mártires Pinto. Brasília, 2019. 59p. Monografia (Graduação em Biblioteconomia) – Universidade de Brasília, 2019. Disponível em: [https://bdm.unb.br/bitstream/10483/24192/1/2019\\_RayssaThaynaraMadeiraCorreia\\_tcc.pdf](https://bdm.unb.br/bitstream/10483/24192/1/2019_RayssaThaynaraMadeiraCorreia_tcc.pdf) Acesso em: 01 abr. 2025.

CORREA, Adriano Alves; SANTOS, José Luís Guedes dos; ERDMANN, Alacoque Lorenzini. Biblioterapia como tecnologia de cuidado de enfermagem na Estratégia Saúde. **Sau. & Transf. Soc.**, Florianópolis, v.4, n.1, p.39-46, 2013. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/2653/265325753008.pdf>. Acesso em: 13 mar. 2025.

DEMO, Pedro. **Metodologia Científica em Ciências Sociais**. 3. ed. rev. e aum. São Paulo: Atlas, 2018.

ESTÉS, Clarissa Pinkola. **O dom da história**: uma fábula sobre o que é suficiente. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

FACHIN, Odélia. **Fundamentos de metodologia**: noções básicas em pesquisa científica. 6. ed. São Paulo: Saraiva, 2017.

FERREIRA, Danielle Thiago. Biblioterapia: uma prática para o desenvolvimento pessoal. **Educação Temática Digital**, Campinas, v. 4, n. 2, p. 35-47. jun. 2003. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/620/635>. Acesso em: 13 jan. 2023.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez, 1984.

FREITAS, Lídia Silva de; GOMES, Sandra Lúcia Rebel. Quem decide o que é memorável?: a memória de setores populares e os profissionais da informação. *In*: Foro Social de Informação, Documentação, Biblioteconomia. Buenos Aires, 2004. **Anais**. Buenos Aires, 26-28 ago. 2004. 11 p. Disponível em: <http://www.ufpb.br/evento/index.php/enancib2016/enancib2016/paper/view/3967/2298>. Acesso em: 29 set. 2024.

FUEGO, Andréa del. **Os Malaquias**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

GADELHA, Jessica da Silva; TANUS, Gabrielle Francinne de S.C. Biblioterapia: análise dos artigos indexados na Base de Dados em Ciência da Informação (BRAPCI). **Ci. Inf. Rev.**, Maceió, v. 6, n. 1, p. 159-176, jan./abr. 2019. Disponível em: <https://cip.brapci.inf.br/download/113712>. Acesso em: 09 abr. 2024.

GALLIAN, Dante. **É próprio do humano**: uma Odisseia do autoconhecimento e da autorrealização em 12 lições. São Paulo: Record, 2022.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GODIN, Daniel. **Os dias e os livros**: divagações sobre a hospitalidade da leitura. São Paulo: Pulo do Gato, 2012.

GONDAR, Jô. Cinco proposições sobre memória social. *In*: DODEBEI, Vera; FARIAS, Francisco R. de; GONDAR, Jô (Org.). Por que memória social? **Morpheus: revista de estudos interdisciplinares em memória social**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 15, p. 19-40, 2016. Disponível em: <https://seer.unirio.br/morpheus/article/view/5475>. Acesso em: 29 set. 2024.

GONDAR, Jô. Memória do futuro. **Debates**, UNIRIO, n. 27, n. 2, p. 12-23, 2023. Disponível em: <https://seer.unirio.br/revistadebates/article/view/12883>. Acesso em: 29 set. 2024.

GRIEGER, Leila Rosângela. A biblioterapia como disciplina nos cursos de graduação em Biblioteconomia em Instituições de Ensino Superior do Brasil: uma possibilidade. 180 f. Dissertação (Mestrado em Gestão da Informação) - Centro de Ciências Humanas e da Educação – FAED, da Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC, Florianópolis, 2023. Disponível em: <https://repositorio.udesc.br/entities/publication/1ac90f3b-6410-457b-9c48-fb7cb05a5422>. Acesso em: 23 dez. 2024.

GRIEGER, Leila Rosângela. Biblioterapia no Brasil: um panorama da produção científica no século XXI. 2021, 156 f. Monografia (graduação em Biblioteconomia) - Centro de Ciências Humanas e da Educação, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2021. Disponível em: <https://sistemabu.udesc.br/pergamumweb/vinculos/0000a2/0000a2a0.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2024.

HAN, Byung-Chul. **A crise da narração**. Tradução: Daniel Guilhermino, Petrópolis, RJ: Vozes, 2023.

HAN, Byung-Chul. **O desaparecimento dos rituais**: uma topologia do presente. Tradução: Gabriel Salvi Philipson, Petrópolis: Vozes, 2021.

IZQUIERDO, Ivan. **Memória**. 3 ed. São Paulo: Artmed, 2018.

IZQUIERDO, Ivan. Memórias. **Estudos Avançados**, 3(6), 1989, p. 89-112. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/RySVv73ft5r4qj9KP4F8xcB/?lang=pt>. Acesso em: 23 nov. 2022.

JECUPÉ, Kaká Werá. O poder sagrado das histórias. [S. l.: s. n.], ago. 2021. 1 vídeo (2:05:53). Publicado pelo canal Kaká Werá. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=O3LUUCFuYKk&list=PLVNdqUtnKtMkOalimJf3iMaqPcBLYkt2p>. Acesso em: 05 ago. 2021.

JECUPÉ, Kaká Werá. **Tupã Tenondé**: a criação do universo, da terra e do homem segundo a tradição oral Guarani. São Paulo: Peirópolis, 2001.

LADEIA, Livia Rezende; BEDIN, Jéssica. Panorama da pesquisa em biblioterapia no Brasil: análise dos artigos indexados na Brapci (2018 a 2022). **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, Número especial: Biblioterapia: mediação de textos literários para a interação entre os mediados e a abertura para o diálogo, v. 28, n. 4, p. 1-25, jan./dez., 2023. Disponível em: <https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/2070>. Acesso em: 10 abr 2024.

LOSADA, Analía Verónica. La biblioterapia como recurso terapéutico interdisciplinario. **Revista de Psicología**. 2020. Doi: 10.24215/2422572Xe057 Disponível em: <https://sedici.unlp.edu.ar/handle/10915/102070> Acesso em: 20 maio 2024.

LUCENA, Célia de Toledo. A arte da História Oral: dialogando com a memória. **História Oral**. v. 27, n. 2, p. 37-55, maio/ago. 2024. Disponível em: <https://revista.historiaoral.org.br/index.php/rho/article/view/1478>. Acesso em: 15 jan. 2025.

MANSUR, Heloísa. A biblioterapia me abraçou. *In*: PARDINI, Cidinha; RAMOS, Milena (orgs.). **Mergulho na biblioterapia**: relatos que inspiram. Niterói: Nome próprio, 2024. p. 111-118.

MARIA, Núbia. A biblioterapia em mim. *In*: PARDINI, Cidinha; RAMOS, Milena (orgs.). **Mergulho na biblioterapia**: relatos que inspiram. Niterói: Nome próprio, 2024. p. 183-190.

MARQUES, Ítalo Henriqson; GONÇALVES, Renata Braz. Biblioterapia pediátrica: análise quali-quantitativa da produção em artigos, teses e dissertações brasileiros (1975-2019). **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v. 26, n. 1, p. 1-29, abr./jul., 2021. Disponível em: <https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/1729>. Acesso em: 11 abr. 2024.

MARTINS, Gilberto de Andrade; THEÓFILO, Carlos Renato. **Metodologia da investigação científica para Ciências Sociais Aplicadas**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2018.

MATTOS, Amanda Maia. **Biblioterapia**: a mediação da leitura através dos cursos e oficinas oferecidos no Brasil (2017-2018/1). Orientadora: Dra. Eliane Lourdes da Silva Moro. 2018. 57 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Biblioteconomia) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2018. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/181989>. Acesso em: 23 mar. 2025.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. **Ciênc. saúde coletiva**, 17 (3), mar., 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/39YW8sM QhNzG5NmpGBtNMff/> Acesso em: 15 jan. 2025.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; SANCHES, Odécio. Quantitativo-Qualitativo: oposição ou complementaridade? **Cad. Saúde Públ.**, Rio de Janeiro, 9 (3): 239-262, jul/set, 1993. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/Bgpmz7T7cNv8K9H g4J9fJDb/? Format = pdf & lang=pt> Acesso em: 15 jan. 2025.

MORALES, Magda Ivette Moreno; LANDA, Homero Ávila. La biblioterapia en un grupo de mujeres en situación de violencia: fundamentos conceptuales y balance de intervención. **LiminaR. Estudios Sociales y Humanísticos**, vol. XIX, n. 2, jul-dic, 2021, pp. 214-227. Disponível em: [https://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci\\_arttext& pid=S1665-80272021000200214](https://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext& pid=S1665-80272021000200214) Acesso em: 26 mar. 2025.

MORET, Ronald Tavares Leão; SANTANA, Maria Valquíria Barbosa. Biblioterapia: a leitura e a palavra no empoderamento feminino. **Biblionline**, João Pessoa, v. 15, n. 3, p. 89-94, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/biblio/article/view/49173> Acesso em: 26 mar. 2025.

MUNIZ, Hellen Qualto. **Panorama da biblioterapia no Brasil**: limitações e dificuldades. Orientadora: Andrea Pereira dos Santos. 2019. 83 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Biblioteconomia) - Faculdade de Informação e Comunicação da Universidade Federal de Goiás. Goiânia, 2019. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/items/9d7b8b82-6236-473e-970c-8fe365fae764>. Acesso em: 25 jan. 2024.

NOGUEIRA, Maria Luísa Magalhães; BARROS, Vanessa Andrade de; ARAUJO, Adriana Dias Gomide; PIMENTA, Denise Aparecida Oliveira. O método de história de vida: a exigência de um encontro em tempos de aceleração. **Pesquisas e Práticas Psicossociais**. São

João del Rei, n. 12, p. 446-485. Maio/agos. 2017. Disponível em:  
<https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/68579?locale=es>. Acesso em: 10 abr. 2024.

O LEGADO DA PESQUISA QUALITATIVA - Maria Cecília de Souza Minayo. **Canal: GECES – SIMEDUC**, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2015. Disponível em:  
[https://www.youtube.com/watch?v=41ZazulbD\\_c](https://www.youtube.com/watch?v=41ZazulbD_c) Acesso em: 4 mar. 2025.

ONU MULHERES. No Dia Internacional do Cuidado e Apoio, entenda a importância desse trabalho para a sustentação da sociedade. 29.10.2024. Disponível em:  
<https://www.onumulheres.org.br/noticias/no-dia-internacional-do-cuidado-e-apoio-entenda-o-a-importancia-papel-desse-trabalho-para-a-sustentacao-da-sociedade/> Acesso em: 04 abr. 2025.

OUAKNIN, Marc-Alain. **Biblioterapia**. Tradução: Nicolas Niymi. São Paulo: Loyola, 1996.

PAXE, Abreu. Maka à quarta-feira: a literatura e as instâncias de legitimação (Palestra), set. 2023. 1 vídeo (35:08 min). Publicado pelo canal Dyembu Dyetu - Ciência & Investigação. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9Fg8f5bJIn4>. Acesso em: 25 ago. 2024.

PEREIRA, Marília Mesquita Guedes. **Biblioterapia**: propostas de um programa para portadores de deficiência visual em bibliotecas públicas. João Pessoa: Editora Universitária, 1996.

PINHEIRO, Mariza Inês da Silva; RAMIRES, Daniela Duarte. Biblioterapia: das dissertações e teses aos cursos de Biblioteconomia no Brasil. **Ci. Inf. Rev.**, Maceió, v. 7, n. 1, 153-167, jan./ abr. 2020. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/cir/article/view/8043>. Acesso em: 08 abr. 2024.

PINTO, Ana Margarida Pereira Círculo de biblioterapia lendo o feminino primordial: o início de tudo a gente nunca esquece. *In*: SAMPAIO, Débora Adriano; NUNES, Katty Anne de Souza; DANTAS, Esdras Renan Farias (org.). Narrativas terapêuticas: práticas e perspectivas da biblioterapia. Fortaleza: Cultura & Informação; Juazeiro do Norte: Núcleo INFORMES, 2024. p. 97 – 106. <https://editoraci.com.br/index.php/home/catalog/view/38/42/127>

PIZARRO, Daniella Camara; CHAGAS, Ricardo de Lima; PAULA, Viviane Carolina de Paula. O Discurso do Sujeito Coletivo e o resgate das representações sociais a partir das práticas biblioteconômicas e das pesquisas do PPGINFO. *In*: PIZARRO, Daniella Camara Pizarro, EGGERT-STEINDEL, Gisela; PEREIRA, Ana Maria (org.). **10 anos do Programa de Pós-Graduação em Gestão da Informação**: abordagens e estudos. Florianópolis: Rocha Gráfica e Editora; Selo Nyota, 2023. p. 73-98.

QUEIRÓS, Bartolomeu Campos de. Literatura: leitura de mundo, criação de palavras. *In*: YUNES, Eliana. **Pensar a leitura**: complexidade. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2002. p. 157-161.

KAUR, Rup. **Outros jeitos de usar a boca**. São Paulo: Planeta, 2017.

SEITZ, Eva Maria. Biblioterapia: uma experiência com pacientes internados em clínica médica. Orientador: Francisco Antônio Pereira Fialho. 2000. 95 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) - Universidade Federal de São Catarina, Florianópolis, 2000.

Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/78289>. Acesso em: 10 de ago. 2023.

SEIXAS, Cristiana. Biblioterapia e dança circular: ressonâncias espirais. *In*: SEIXAS, Cristiana (org.). **Quintais da biblioterapia**: experiências na poética do cuidado. Niterói: Nome Próprio, 2020, p. 43-58.

SEIXAS, Cristiana. **Biblioterapia**: cais de sopros vitais. Niterói: Cândido, 2021.

SEIXAS, Cristiana. Memorial de formação: regar raízes. *In*: SEIXAS, Cristiana (Org.). Raízes formativas em biblioterapia: narrar, florir e frutificar. 1 ed. São Paulo: Semente editorial, 2024. p. 13-20

SEIXAS, Cristiana Garcez dos Santos. Vagar sem pressa no esconderijo da vida alada: em busca de alma na educação. Orientadora: Luciana Esmeralda Ostetto. 2018. 205 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal Fluminense, Niterói/RJ, 2028. Disponível em: <http://ole.uff.br/wp-content/uploads/sites/173/2018/09/CRISTIANASEIXASDISSERTA%C7%C3O-MESTRADO-EM-EDUCA%C7%C3OOficial.pdf>. Acesso em: 25 fev. 2020.

SILVA, Carla Sousa da. Biblioterapia no Brasil e na Polônia: distâncias e aproximação a partir da literatura científica. Orientadora: Clarice Fortkamp Caldin. 2017, 105 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Universidade Federal de Santa Catarina, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/179007>. Acesso em: 29 abr. 2024.

SILVA, Valdemir Bezerra. Biblioterapia no Brasil: uma revisão integrativa. Orientadora: Fabiana Coelho Fernandes. 2021. 275 f. Tese (Doutorado em Psicologia Educacional) - Centro Universitário FIEO - UNIFIEO, Osasco, 2021. Disponível em: [https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id\\_trabalho=10990109](https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=10990109) . Acesso em: 25 abr. 2024.

SILVA, Alexandre Magno da. **Características da produção documental sobre biblioterapia no Brasil**. Orientador: Silvio Paulo Botomé. 2005. 122 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/101729>. Acesso em: 26 abr. 2024.

SILVA, Rovilson José da. Oralidade e mediação pedagógica da leitura na escola. *In*: BORTOLIN, Sueli; SANTOS NETO, João Arlindo dos; SILVA, Rovilson José da (org.). **Mediação oral da informação e da leitura**. Londrina: ABECIN, 2015. p. 89-106.

SILVA, Valdemir Bezerra; FERNANDES, Janaína da Silva Gonçalves. Biblioterapia no Brasil: revisão integrativa de literatura de 2019 a 2021. **Revista ACB**, Florianópolis, v. 28, n. 4, p. 1–19, 2023. Disponível em: <https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/2005>. Acesso em: 05 jan. 2025.

SILVA, Vera Lúcia Monteiro Dias da. A biblioterapia... uma “canção” em mim. *In*: PARDINI, Cidinha; RAMOS, Milena (orgs.). Mergulho na biblioterapia: relatos que inspiram. Niterói: Nome próprio, 2024. p. 225-233.

SOUSA, Laiana Ferreira de. Práticas informacionais terapêuticas e a resiliência informacional. 2022. 211 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/24191>. Acesso em: 15 nov. 2024.

SOUSA, Laiana Ferreira de; CALAVCANTE, Lidia Eugenia. A biblioterapia como estratégia de promoção do bem-estar socioemocional na universidade. *In: XXIV ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO*, nov. 2024. *Anais...* Disponível em: <https://enancib.ancib.org/index.php/enancib/xxivenancib/paper/view/2556>. Acesso em: 13 jan. 2025.

SOUSA, Thais Caroline da Silva; SANTOS, Andréa Pereira; RAMOS, Rubem Borges Teixeira. Ações e projetos de biblioterapia: uma revisão de literatura brasileira. *In: XXV CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO*, 25, 2013, Florianópolis. *Anais...* Florianópolis: CBB, 2013. v. 25, p. 2 - 16. Disponível em: <http://repositorio.febab.org.br/files/original/8/2388/1500-1513-1-PB.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2024.

SOUZA, Nauanna Ribeiro. **A prática da biblioterapia no Brasil**: levantamento bibliográfico na base de dados referencial de artigos periódicos em Ciências da Informação (BRAPCI). Orientador: Fernando Bittencourt dos Santos. 2022, 78 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Biblioteconomia e Documentação) – Departamento de Ciência da Informação da Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2022. Disponível em: <https://ri.ufs.br/handle/riufs/16279>. Acesso em: 13 de jan. 2025.

TECNOLOGIA social da memória: para comunidades, movimentos sociais e instituições registrarem suas histórias. [S.l., s.n.]. Disponível em: [https://acervo.museudapessoa.org/public/editor/livro\\_tecnologia\\_social\\_da\\_memoria.pdf](https://acervo.museudapessoa.org/public/editor/livro_tecnologia_social_da_memoria.pdf). Acesso em 14 dez. 2022.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA. **Projeto Pedagógico do Curso de Biblioteconomia (bacharelado)**. Porto Velho: UNIR, 2018. Disponível em: <http://www.biblioteconomia.unir.br/portal/wp-content/uploads/2018/12/PPC-COMPLETO.pdf>. Acesso em: 11 mar 2025.

WORCMAN, Karen. Quem Sou Eu? Memória e narrativa no Museu da Pessoa. Orientador Gilson Schwart. 2021, 299 f. Tese (Doutorado em Humanidades, Direitos e Outras Legitimidades) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021. Disponível em: [https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8161/tde-04072022-165147/publico/2021\\_KarenWorcmann\\_VOrig.pdf](https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8161/tde-04072022-165147/publico/2021_KarenWorcmann_VOrig.pdf) Acesso em: 23 set. 2023.

VALLEJO, Irene. **O infinito e o junco**: a invenção dos livros no mundo antigos. Tradução: Ari Roitman, Paulina Wacht. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2022.

VINUTO, Juliana. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. *Temáticas*, Campinas, SP, v. 22, n. 44, p. 203–220, 2014. DOI: 10.20396/tematicas.v22i44.10977. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/tematicas/article/view/10977>. Acesso em: 20 abr. 2020.

YEPES, Santiago Velásquez; ESTRADA, Jerónimo Arroyave. Memória em Biblioteconomia: uma abordagem. *In: DUQUE-CARDONA, Natalia (Org.). Linguagem, memória e*

**informação:** fundamentação para a Biblioteconomia e Ciências da Informação desde Abya Yala. Florianópolis: Selo Nyota; Rocha, 2023. p. 225–244.

YUNES, Eliana. Dados para uma história da leitura e da escrita. *In*: YUNES, Eliana. **Pensar a leitura:** complexidade. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2002. p. 52-59.

YUNES, Eliana. Introdução. *In*: YUNES, Eliana. **Pensar a leitura:** complexidade. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2002. p. 17-32.

ZILBERMAN, Regina. **Fim do livro, fim dos leitores?** São Paulo: Editora Senac, 2001.

## APÊNDICE A - INSTRUMENTOS DE COLETA

### QUESTIONÁRIO: PRÁTICAS EM BIBLIOTERAPIA

#### Bloco I - Informações pessoais

Nome completo:

E-mail:

Faixa etária:

20 a 30 anos

31 a 40 anos

41 a 50 anos

51 a 60 anos

60 anos a mais

Cidade/Estado:

#### Bloco II - Afetações literárias

Uma narrativa (oral ou escrita) que mexeu profundamente com você:

Um livro que não pode faltar em sua biblioteca pessoal:

Como você chegou na biblioterapia?

Qual o impacto da biblioterapia na sua vida?

De que forma ocorre seu envolvimento com a biblioterapia?

Estudos acadêmicos/científicos sobre a temática

Atuação prática

#### Bloco III - Formação/Qualificação

Qual sua formação acadêmica?

Exemplo: Graduação em Biblioteconomia, Ensino Médio ou outros.

Você realizou algum curso de biblioterapia? Se sim, qual?

Você realizou outras formações que considere importante para sua prática com a biblioterapia?

Você tem alguma publicação sobre a biblioterapia?

Sim  Não

Se não, qual a dificuldade encontrada para produzir?

Se sim, cite uma produção sua que considere significativa para quem pesquisa a temática.

Um trabalho que considera base para quem estuda biblioterapia.

Em poucas palavras, nos diga o motivo de considerar os estudos e as práticas sobre/de biblioterapia pertinentes.

#### Bloco IV - Prática em biblioterapia

Caso você não aplique a biblioterapia, pedimos para inserir a resposta "Não se aplica".

Como tem sido sua prática com a biblioterapia?

Em qual ano você iniciou a aplicação da biblioterapia?

Quais os desafios você encontrou pelas veredas da biblioterapia?

Com quais públicos você trabalha?

Quais materiais você utiliza na condução do trabalho?

Como são executadas as práticas de biblioterapia?

- Voluntariado
- No ambiente de trabalho (vínculo empregatício)
- De forma autônoma e remunerada
- Outros
- Se tiver vínculo com uma instituição, nos informe qual.

De que forma você executa a biblioterapia?

- Online  Presencial

Você tem interesse em gravar uma entrevista para nossa pesquisa? Se sim, deixe seu telefone para contato.

Espaço para deixar outras informações que considera relevantes, caso queira.

## **APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)**

### **TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)**

Este documento se chama Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Este TCLE se refere à pesquisa de mestrado intitulada **“MEMÓRIAS DA BIBLIOTERAPIA NO BRASIL: HISTÓRIAS DE VIDA DE PROFISSIONAIS EM BIBLIOTECONOMIA”**, que tem como objetivo geral: “Repertoriar as histórias de vida de pessoas bibliotecárias que atuam com a biblioterapia, a fim que suas narrativas componham a memória social do grupo de pessoas que atuam com essa temática no Brasil”.

Além de ter como objetivos específicos:

- . percorrer sobre os aspectos teóricos e conceituais da biblioterapia e da Memória;
- . apresentar um panorama do perfil de profissionais das várias áreas do conhecimento que trabalham com a biblioterapia no Brasil;
- . mapear as pessoas bibliotecárias que atuam com a biblioterapia no Brasil;
- . identificar as narrativas em torno do livro, da leitura, da literatura e da biblioterapia nas histórias de vida das pessoas bibliotecárias;
- . compor uma coleção audiovisual no site do Museu da Pessoa com as Histórias de Vida dos profissionais em Biblioteconomia que atuam com a biblioterapia no Brasil.

Você está sendo convidado(a) a participar da primeira fase da pesquisa, a qual será realizada por meio de um questionário online, constituído por 5 blocos, totalizando 26 perguntas. Estima-se que você precisará de aproximadamente 15 minutos. A precisão de suas respostas é determinante para a qualidade da pesquisa.

Você poderá solicitar à pesquisadora do estudo uma versão deste documento a qualquer momento pelo e-mail registrado no final deste termo.

Você não será remunerado, visto que sua participação nesta pesquisa é de caráter voluntário. Caso decida desistir da pesquisa você poderá interromper o questionário e sair do estudo a qualquer momento, sem nenhuma restrição ou punição. Assim como, lhe cabe o direito de não responder as perguntas com as quais você não se sentir à vontade.

A pesquisadora garante e se compromete com o sigilo e a confidencialidade de todas as informações fornecidas por você para este estudo. Da mesma forma, o tratamento dos dados

coletados seguirá as determinações da Lei Geral de Proteção de Dados (LGPD – Lei 13.709/18).

Destacamos ainda os riscos e benefícios que a pesquisa pode ocasionar, a saber:

**RISCOS:** São riscos, mínimos, mas existentes, de vazamento de respostas, temos ciência também das limitações tecnológicas que, podem ser desde falta de internet até a inabilidade em utilizar a ferramenta escolhida.

**BENEFÍCIOS:** O ganho que o grupo que atua com a biblioterapia terá com esse trabalho, por registrar um pouco da sua memória. Além da valorização das pessoas e do trabalho realizado, possibilitando às mesmas colocarem suas histórias/voz no mundo, dando essa oportunidade de fala para quem contribui tanto com a sociedade a tornando um pouco melhor pela prática do cuidado por meio da literatura.

No rodapé encontra-se o endereço do Comitê de Ética e Pesquisa/CEP no qual a pesquisa está em análise.

---

Assinatura do(a) participante

Informações para contato com a pesquisadora:

Tefefone e *WhatsApp*: (92) 99217-5691

E-mail: [katty.nunes@aluno.ufca.edu.br](mailto:katty.nunes@aluno.ufca.edu.br)

Para quaisquer consultas à informações sobre a pesquisa, disponibilizamos o endereço e contatos do Comitê de Ética em Pesquisa/CEP com Seres Humanos da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Cariri.

Localizado na Rua Divino Salvador, 284, Bairro Rosário. Barbalha/CE - Cep. 63180-000 –

Telefone: (88)32219606      Email: [cep@ufca.edu.br](mailto:cep@ufca.edu.br).

**APENDICE C – ROTEIRO SEMIESTRUTURADO PARA ENTREVISTA DE  
HISTÓRIA DE ORAL**

1. Qual seu nome, sua idade e de que cidade você fala?
2. Descreva a relação com os livros e a leitura durante a sua infância?
3. Quais eram as tuas brincadeiras favoritas?
4. Você gostava de ouvir histórias? Alguém as contava para você?
5. Como se deu a relação com a literatura na adolescência?
6. Como se deu o percurso da sua escolha profissional?
7. Qual foi o seu primeiro contato com a biblioterapia e em que período da sua vida isso ocorreu?
8. Como cultivou ou inspirou esse amor pela literatura na vida das pessoas?
9. Por que decidiu trabalhar com a biblioterapia, encontrou desafios nesse processo?
10. Como foi para você contar parte da sua história na presente oportunidade?

## **APENDICE D - TERMO DE USO DE IMAGEM E SOM DE VOZ**

### **PARTICIPANTE:**

Nome:	Endereço:
RG:	Telefone:
Data de Nascimento:	Profissão:

### **INFORMAÇÕES AO PARTICIPANTE:**

Este Termo de uso de imagem e som de voz se refere à pesquisa de mestrado intitulada “MEMÓRIAS DA BIBLIOTERAPIA NO BRASIL: HISTÓRIAS DE VIDA DE PROFISSIONAIS EM BIBLIOTECONOMIA”, que tem como objetivo geral: “Repertoriar as histórias de vida de pessoas bibliotecárias que atuam com a biblioterapia, a fim que suas narrativas componham a memória social do grupo de pessoas que atuam com essa temática no Brasil”. E como objetivos específicos pretende: a) discorrer sobre os aspectos teóricos e conceituais da biblioterapia e da Memória; b) apresentar um panorama do perfil de profissionais das várias áreas do conhecimento que trabalham com a biblioterapia no Brasil; c) mapear as pessoas bibliotecárias que atuam com a biblioterapia no Brasil; d) identificar as narrativas em torno do livro, da leitura, da literatura e da biblioterapia nas histórias de vida das pessoas bibliotecárias; e) compor uma coleção audiovisual no site do Museu da Pessoa com as Histórias de Vida dos profissionais em Biblioteconomia que atuam com a biblioterapia no Brasil.

Você está sendo convidada a participar da segunda fase da pesquisa, que consistirá em ceder uma entrevista semiestruturada (roteiro pré-definido, mas que dá margem para flexibilidade no processo) de histórias de vida, no formato audiovisual, *in loco*, para compor a pesquisa e conseqüentemente o acervo virtual do Museu da Pessoa.

Sobre os riscos: Entrevistas desse tipo, que rememoram o passado, podem mexer com as emoções da pessoa entrevistada, uma vez que as entrevistas de história de vida lidam com a subjetividade. Destaca-se que para minimizá-los optamos por explicar do que se trata a pesquisa e sua importância para a área do conhecimento e para a sociedade, decidimos ainda apresentar o roteiro antes da gravação, escolher um momento em que o(a) entrevistado(a) esteja bem e disposto a participar, buscaremos assegurar um espaço acolhedor para que possa se expressar, seja no que se refere a dúvidas e questionamentos, ou mesmo durante as respostas.

Sobre os benefícios: Acredita-se que alguns dos benefícios, ressaltamos o ganho que o grupo que atua com a biblioterapia terá com esse trabalho, por registrar um pouco da sua memória. Além da valorização das pessoas e do trabalho realizado, possibilitando às mesmas colocarem suas histórias/voz no mundo, dando essa oportunidade de fala para quem contribui tanto com a sociedade a tornando um pouco melhor pela prática do cuidado por meio da literatura.

### **PESQUISADORA:**

Pesquisadora **Katty Anne de Souza Nunes**, sediada na Rua Primeiro de Maio, 1022, Juazeiro do Norte/CE, tendo como contatos: Informações para contato: telefone (92) 99217-

5691 e email [katty.nunes@aluno.ufca.edu.br](mailto:katty.nunes@aluno.ufca.edu.br), vinculada à Universidade Federal do Cariri (UFCA).

Eu, \_\_\_\_\_, de posse do **TERMO DE USO DE IMAGEM E SOM DE VOZ**, após ter ciência e entendimento quanto aos objetivos, riscos e benefícios que essa pesquisa poderá trazer e métodos que serão usados para a coleta de dados; e por estar ciente da necessidade da **gravação de história de vida para a pesquisa**, AUTORIZO, por meio deste termo, que a pesquisadora capture fotografia e/ou filmagem e/ou gravação de voz de minha pessoa para fins EXCLUSIVOS da referida pesquisa científica e materiais derivantes dela.

Esta AUTORIZAÇÃO foi concedida mediante o compromisso da pesquisadora citados em garantir-me que:

1. os dados coletados serão usados exclusivamente para gerar informações para a pesquisa aqui tratada e outras publicações científicas e acadêmicas dela decorrentes;
2. terei minha história de vida preservada, de modo que possa ser transmitida às futuras gerações, auxiliando na preservação e divulgação da história da biblioterapia;
3. terei acesso gratuito à gravação, caso a solicite, além da versão final de toda e qualquer forma de reprodução ou obra realizada a partir de meu depoimento, materiais e documentos cedidos à pesquisa;
4. a utilização das informações geradas pela pesquisa para qualquer outra finalidade não especificada no TCLE somente poderá ser feita mediante minha autorização;
5. a interrupção de minha participação na pesquisa poderá ser feita a qualquer momento, sem nenhum ônus, mediante mera comunicação à pesquisadora responsável;

Valido esta autorização assinando este documento em duas vias de igual teor e forma, ficando uma em minha posse.

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_,  
Local e data

\_\_\_\_\_  
Assinatura do Participante da Pesquisa

\_\_\_\_\_  
Assinatura da Pesquisadora Responsável

Para quaisquer consultas à informações sobre a pesquisa, disponibilizamos o endereço e contatos do Comitê de Ética em Pesquisa/CEP com Seres Humanos da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Cariri.

Localizado na Rua Divino Salvador, 284, Bairro Rosário. Barbalha/CE - Cep. 63180-000 –  
Telefone: (88)32219606 Email: [cep@ufca.edu.br](mailto:cep@ufca.edu.br)

## APÊNDICE E – PARTICIPANTES DA PESQUISA E SUAS PUBLICAÇÕES<sup>61</sup>

<b>Artigos</b>	
Ricardo Luiz de Souza; Taline de Almeida Silva; Érika Vanessa S. Freire.	Literapia: o efeito humanizador e terapêutico dos textos literários.
Lucas Veras de Andrade.	Cartografia de um devir: o movimento de tornar-se bibliotecário aplicador de biblioterapia.
Adriana Valéria da Silva Freitas; Carla Sousa.	20 obras com a temática do envelhecimento e da velhice para serem usadas em práticas de Biblioterapia e Mediação da Leitura Literária.
Pamela Oliveira Assis; Raquel do Rosário Santos; Ana Claudia Medeiros de Sousa.	Entrelaces da Biblioterapia e da Mediação da Leitura: uma análise das entrevistas concedidas à Rede Mediar.
Andrea Pereira Santos; Natália Rocha; Larissa Andrade B. Cavalcanti.	Prática de biblioterapia no Brasil e no exterior: principais experiências com a terapia pela leitura a partir da década de 1980.
Darlei De Paula.	Literatura como Recurso Terapêutico.
Evandro Jair Duarte; W B Viana; Clarice Fortkamp Caldin.	Biblioterapia e Teoria do Efeito Estético: diálogos interdisciplinares.
Sueli Bortolin; Sandra da Silva.	Biblioterapia no âmbito hospitalar.
Natasha Coutinho Ribeiro; Lück, Esther Hermes Revoredo.	A biblioterapia como recurso auxiliar no desenvolvimento de crianças com transtorno do espectro autista (TEA).
Maria Isabel F. Calheiros; Vanessa Ferry de O. Soares; Francisca Leite Mota; Luciano D. Bueno.	Anjos do HUPAA: ações de humanização desenvolvidas por grupo de contadores de histórias em um hospital de ensino e assistência.
Maria Aparecida Pardini; Terezinha Regina Lorenzon Rodrigues.	Biblioterapia: uma janela aberta para horizontes saudáveis.
Francisco das Chagas Mesquita de Queiroz.	Biblioterapia: uma experiência de leitura com valor terapêutico.
Diego Leonardo; Carlos Lima da Silva Junior.	Relato de experiência sobre o projeto de extensão do IFAM em parceria com o “Nem Todo Herói usa capa, alguns leem livros”.
Maryse Azevedo dos Santos; Suely Oliveira Moraes Marquez.	A contribuição da biblioterapia no tratamento de pacientes internados em unidades hospitalares
Eva Maria Seitz.	Biblioterapia: uma experiência com pacientes internados em Clínica Médica
Edna Gomes Pinheiro.	Entre o sonho e a realidade: a leitura como produção de sentidos no contexto do câncer infantil.
Leila Rosângela Grieger Daniella Camara Pizarro.	A ética na atuação do bibliotecário na mediação da biblioterapia.
Liège Maria Martins Knoche.	Contar, ler e brincar: a importância da contação e da leitura de histórias aliadas ao lúdico como agentes transformadores da rotina hospitalar
<b>Livros</b>	
Cristiana Seixas.	Biblioterapia: cais de sopros vitais.
Cidinha Pardini.	Eu e a biblioterapia: uma história de amor.
Ilma Rosa dos Santos Silva.	Recomeços Diários.
Eny dos Santos Pires.	Páginas abertas, biblioterapia em Arte, Educação e Saúde: uma abordagem transgeracional.
Caroline Costa N. Lima.	Biblioterapia de Desenvolvimento.

<sup>61</sup> Nas publicações realizadas em dupla, trio... nem sempre todas as pessoas responderam à pesquisa, mas referenciamos devido a publicação.

Marília Guedes Pereira.	Biblioterapia: proposta de um programa de leitura para portadores de deficiência visual em Bibliotecas Públicas.
<b>Capítulo de Livros</b>	
Marina Nogueira Ferraz	Biblioterapia: convite ao diálogo. <i>In: Lúcia Maria Moreira Dumont; Ismael Lopes Mendonça. (Org.). Leitor, leitura e seus contextos: livro de estudos. 1ed. Florianópolis: Gráfica Rocha e Editora (Selo Nyota), 2021, p. 107-127</i>
Nanci Gonçalves da Nóbrega.	A arte de ativar o lume: biblioterapia e mediação. <i>In: Cultura, conhecimento e mediação de saberes em saúde: diálogos da informação e da educação popular / Regina Maria Marteleto; Helena Maria Scherlowski Leal David (org.). – Rio de Janeiro: IBICT, 2021. – (Coleção PPGCI 50 anos) p. 199 – 220.</i>
Ana Carolina Dias Cruz.	Digerindo cobras. <i>In: SEIXAS, Cristiana (org.). Quintais da Biblioterapia 2. Niterói: Cândido, 2022. p. 14-21.</i>
Rosângela Gomes Piedade.	Camila Camomila. <i>In: SEIXAS, Cristiana (org.). Quintais da Biblioterapia 2. Niterói: Cândido, 2022. p. 104-111.</i>
Gilce Francisca Primak Niquetti.	Meu Encontro com a Biblioterapia. <i>In: SEIXAS, Cristiana (org.). Quintais da Biblioterapia 2. Niterói: Cândido, 2022. p. 80-89.</i>
Dionéia da Silva Tozzi.	Espelho. <i>In: SEIXAS, Cristiana (org.). Quintais da Biblioterapia 2. Niterói: Cândido, 2022. p. 77 -78.</i> Descobertas. <i>In: SEIXAS, Cristiana (org.). Quintais da Biblioterapia 2. Niterói: Cândido, 2022. p. 79-81.</i>
Cristina Zanferrari	Rodas de Literapia, publicado em livro da área de estudos sobre envelhecimento humano.
<b>Apresentação em eventos</b>	
Maria Vandineide Teles Silva	Biblioterapia: a terapia através dos livros para os pacientes internos no HUSE.
Cidinha Pardinhi	BIBLIOTERAPIA: encontro perfeito entre o Bibliotecário, o livro e o leitor no processo de cura através da leitura. Estamos preparados para essa realidade?
Karin Vanelli.	Pode a Biblioterapia ser Crítica?
<b>TCC</b>	
Hellen Qualto Muniz	Panorama da biblioterapia no Brasil: limitações e dificuldades. 2019. 83 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Faculdade de Informação e Comunicação, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2019
<b>Tese</b>	
Laiana Ferreira de Sousa	Práticas Informacionais Terapêuticas e a Resiliência Informacional
<b>Publicação em sites</b>	
Vicente Luís de Castro Pereira	No site do Colégio Stockler: <a href="https://stockler.com.br/publicacoes">https://stockler.com.br/publicacoes</a> , na área de publicações, é possível acessar o catálogo do <b>Projeto Marés</b> , com vivências biblioterapêuticas realizadas com alunos do Ensino Médio em viagens pelo Brasil, com jornadas aliando Biblioterapia, Escrita Terapêutica, Arteterapia e princípios da Psicologia Arquetípica de James Hillman. Além do catálogo com textos descritivos sobre a fundamentação teórica e a aplicação prática, exemplificada por produções de adolescentes, há matérias específicas nos vários números da revista periodicamente publicada pela instituição.

## APÊNDICE F – LIVROS E HISTÓRIAS QUE MARCARAM AS PESSOAS DA PESQUISA

<b>Autoria</b>	<b>Título</b>
Marina Colasanti	A moça tecelã
Clarissa Pinkola Estes	Mulheres que correm com os lobos
Clarissa Pinkola Estes	Ciranda das mulheres sábias: ser velha enquanto jovem e ser jovem enquanto velha.
Guimarães Rosa	Grande sertão: veredas
Antoine de Saint-Exupéry	O Pequeno Príncipe
Clarice Lispector	Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres
Clarice Lispector	Felicidade Clandestina
Clarice Lispector	Perto do coração selvagem
Bartolomeu Campos de Queirós	Até Passarinho Passa
Bartolomeu Campos de Queirós	O olho de vidro do meu avô
Carlos Drummond de Andrade	Cidadezinha qualquer
Carlos Drummond de Andrade	Sentimento do mundo
Domenico Falco	O explorador
Matt Haig	Biblioteca da meia-noite
Blandina Franco e José Carlos Lollo	Ernesto
Louise Hay	Você pode mudar sua vida
Matheus Jacob	Homem que sente
Elizabeth Gilbert	Comer, rezar e amar
Leo Cunha	Infinitos
Delia Owens	Um lugar bem longe daqui
Rubem Alves	A Menina e o pássaro Encantado
Helena Ferrandiz	O casaco de Pupa
Jonathan Livingston Seagull	Fernão Capelo Gaivota
Vitor Hugo	Os Miseráveis
Ziraldo	Flicts
Paulo Mendes Campos	Para Maris da Graça
José Mauro de Vasconcelos	Meu pé de laranja lima
Laura Esquivel	Tão veloz como o desejo
Shel Silverstein	A árvore Generosa
Jojo Moyes	Um caminho para a liberdade
Fannie Flagg	Tomates verdes fritos
Márcio Vassallo	A fada afillhada
Adelaide Carraro	O estudante
Valter Hugo Mãe	Ser o que se pode é a felicidade
Hans Christian Andersen	A pequena vendedora de fósforos
Ana Claudia Quintana Arantes	A morte é um dia que vale a pena viver
João Cabral de Melo Neto	Morte e vida Severina
Wuthering Heights	O Morro dos Ventos Uivantes
Dalva Maria Soares	Para diminuir a febre de sentir
Adélia Prado	Filandras
Marc-Alain Ouaknin	Biblioterapia
Spencer Johnson	Quem mexeu no meu queijo
Kafka	A metamorfose
Conan Doyle	O sinal dos quatro
Alex Michaelides	A paciente silenciosa
John Bunyan	O peregrino
Bradley Trevor Greive	O sentido da vida
Bernardo Cho	O enredo da salvação

Sônia Junqueira	O Peixe Pixote
Lygia Bojunga	Corda Bamba
Khaled Hosseini	O caçador de pipas
Isabella Sa	A pedra no caminho - história infantil
Monteiro Lobato	Negrinha
Rubem Alves	A pipa e a flor
<b>Gêneros textuais ou um texto</b>	
	Poesia
	Contos de fadas
Rubem Alves	Crônicas
Viviane Mosé	Receita para arrancar poema preso
Cecília Meireles	Canção (poema)
Clarice Lispector	Amor (conto)
Conceição Evaristo	Ana Davenga
Conceição Evaristo	Vozes Mulheres (poema)
João Carraschoza	Aquela água toda (crônica)
Isaac Asimov	O primeiro capítulo do livro "Eu, robô" (Robbie)
Martha Medeiros	A arte de Viver (crônica)
Alberto Caeiro (Fernando Pessoa)	Para além da curva da estrada
Walcir Monteiro	Histórias de visagens
<b>Estórias/Fábulas</b>	
	Vasalisa a sabida
	O Patinho Feio
	A Raposa e as Uvas
	O leão e o ratinho
	Três Porquinhos
	Histórias que os avós contavam, a mistura do real com o imaginário...
	A história de vida do meu avô, um homem que recebeu uma maldição que afetaria as próximas gerações de sua família.
	Os causos que minha avó contava antes de dormirmos
	Causos da minha infância, que meu pai contava
<b>Frases/trechos</b>	
Cecília Meireles	Aprendi com as primaveras a deixar-me cortar e a voltar sempre inteira
Aristóteles. Arte poética: texto integral. São Paulo: Martin Claret, 2006.cap. 9, não paginado.	"[...] não compete ao poeta narrar exatamente o que aconteceu; mas sim o que poderia ter acontecido, o possível, segundo a verossimilhança ou a necessidade. [...] a poesia é mais filosófica e de caráter mais elevado que a história, porque a poesia permanece no universal e a história estuda apenas o particular."
Clarice Lispector	"Sou como você me vê...posso ser leve como uma brisa ou forte como uma ventania, depende de quando e como você me vê passar..."
GERSÁO, 2000, p.27.	Um dia olhei uma figura, e as letras em baixo, e novamente a figura. E então as letras, tornei a olha-las correram ajuntar-se em molhos. Cada molho era uma coisa...assim com tudo que aparecia em minha frente, rótulos de garrafas, caixas de fósforos, latas de sardinhas, letreiros de lojas, nomes de ruas nas paredes. Passei a ler pedaços do almanaque, uma coisa aqui outra ali.

APÊNDICE G - CATÁLOGO DA COLEÇÃO AUDIOVISUAL MEMÓRIAS DA BIBLIOTERAPIA PELO  
BRASIL

# Catálogo

**Memórias da Biblioterapia pelo  
Brasil: narrativas de bibliotecárias  
para o Museu da Pessoa**

**Katty Anne de Souza Nunes**

**Universidade Federal do Cariri  
Programa de Pós-Graduação em Biblioteconomia  
Mestrado Profissional**

## Apresentação

Seja bem-vinda, seja bem-vindo!

Este catálogo, intitulado “**Memórias da Biblioterapia pelo Brasil: narrativas de bibliotecárias para o Museu da Pessoa**”, é uma das formas de divulgar a coleção audiovisual de entrevistas de História Oral Temática realizadas com mulheres bibliotecárias que possuem uma significativa trajetória na biblioterapia, em diferentes regiões do Brasil.

A coleção é fruto da dissertação “**Trilhares da Biblioterapia pelo Brasil: trajetórias de profissionais em movimento**”, desenvolvida por Katty Anne de Souza Nunes, sob orientação do professor Dr. Jucieldo Alexandre, no Programa de Pós-Graduação em Biblioteconomia da Universidade Federal do Cariri (PPGB/UFCA).

A pesquisa teve como objetivo principal apresentar como a prática da biblioterapia tem sido desenvolvida pelo Brasil, isso, a partir das narrativas de profissionais atuantes na área e, um dos objetivos específicos, que equivale ao produto da pesquisa, foi registrar e dar visibilidade às narrativas orais de algumas pessoas bibliotecárias relevantes para a prática da biblioterapia nesse território.

As entrevistas foram realizadas em fevereiro de 2025, em quatro cidades e quatro estados brasileiros: João Pessoa (PB), Rio de Janeiro (RJ), Araraquara (SP) e Florianópolis (SC).

Por meio do QR code disponível nas próximas páginas, você poderá acessar as histórias narradas por seis (6) profissionais, no que se refere a relação de cada uma com os livros, à leitura e à biblioterapia. As narradoras são elas: Clarice Fortkamp Caldin, Edna Gomes Pinheiro, Eny dos Santos Pires, Maria Aparecida Pardini (Cidinha), Marília Guedes Pereira e Nanci Gonçalves da Nóbrega.

Desejamos que você tenha encontros significativos com as histórias dessas mulheres.

Um grande abraço!

## Narradoras



Nascida em Araraquara/SP. Bibliotecária, Psicanalista, Biblioterapeuta, escritora/ Membro da Academia Araraquarense de Letras. Líder do Grupo de Escritoras do MEA - Mulheres Empreendedoras de Araraquara.



*Cidinha*  
PARDINI



*Clarice*  
CALDIN

Nascida em Florianópolis/SC. Graduada em Biblioteconomia, Mestre e Doutora em Literatura. Professora Aposentada (Universidade Federal de Santa Catarina) desde julho de 2020.



Nascida em Fortaleza/CE. Residente em João Pessoa/PB. Graduada em Biblioteconomia, Mestre e Doutora em Ciência da Informação. Professora Associada do Departamento de Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba.



*Edna*  
PINHEIRO

## Narradoras



Nascida no Rio de Janeiro/RJ. Professora e Bibliotecária aposentada. Especialista em Arteterapia e Biblioterapeuta. Contadora de histórias e voluntária do Lar Fabiano de Cristo.



*Eny*  
PIRES



*Marília*  
PEREIRA

Nascida em João Pessoa/PB. Graduada em Biblioteconomia. Especialista em Sistemas de Bibliotecas. Mestre em Ciência da Informação. Bibliotecária aposentada da Biblioteca da Universidade Federal da Paraíba.



Nascida no Rio de Janeiro/RJ. Pós-Doutora em Letras, Mestre e Doutora em Ciência da Informação. Professora aposentada da Universidade Federal Fluminense. Professora de Cursos Livres nos temas Biblioterapia, Narrativas e Arquétipos.



*Nanci*  
NÓBREGA

# Nossos Contatos

## Memórias da Biblioterapia



memoriasdabiblioterapia@gmail.com



<https://www.youtube.com/@memoriasdabiblioterapia>



Museu da Pessoa: Coleção Memórias da Biblioterapia



WhatsApp: (92) 99217-5691




Capa e design: Arysa Cabral

ANEXO  
DECLARAÇÃO

Declaro para os devidos fins que este Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia/Tese/Dissertação), escrito sob minha orientação, está em versão final, de acordo com as solicitações realizadas pela banca examinadora.

Informo também que procedi à revisão final do texto, constatando que atende às especificações das normas da ABNT para apresentação de trabalhos acadêmicos da UFCA, no que diz respeito ao conteúdo e à formatação.

Documento assinado digitalmente  
 JUCIELDO FERREIRA ALEXANDRE  
Data: 23/02/2026 10:06:04-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

23 de fevereiro de 2026, Juazeiro do Norte/CE.

Data e local da assinatura eletrônica